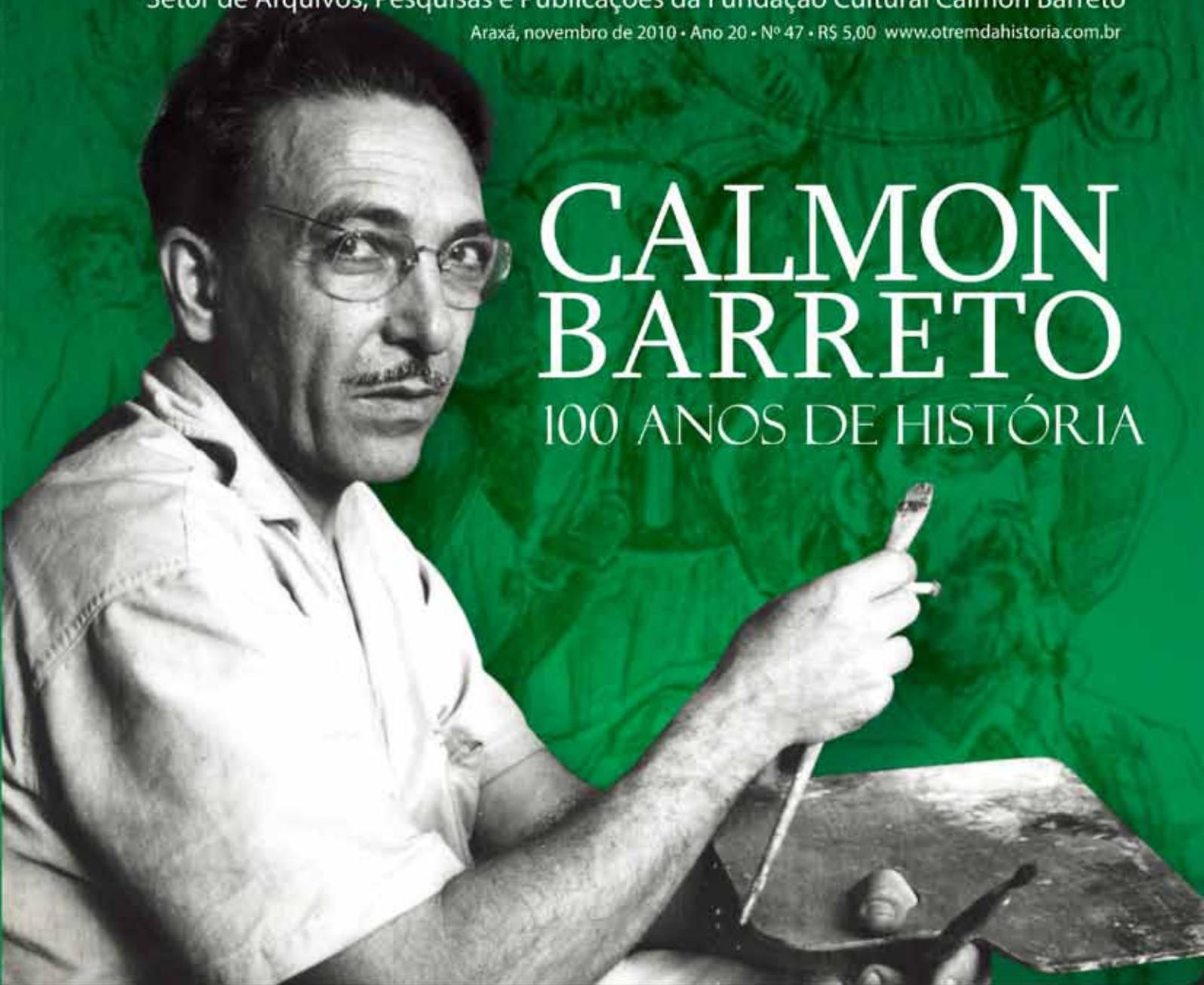


# O Trem da HISTÓRIA

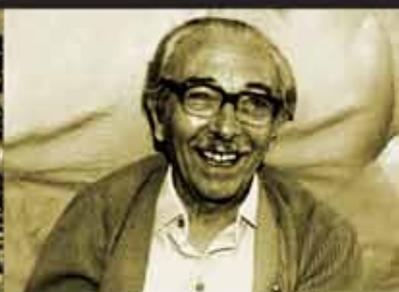
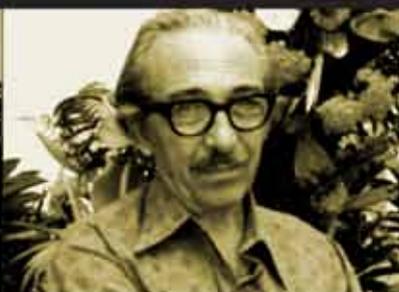
Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, novembro de 2010 • Ano 20 • Nº 47 • R\$ 5,00 [www.otremdahistoria.com.br](http://www.otremdahistoria.com.br)



## CALMON BARRETO

100 ANOS DE HISTÓRIA





Autorretrato em exposição no Museu Calmon Barreto. Óleo sobre madeira, 25x35 cm · 1959.

# O Trem da HISTÓRIA



Prefeitura Municipal de Araxá  
 Prefeito  
 Dr. Jeová Moreira da Costa



Fundação Cultural Calmon Barreto  
 Presidente  
 Walter Ogawa Silva

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações  
 Maria Trindade Coutinho Resende Goulart  
 Keyla Barbosa Machado

Concepção, pesquisa e texto  
 Glaura Teixeira Nogueira Lima  
 Doutora em História

Revisão  
 Antônia Verçosa

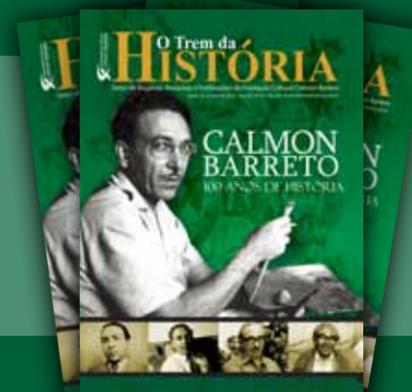
Lay-Out e Arte Final  
 Da Vinci Comunicação Integrada

Impressão  
 XXXXXXXXX

Praça Arthur Bernardes, 10 — Araxá/MG — 38.183-218  
 Fones: (34) 3691-7092 - 3691-7093  
 e-mail: fccb.araxa@gmail.com

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Visitem o site:  
[www.otremdahistoria.com.br](http://www.otremdahistoria.com.br)



Capa: Fotografias de Calmon. Acervo Família Barreto.

## SUMÁRIO

EDITORIAIS.....	4
Reverência ao Patrono.....	4
Por novos narradores.....	5
CALMON, POR ELE MESMO.....	6
O artista de Araxá, por ele mesmo.....	8
Calmon, por Ângelo d'Ávila.....	13
GENEALOGIA: OS BARRETO E OS SÁ CARVALHO.....	15
INFÂNCIA NA TERRA NATAL.....	16
O RIO DE JANEIRO.....	18
A chegada à Casa da Moeda para trabalhar como aprendiz.....	19
O ingresso como aluno da ENBA.....	20
Os prêmios.....	22
A EUROPA.....	23
O REGRESSO AO BRASIL.....	25
Calmon deixa a Casa da Moeda.....	25
Desenhos, aquarelas e ilustrações.....	26
NOVOS PROJETOS, NOVOS RUMOS.....	29
A ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES.....	31
A docência.....	31
A direção da escola.....	32
O tempo vivido em Cabo Frio.....	34
O RETORNO A ARAXÁ.....	35
Um ateliê muito especial.....	35
Riqueza e intensidade na produção artística.....	36
As marcas de Calmon Barreto na cidade.....	37
O SOCIAL E O CULTURAL.....	44
Artistas e amigos escrevem sobre a arte de Calmon.....	45
ESCRITORES E JORNALISTAS ENTREVISTAM CALMON.....	51
O ESCRITOR, O CONTISTA, O POETA, O ACADÊMICO.....	72
Sonetos inéditos.....	72
Livros.....	73
CALMON BARRETO E A ACADEMIA ARAXAENSE DE LETRAS.....	78
Calmon prefacia livro.....	79
Os acadêmicos lembram e relembram Calmon.....	80
MEDALHAS: RECEBER, CRIAR E NOMEAR.....	82
Arte-medalha.....	83
A FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO DE ARAXÁ.....	85
O PRIMEIRO ANO SEM CALMON.....	89
Retrospectiva histórica e artística: uma prévia do Museu.....	89
NASCE O MUSEU CALMON BARRETO.....	90
FONTE PARA A UNIVERSIDADE.....	94
Inspirando estudos acadêmicos.....	94
NOVENTA ANOS DE NASCIMENTO.....	103
A ETERNIZAÇÃO DO ARTISTA.....	105
OS 100 ANOS.....	108
ANIVERSÁRIO DE CALMON E DA CIDADE.....	110
CALMON NA MAIOR FESTA DA CULTURA BRASILEIRA.....	111
BODAS DE PRATA QUE VALE OURO.....	112
REFERÊNCIAS E FONTES.....	113
OUTRAS REFERÊNCIAS.....	113

## EDITORIAIS

### REVERÊNCIA AO PATRONO

As comemorações dos cem anos de nascimento de Calmon Barreto acontecem ao mesmo tempo em que a Fundação que o elegeu como patrono comemora suas bodas de prata. Os dois marcos oportunizam muito mais do que atos de celebrar datas e, sim, permitem que não nos esqueçamos daquilo que nos é significativo e que, portanto, não deve ser silenciado.

Para registrar essas histórias, promovendo possibilidades de produzir cultura como meio de transformação social, nos propusemos a valorizar o que ambos — instituição e artista — se dedicaram a cumprir ao longo do caminho percorrido por cada um. Os caminhos em questão se cruzaram, inevitavelmente.

Calmon viu nascer a instituição e lisonjeou-se com a homenagem ao seu nome, embora não se considerasse senhor desse mérito. Com ela sonhou e sofreu nos seus primeiros e instáveis tempos. O Salão de Artes Plásticas que idealizou em 1988, o seu regulamento escrito de próprio punho e sua assinatura nos certificados emitidos aos premiados, participantes e organizadores são, hoje, relíquias preservadas.

A FCCB rememora a obra, as ideias e a vida de Calmon. Assim ocorre desde a primeira exposição póstuma dos seus trabalhos (lembrando que em vida recusou-se permanentemente em realizá-las), passando pela criação do Museu Calmon Barreto (em 1996, durante a gestão anterior do prefeito, Dr. Jeová Moreira da Costa) até os atuais momentos consagrados ao seu centenário.

Lançamos o segundo livro de Calmon — Banco de Ripas — reunindo contos de sua

autoria, editados pela primeira vez. A grandeza de sua produção literária é proporcional à artística e outros contos, igualmente inéditos, em breve serão publicados pela FCCB. Ainda em razão do centenário, inauguramos uma “Mostra de Desenhos Inéditos”, constando de rascunhos de pinturas em telas, ilustrações de livros e de revistas de relevância no país, em meados do século XX. Prosseguindo nas lembranças, aconteceu a nona edição do tradicional Salão de Artes Plásticas, posteriormente denominado “Cordélia Barreto”.

O Trem da História, nossa publicação sobre a memória da cidade, dedica sua 47ª edição a Calmon. O objetivo é fazer dela uma fonte histórica indispensável aos estudos sobre o nosso mestre das artes e da literatura. Para isso foram reunidos cem anos de história, analisados segundo diferentes visões e percepções de pesquisadores, escritores, jornalistas, artistas, poetas e, dele próprio, Calmon. Tudo isso está disposto sob uma linha historicamente integrada à sua biografia, num trabalho elaborado pela historiadora de vasta experiência profissional, Glaura Teixeira Nogueira Lima.

De agora em diante, todos os que se dedicarem a estudar Calmon Barreto poderão partir deste e neste “Trem da História”. Sobre estes trilhos, a multiplicidade do talento do mestre e a possibilidade de se promover mais reflexões acerca dele estarão potencializadas. A viagem certamente será profícua, admirável, prazerosa.

**Walter Ogawa da Silva**

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

### POR NOVOS NARRADORES DE CALMON

Pesquisadores não sobrevivem sem temas que lhes instiguem ideias e desejos de compreensão de determinadas realidades. Não sobrevivem sem fontes históricas que lhes possam indicar o fascinante caminho da pesquisa. Partindo dessa perspectiva optei por reunir aqui referências de tudo, ou quase tudo, que já foi produzido por e sobre Calmon Barreto.

O convite da direção da FCCB para que eu realizasse este trabalho encheu-me de orgulho. Razões cidadãs, profissionais, familiares e pessoais justificam meu imenso prazer de contribuir para que um personagem e sua imensa obra produzida jamais sejam esquecidos. Mais do que isso ainda: que sua produção artística e intelectual possa gerar novas formas de vida, novas possibilidades de transformação social, tal como ele próprio sempre o fez.

Nesta edição de O Trem da História, leitores têm disponível um “Roteiro Calmoniano” que orienta a vida de um araxense do século XX e dos séculos que ainda virão. A partir de um percurso que inicia no seu nascimento e infância, é possível caminhar por diversas fases, até as posteriores ao seu falecimento, pontuando, em cada uma, a importância que ele representou e representa para as artes e a cultura do país, de Minas Gerais e, evidentemente, de Araxá.

As relações sociais, políticas, econômicas e culturais de cada lugar onde viveu e trabalhou, onde deixou sua marca artística, estão aqui tecidas em contextos que revelam os significados de uma história pessoal que é também coletiva. Ele mesmo afirmou semelhante pensamento ao inaugurar seus escritos pessoais, registrando as experiências vividas com o objetivo de “acrescentar algo positivo”.

Calmon tinha consciência da difícil, porém rica trajetória empreendida, captando os sinais que se lhe apresentavam e fazendo deles aprendizados da existência humana. Haja vista este roteiro de fontes sobre ele, sustentadas num eixo em que cada fase ou capítulo de sua história deixa entrever inteligência, talentos múltiplos, trabalho, perseverança, irreverência, humanismo, consciência social e muito mais.

Uma extensa pesquisa foi realizada para identificar os rastros que ele imprimiu ao longo da vida. Para além do que anotou pessoalmente foram pesquisados o expressivo arquivo da família Barreto e o não menos fundamental arquivo da FCCB. Nesses dois arquivos há documentos de diversos suportes como livros, jornais e recortes de jornais, revistas, correspondências, álbuns de fotografias e tantas outras avulsas, desenhos e mais desenhos, pinturas e esculturas excepcionais. Sua casa e ateliê, hoje resguardados por Cordélia, são, por excelência, uma riquíssima fonte histórica.

Tais fontes estiveram submetidas à identificação, pesquisa, sistematização, análise e escrita, conforme os métodos e as interpretações que minha formação profissional me permitiram fazer e, foram posteriormente, transformadas em um grande texto. Neste estão inseridos textos de Calmon, textos de autores diversos que se dedicaram a interpretá-lo de maneiras as mais distintas e textos meus, cabendo a mim tecer os fios que fazem a trama da sua história e que a une à história da cidade.

Sua vida é um texto a ser lido, conhecido, eternizado e, oxalá, mais valorizado. O texto escrito vem acompanhado do texto visual, pois Calmon é a personificação de imagens plásticas e fotográficas reveladoras de um inconfundível mestre.

Este número de O Trem da História traz, em grande medida, as marcas que Calmon nos deixou. Muitas delas estão espalhadas por Araxá. O que se pretende é que todas estimulem novos conhecedores e narradores da sua história. Que venham novas pesquisas, novas reportagens e novos estudos em todas as esferas do conhecimento. Ele e nós, seus conterrâneos, leitores e admiradores do seu talento, merecemos. As novas gerações também merecem.

**Glaura Teixeira Nogueira Lima,**  
Doutora em História.

Profª da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.  
Da Academia Araxaense de Letras.

## CALMON, POR ELE MESMO



Calmon Barreto. Década de 1980. Acervo Família Barreto.

Aqueles que fazem anotações diárias, o fazem certos de que, um dia, alguém conhecerá o conteúdo de uma história de vida que se faz eternizada. Isso ocorre menos por vaidade, mais pela consciência de quem percorre um caminho de experiências construído lentamente, porém capaz de transformar realidades, no sentido amplo e coletivo. Nas palavras de Calmon, iniciativas como essas “não são autobiografias. Absolutamente, não!” Objetivam, sim, “acrescentar algo de positivo”.

Calmon Barreto registrou o seu cotidiano. Escreveu uma espécie de introdução, inserindo dados biográficos e vivências da infância, mais focalizadas na vida escolar e no dia-a-dia de uma criança do início do século XX, em Araxá. Na sequência, parte do tempo vivido no Rio de Janeiro fora anotado, conforme o ritmo das sensações e dos acontecimentos, não necessariamente no compasso de um dia após o outro. De volta a Araxá, definitivamente, ele retomou as anotações com método semelhante àquele antes adotado.

O irmão e o amigo-contrerrâneo — Fernando Barreto e Ângelo d’Ávila, respectivamente — tornaram acessíveis as suas memórias. O primeiro reuniu e organizou o trabalho e o segundo fez criteriosa transcrição, depois finalizada em “Calmon Barreto (1909-1994): Anotações Autobiográficas”, arquivado e disponível à pesquisa na Fundação que leva o seu nome.

Nada melhor do que ser apresentado a Calmon por meio dele mesmo. Anotações pessoais referentes à sua primeira infância e, dessa, ao período que se estendeu até os onze anos, quando ele deixou Araxá, nos revelam informações e experiências históricas. Sob a perspectiva do protagonista podemos conhecer um pouco do seu mundo infantil. Este mundo o marcaria profundamente. Nele despertaram-se percepções, em seguida reelaboradas em forma de práticas, conceitos e ideias que o norteariam pela vida inteira. Neste mundo, ele teve o primeiro contato com a arte e as suas diversas modalidades.

### O DESENHO E AS ILUSTRAÇÕES:

*“... observando meu interesse pelas gravuras sugeriu que eu tentasse fazer algumas cópias.”*

(Sobre D. Luíza Marçal, professora na infância.)

*“A papelaria do Sr. Joaquim Cardoso expôs em sua única vitrina umas caixinhas de aquarela em tabletes (...). Durante as semanas que se seguiram, e enquanto duraram as tintas, sujei tudo quanto fosse papel que aparecesse à minha frente.”*

(Sobre o sonho realizado com as aquarelas que ganhou do seu padrinho, Belarmino Machado.)

*“Todas as semanas eu trazia para casa um desenho a lápis de cor, ou então feito a esfumino, de cor preta. Geralmente tratava-se de cópias tiradas das estampas de santos ou das ilustrações da Divina Comédia por Doré.”*

(Sobre as aulas na oficina do mestre Leopoldo, durante a infância em Araxá.)

### A ESCULTURA:

*“... passava os dias na beira dos córregos nadando e vadiando com os amigos até que um dia descobri, num barranco, um ótimo barro de olaria conhecido por tabatinga, de onde comecei a esculpir minhas carrancas(...) Em seguida, passei a fazer tijolinhos de tabatinga e a construir casas onde os bonecos pudessem habitar. Cheguei a construir uma cidade inteira com ruas, calçadas, igrejas, encanamento de água corrente, etc.”*

(Sobre as primeiras experiências com a arte de escultura.)

### A PINTURA:

*“... desenhos com motivos de geleiras montanhosas, lagos, mares, coisas enfim, diferentes da nossa natureza. Foi daí que começaram a surgir meus sonhos e primeiros contatos com a pintura, sonhos estes que ainda perduram.”*

(Sobre as paisagens que o pintor Pedro Leopoldo pintava nas paredes da casa do Cel. Adolpho de Aguiar, vizinho da família Barreto.)

*“... furti-lhe uma lata de tinta vermelha e mais um grosso pincel. Pus-me a pintar garatujas em todos os espaços brancos que havia nas paredes da nossa casa.”*

(Sobre o motivo que levou o mestre Leopoldo a se oferecer para lhe dar aulas de pintura.)

*“Com ele aprendi a restaurar imagens, a fabricar tintas e massas e, sobretudo, aprendi a ser perseverante. (...) Esta observação serviu-me mais tarde, quando me dediquei ao estudo da gravura na Casa da Moeda.”*

(Sobre os ensinamentos recebidos do mestre Leopoldo.)

### A GRAVURA:

*“Ja ser um gravador, fazedor de gravuras. Pensei logo em Doré, porque gravura para mim era aquilo que Doré fazia.”*

(Sobre a notícia dada por seu pai de que iria para o Rio de Janeiro.) para estudar e trabalhar na Casa da Moeda.)

## O ARTISTA DE ARAXÁ, POR ELE MESMO

*Meu nome completo é Calmon Barreto de Sá Carvalho. Nasci em Araxá (MG) em 20 de novembro de 1909, filho de Annibal Barreto e Alfonsina Carvalho Barreto.*

*Da parte do meu pai, nossa família descende do velho tronco bandeirante de Nicolau Barreto que povoou o norte de São Paulo. Eram, no século passado e até hoje, fazendeiros criadores. Os filhos de Francisco José Barreto, descendentes do primeiro, cumprindo a vontade do pai, expressa antes da sua morte, doaram 62 alqueires de terras, tiradas da Fazenda Fortaleza, os quais formaram o patrimônio do Arraial dos Barretos, depois cidade de Barretos, em 1885. Francisco José Barreto ali aportara em 1845. Outros descendentes adentraram-se em Goiás e Triângulo Mineiro. Da parte materna, nossa família é originária do Estado do Rio de Janeiro, também fazendeiros.*

*Sou o segundo dos onze irmãos, a saber: José, Calmon, Stela, Edmeia, Djalma, Arlete, Nabuco, Átila, Cordélia, Elisabeth e Fernando. De 1936 a 1943, fui casado com Felicitas Meyer Beer.*

*Minha primeira infância, passei-a na fazenda do Garimpo do Ouro, de propriedade da família. Ao completarmos idades escolares, eu e José, nossos pais transferiram-se para*

*Araxá e fomos matriculados no Grupo Escolar Delfim Moreira.*

*Como éramos muito indisciplinados, fomos transferidos para a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, dirigida pela professora D. Luíza Marçal, mestra de grande competência e severidade, de quem ainda trago as mais doces recordações de reconhecimento. Recebi seus ensinamentos durante quatro anos, o suficiente para matricular-me, mais tarde, no Instituto Brasil que também funcionava em Araxá e que, dois anos depois, se transferiu para a cidade de Lavras.*

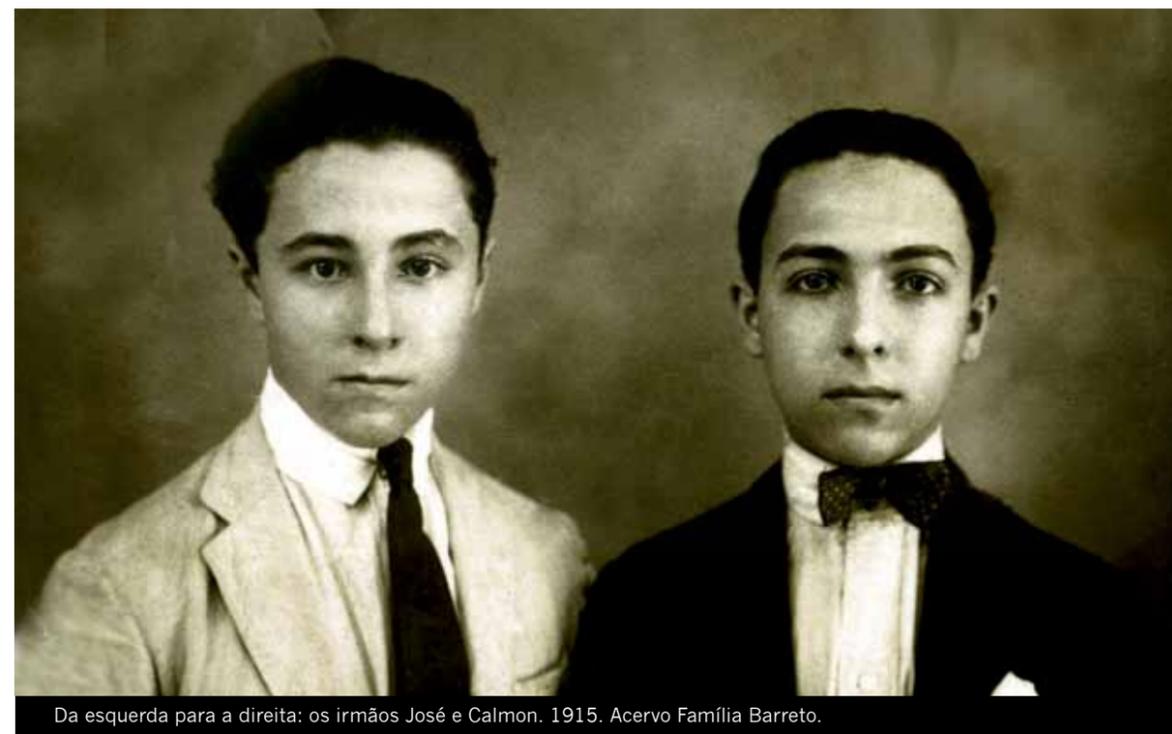
*Voltando à escola de D. Luíza, como era conhecida, foi lá que tive as primeiras impressões sobre as artes plásticas. Lembro-me de que havia um dia da semana em que ela permitia aos alunos fazerem na aula o que bem entendessem.*

*Da minha parte, preferia consultar os livros ilustrados da sua pequena biblioteca. Foi daí que D. Luíza, observando meu interesse pelas gravuras, sugeriu que eu tentasse fazer algumas cópias.*

*No decorrer de poucas semanas, todos os alunos já se interessavam pela arte do desenho, inclusive a própria professora. No fim de certo tempo, esgotamos*



Os irmãos Barreto. Em pé, da esquerda para a direita: Calmon, Nabuco, Djalma, José, Fernando e Átila. Sentadas, da esquerda para a direita: Stela, Edméa, Elisabeth, Arlete e Cordélia. Década de 1940. Acervo Família Barreto.



Da esquerda para a direita: os irmãos José e Calmon. 1915. Acervo Família Barreto.

*as gravuras originais disponíveis e, então, passamos a criar paisagens. Por sorte, eu sempre tinha melhores ideias, razão por que passei a ser considerado o primeiro da turma.*

*Em março de 1920, meu irmão José e eu fomos matriculados no Instituto Brasil, ele, no segundo ano ginasial e eu, no primeiro. Era diretor do Instituto o grande mestre Dr. José Bento Coelbo e o corpo docente se compunha de suas irmãs e respectiva esposa. Tratava-se de uma família de cor que não era católica, professavam a teosofia, originando-se daí a perseguição que sofreram na cidade, sendo forçados a se mudarem para um centro mais culto.*

*Aproveitei muito durante os dezoito meses que frequentei este instituto, se bem que não brilhei em nada, sendo mesmo um dos piores alunos. Todavia, aprendi com o Dr. José Bento que a bondade, a dignidade e a competência não exigem exclusividade pela cor da pele.*

*Se eu fosse literato e pudesse descrever meu tipo inesquecível e publicá-lo na revista Seleções, escolheria a figura do Dr. José Bento*

*Coelbo, grande brasileiro, grande educador e verdadeiro gentil-homem.*

*Infelizmente, o Estado de Minas Gerais perdeu-o por causa dos preconceitos de cor e religião. Ganhou o Estado do Rio para onde ele se mudou, pois ao falecer deixou, em Niterói, uma grande casa de ensino e uma memória inesquecível a todos aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo e se privar com ele.*

*No Instituto Brasil, eu era frequentemente censurado pelo diretor, devido às minhas desatenções nas aulas e meu costume de matar o tempo rabiscando gravuras nos livros e cadernos.*

*Recordo-me de uma feita em que o Dr. José Bento apareceu na casa de comércio do meu pai, para se queixar do meu desleixo na escola. Meu pai lhe disse que havia me surrado várias vezes, acrescentando que eu não tinha conserto. Parece que este incidente dera ao Prof. José Bento uma ideia de que deveria criar um curso de desenho no currículo do Instituto (nesta época não existia ainda a lei que obrigava o ensino de desenho nas escolas). Daí contrataram*

*o prof. Pedro Leopoldo Vieira, baiano e formado pela Escola de Belas Artes da Bahia.*

*O Sr. Pedro pintor, assim conhecido na cidade, era pessoa de grande sensibilidade artística, como mais tarde vim a comprovar.*

*Todavia, forçado pelas circunstâncias da vida e tendo no sangue aquele nomadismo próprio dos baianos, veio dar com os costados em Araxá, então uma cidadezinha de cinco mil habitantes, com dois terços de analfabetos.*

*Pois bem, durante os dezoito meses em que desempenhou satisfatoriamente suas funções de professor no colégio, não tive ventura de ser seu aluno porque o curso só era administrado a alunos a partir do segundo ano ginasial.*

*Por interesse próprio, eu procurava acompanhar suas aulas através dos desenhos do aluno Guariguasy Maciel que era, então, o menino prodígio da cidade. Hoje é uma figura destacada no nosso meio radiofônico, não quisera continuar no estudo do desenho, mas tornara-se um talentoso músico.*

*Guariguasy fez-me conhecer o famoso carvão (fusin), material que havia chegado à papelaria da cidade. Achei o carvão tão grosseiro que me parecia impossível obterem-se fisionomias com pedaços de madeira queimada. Realmente, nenhum dos alunos do Instituto conseguia sequer atingir as impressões desejadas. O mestre Pedro Leopoldo também não conhecia o material, era hábito então todo o desenho ser feito a crayon e esfuminho.*

*A papelaria do Sr. Joaquim Cardoso expôs em sua única vitrina umas caixinhas de aquarelas em tabletes que, durante meses, lembro-me, fora minha maior ambição possuir uma delas. Nessa ocasião, meu pai passava por grave crise financeira e, com a família sempre aumentando, não podia desperdiçar dinheiro com supérfluos, razão por que, depois de cansado de ouvir minhas cantilenas, proibiu-me de tocar no assunto.*

*Não me dei por vencido, escolbi um dia em que ele estava em companhia de amigos no cartório do meu padrinho Belarmino Machado, e aproveitei a situação para renovar-lhe o pedido com insistência, em presença de terceiros para evitar a reprimenda do velho. Meu padrinho quisera saber de que se tratava e, ao saber, puxou do bolso duas pratas de dois mil réis e outra de um mil réis, ordenando que eu comprasse logo as tintas e depois lhe mostrasse as produções.*

*Fiquei radiante, acho que foi o dia em que senti a maior alegria da minha vida, apesar da surra que levei quando cheguei à nossa casa. Durante as semanas que se seguiram, e enquanto duraram as tintas, sujei tudo quanto fosse papel que aparecesse a minha frente.*

*Minha mãe gostou de uma cópia que eu fizera da imagem do Cristo, que havia em nosso oratório e enviou-a a sua irmã Edmeia Ribeiro de Sá Carvalho residente no Rio de Janeiro.*

*Esta minha tia era noiva do Sr. Fernando Silva, na ocasião funcionário da Casa da Moeda (depois chefe das Fundições de Ferro). Uma semana depois recebi uma carta com efusivos cumprimentos pela minha grande obra e mais a notícia de que eles viriam passar a lua-de-mel em Araxá, após o casamento marcado para dezembro.*

*Estávamos ainda no começo do ano e muitas coisas eu teria que aprender, mas dado que houve a mudança do Instituto para Lavras, depois de iniciada a construção do edifício sede, com despesas e sacrifícios para o prof. José Bento, eu fiquei sem nada o que fazer, então passava os dias na beira dos córregos nadando e vadiando com os amigos, até que um dia descobri, num barranco, um ótimo barro de olaria conhecido por tabatinga de onde comecei a esculpir minhas carrancas.*

*Neste ínterim, morre afogado um dos companheiros de vadiagem, daí me surgindo a proibição de não voltar a brincar na beira d'água, fato que não impediu que*

*trouxesse grande quantidade de tabatinga e começasse a produzir meus bonecos no fundo do quintal.*

*Era-me divertido fazer figuras de fantasmas para assustar nossa velha babá, uma preta de coração boníssimo que tinha sido escrava no tempo da minha avó. Para conseguir o efeito fantasma, fazia a escultura em baixo-relevo e colocava-a sobre o muro depois de borrifada com polvilho ou fubá para torná-la esbranquiçada. Assim, vista de noite e de repente, para quem não estivesse preparado, dava para amedrontar. Eu ficava escondido à noite, esperando para apreciar e gozar a hora em que a babá, ao passar pelo local, deparando-se com o fantasma, voltasse em disparada benzendo-se com o sinal da cruz.*

*Cito este fato porque fora o meu primeiro passo no tão difícil terreno da arte de escultura. Em seguida, passei a fazer tijolinhos de tabatinga e construir casas onde os bonecos pudessem habitar. Cheguei a construir uma cidade inteira com ruas, calçadas, igrejas, encanamento de água corrente, etc. Às vezes, quando meu pai passava por lá, coçava a cabeça, mas nada dizia. Depois, aos poucos, vinha trazendo os vizinhos para apreciarem meu artístico brinquedo.*

*Nosso vizinho de cima, o coronel Adolpho de Aguiar, fazendeiro e milionário, de mudança para a cidade a fim de cuidar da instrução dos filhos, contratou o mestre Leopoldo para decorar a sua casa com desenhos e, comentando que as paisagens sertanejas eram muito áridas, encomendou ao pintor que fizesse algo fora do usual, com motivos de geleiras montanhosas, lagos, mares, coisas enfim que fossem diferentes da nossa natureza. Foi daí que começaram a surgir meus sonhos e primeiros contatos com a pintura, sonhos estes que ainda perduram.*

*Meu pai, não podendo matricular-me no colégio, resolvera que eu deveria escolher um ofício entre os de carpinteiro, balconista ou alfaiate. Nessa ocasião, eu já havia terminado o curso primário, precisava então de começar a ganhar a vida. Fiquei*



Antiga residência do Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar, situada na atual praça Cel. Adolpho, onde tudo começou. 1985. Arquivo SAPP/FCCB.

*deveras impressionado com essa estória e deduzi, com a minha mentalidade de onze anos, que a razão disso seria o fato de que meu pai surpreendia-me sempre em atitudes paradas, contemplativas, me achando com jeito de abobalhado e que entendera ser o melhor remédio dar-me ocupação nalguma atividade. Classifiquei a ideia de meu pai como sendo coisa realmente de velho gagá e esqueci a sugestão.*

*Na ausência do mestre Leopoldo, pulei o muro que separava a casa do coronel Adolpho e furti-lhe uma lata de tinta vermelha e mais um grosso pincel. Pus-me a pintar garatujas em todos os espaços brancos que havia nas paredes de nossa casa. Meu pai botou a mão na cabeça e, em conversa com o mestre, contou-lhe sobre os prejuízos que eu estava lhe causando. Foi daí que o mestre Pedro Leopoldo o aconselhou que me fizesse estudar pintura, oferecendo-se por preço módico a iniciar-me na tão penosa carreira artística.*

*Era março de 1921 quando comecei realmente minha carreira artística. De acordo com os costumes do interior, o mestre fez-me copiar uma série de estampas no*

*gênero da Academie Julien.*

*Às dez da manhã estava eu na sua oficina, de onde só saía no pôr do sol. Esta fase deliciosa da minha vida durou de março a março de 1921/22, até minha ida para o Rio de Janeiro.*

*O mestre Pedro Leopoldo teria sido um grande pintor se tivesse vivido num centro maior, mais evoluído. Era senhor de grande habilidade e conhecimentos técnicos, porém forçado a agradar aos fregueses, executando cópias conforme os costumes em voga no sertão.*

*Com ele aprendi a restaurar imagens, a fabricar tintas e massas e, sobretudo, aprendi a ser perseverante. Quantas vezes eu dava um desenho por terminado e ele me obrigava a trabalhar mais alguns dias para aperfeiçoá-lo. Esta observação serviu-me mais tarde, quando me dediquei ao estudo da gravura na Casa da Moeda.*

*Todas as semanas eu trazia para casa um desenho a lápis de cor, ou então feito a esfuminho, de cor preta. Geralmente tratava-se de cópias tiradas das estampas de santos ou das ilustrações da Divina Comédia por Doré. Recordo-me bem da cópia que fiz do gigante Anteu carregando Dante e Virgílio e com que amor fazia estes trabalhos! Esta cópia causou sensação na cidade, passei a ser considerado menino prodígio. E como me senti convencido!*

*Em dezembro vieram hospedar em nossa casa os meus tios do Rio, em lua de mel. Um alvoroço em família. Eu era um bicho do mato e só compareci à presença deles três dias depois, tal a minha timidez e pavor diante de estranhos, porque na verdade eles me eram estranhos, moravam na capital e falavam uma língua diferente da nossa.*

*No janeiro seguinte, 1922, o casal voltou para o Rio, combinado com meu pai a ver uma possibilidade para auxiliar-me nos estudos, fato esse de que então eu não tive raconhecimento.*

*Devido ao meu progresso como aluno de pintura, ganhei afeição do mestre Leopoldo e sua família, já considerado como gente da casa deles. Entretanto, depois de elogiar um desenho meu, deu-me a triste notícia de que não poderia continuar me ensinando porque estava com ideia de procurar um centro maior, uma vez que em Araxá não encontrara mais serviço assim que terminara o contrato com o coronel Adolpho.*

*Nesse dia voltei para casa muito sem graça. Ao transmitir-lhe a notícia, meu pai respondeu que já sabia, mas que eu não devia me preocupar com a mudança do Sr. Pedro para o Rio, porque era onde também eu ia morar; na casa dos meus tios, inclusive que até já haviam me arranjado um emprego. Ia ser um gravador, fazedor de gravuras. Pensei logo em Doré, porque gravura para mim era aquilo que Doré fazia.*

*Enquanto esperava passar os dois meses que faltavam para a longa viagem, dividia meu tempo entre as aulas do mestre, o meu emprego de varredor do cinema local e, às vezes, de baleiro (vendedor de balas nos circos que aparecessem na cidade).*

*Passei a dormir mal. Tinha sonhos e pesadelos em supor que, chegando ao Rio de Janeiro, não ia conseguir respirar por causa da altitude zero, comparando o Rio com o nosso Araxá a 900 metros do nível do mar, sem entender que a respiração nada tinha a ver com isso.*

*Finalmente chegou o 15 de março, data marcada para a nossa partida. Levando uma malinha feita de caixa de papelão, coberta com pano, rodeada por duas correias para garantir-lhe a segurança, recebi os abraços, as bênçãos dos meus pais, as recomendações da babá Abadia e, assim, com medalhas de santos amarradas ao pescoço por minha mãe e um aperto no coração, partimos de automóvel até São Pedro de Alcântara, onde íamos tomar o trem que nos levaria ao Rio de Janeiro (...)."*

RF. 01

## CALMON, POR ÂNGELO D'ÁVILA

Amigo, conterrâneo, leitor da obra de Ângelo d'Ávila e dele admirador, Calmon é, por ele, assim descrito e rememorado

*Calmon Barreto, um nome, uma história. A trajetória da vida deste grande artista araxaense, ele a fez pautada no caminho das artes, desenho, gravura, pintura, escultura e literatura. Almoçava e jantava arte, dormia e amanhecia arte e só não morrera de arte porque a própria o imortalizara. Assim o conheci e assim foi-lhe a vida até a passagem desta para outra melhor.*

*Garoto ainda, aos doze anos, começou como aprendiz de gravador na Casa da Moeda, Rio de Janeiro, onde permaneceu durante cinco anos seguidos longe dos pais, firme na opinião de atingir seu objetivo, remoendo saudades adolescentes de casa e da vidinha livre que gozava em Araxá e na Fazenda do Ouro de seus progenitores.*

*Da Casa da Moeda, aprovado por concurso, passou à Escola Nacional de Belas Artes, onde atingiu o grau máximo de Mestre-Gravador, então já trabalhando na gravura de Talho-Forte, com metais e pedras preciosas. Angariou, no setor, todas as Menções Honrosas disponíveis, finalizando com a obtenção da Medalha de Prata que o credenciou, por seus reconhecidos méritos e talentos, a ganhar o Prêmio de Viagem à Europa, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos.*

*Viajou por toda a Itália, onde, orientado pelo professor Girardet que o havia levado em sua companhia, prestou concurso e foi aprovado em 1º lugar para a Real Scuola de la Medalha, cujo ensino pouco ou quase nada lhe acrescentou ao que já aprendera no Brasil.*

*Da Itália passou para a França, onde permaneceu a maior parte de sua estada na Europa, fazendo pião em Paris, viajando por uma dezena de países do velho mundo. Visitou várias cidades, museus, exposições de artes, conheceu gente importante ligada à profissão.*

*Na Europa, orientado por grandes mestres, continuou seus estudos sobre Desenho, que mais tarde lhe serviriam como base para a realização em óleo sobre tela, da sua extensa e mais importante obra no campo da pintura,*

*cujo acervo acha-se hoje aos cuidados de seus irmãos, Cordélia e Fernando, também artistas plásticos de renome e alto gabarito. Além dos quadros a óleo, Calmon deixou mais de oitocentos desenhos em cartolinas de médio porte.*

*Regressando ao Rio de Janeiro, alcançou por concurso a Cátedra de Anatomia e Modelo-Vivo na Escola Nacional de Belas Artes, aposentando-se como diretor, com o título de doutor, em reconhecimento aos seus altíssimos méritos.*

*Aposentado, voltou à terra natal onde passou a residir definitivamente. Não vendia quadros, doava-os aos muitos amigos e, muitas vezes, por vocação cigana como ele achava que possuía do sangue, preferia trocar do que comerciar os quadros.*

*Ao longo do tempo, se pesquisarmos as obras de vários artistas em épocas diferentes, polemizando os meios de suas formas estruturais expressivas, focalizando com minúcias os movimentos artísticos desde o Renascimento até hoje, observando os estilos polêmicos surgidos, qual seja a falta de entendimento da arte moderna por parte do público, a gente chega à conclusão de que, na visão da sociedade de consumo em todos os tempos, busca-se principalmente no produto final um valor venal a ser negociado, objetivando a tornar o fazer artístico apenas uma mercadoria comercial. Entretanto a arte em si dever-se-á, sobretudo, possuir um valor intrínseco que não pode ser negociável. Seu fazer origina-se de um processo destinado à aprendizagem, ao conhecimento, à compreensão, ao desenvolvimento, ao aperfeiçoamento individual do artista que a criou sem necessidade de vendê-la, uma vez que comprada não fora como dom do espírito gratuito que é enriquecida pelo estudo que faz os gênios, cujas obras excessivamente são valorizadas no futuro. Calmon se classifica entre estes gênios, demonstrou-se ser um artista da arte pela arte e Araxá está de parabéns por merecê-lo.*

*Sua pintura evoluiu para estilo próprio e para a expressão dos grandes ideais humanísticos da*

civilização, com a valorização do homem e a reprodução realista da vida. Este fato também aconteceu no Renascimento, evidenciado em Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Brunelleschi, Michelozzo, Donatello, André Orcagna e outros da Escola Florentina difundida por vários países da Europa.

Calmon alargou ainda mais seus horizontes, fora dos motivos puramente religiosos, adotados naquela época, saiu para a criação de temas genericamente relacionados com a cultura e a evolução humana, veja exemplo no óleo sobre tela intitulado a *Evolução do Homem*, bem como, temas relacionados com fatos históricos da cidade de Araxá, tocante aos costumes e origens dos povos imigrados na região.

A movimentação em suas telas desta fase lembra um Rubens alemão veja o combate do Largo São Sebastião, as figuras de animais, seus cavalos trotando, um Rubens melhorado sem a redundância de formas abastadas em uso na época para um contorno de formas mais graciosas, de conformidade com os padrões hodiernos e coloridas com tonalidades atraentes e adequadas, criadas pela química moderna. Exímio figurista de animais, principalmente da raça cavalgar, suas telas nesse setor são inigualáveis, podendo com destaque aparecer nos mais exigentes museus e exposições do mundo artístico.

Suas grandes esculturas, o *Garimpeiro*, o *Laçador*, a *Face Dupla de Bento Antônio da Boa Morte e Bom Jardim*, cinzeladas em anfibolito xístico mais duro que o mármore de Carrara, são obras dignas de um Miguel Ângelo, sem esquecer os baixos-relevos da *Cripta do Monumento da Laguna no Rio de Janeiro*, os da sede do Banco Real em Belo Horizonte, túmulos para os cemitérios do Rio de Janeiro e os bustos de personagens várias e muitas outras esculturas de menor porte.

A obra de Calmon Barreto na Escultura, no Desenho e na Pintura é muito extensa e a vida lhe dera tempo para criá-la. Nascido em 1909, viveu mais de oitenta anos trabalhando sem cessar. Durante o tempo que viveu aposentado em Araxá, em silêncio e sem alarde, foi realizando a fase final da sua obra, cuja extensão talvez pouca gente conheça, uma vez que muitas das

telas foram doadas aos incontáveis amigos, a maioria desconhecida pelo público.

As imagens em pinturas parecem vivas, ora é um Fernão Dias lançando no espaço o alucinado sopro verde de seu pensamento esmeraldino, ora uma lara movimentando-se no fundo das águas, com seus cabelos de ouro e corpo elástico, ora uma índia abrindo os braços, como que para cingir o inteiro corpo da floresta, ora um Cristo anatematizado com os músculos proeminentes exalando o sofrimento na cruz, ora uma Dona Beja seminua e esplêndida na Fonte da Jumenta ou trotando em seu belo baio.

Grande como poucos na arte e maior como nenhum na grandeza de coração, com sinceridade de bom amigo, Calmon Barreto é dessas figuras que a gente jamais esquecerá, quando dele se lembra na eterna ausência enchem de saudade os nossos corações.

Assim como Miguel Ângelo foi para Roma e é hoje para a Itália e o mundo, Calmon o é para Araxá e será para o Brasil e o mundo uma eterna presença. Ambos são parecidos. Além de tudo, deixou para Araxá um livro de contos, *Araticum*, onde narra as lembranças com propriedade e talento de bom escritor, os costumes épicos e folclóricos da região. Tornou-se pela cultura membro efetivo da Academia Araxaense de Letras, eleito por unanimidade.

Hoje, Araxá homenageia este grande artista com a exposição perene das obras no museu que leva seu nome, além da Fundação Cultural Calmon Barreto. Foi grande homem, hoje é história grande e para sempre será grande saudade. O que é bom nunca morre.

Calmon Barreto continuará vivo em nossos corações, a memória irá sucedendo para os futuros conhecedores de sua obra. Não morreu, tornou-se imortal aqui na Terra e na Eternidade."

Ângelo Tibúrcio de Ávila (Ângelo d'Ávila), 85 anos, araxaense que vive em Brasília, é autor de vasta obra literária. Escritor premiado, dentre outras atividades profissionais exercidas ao longo da vida, pertence, também, à Academia Araxaense de Letras como sócio-correspondente.

## GENEALOGIA: OS BARRETO E OS SÁ CARVALHO

A família Barreto, da qual descende Calmon, está entre as primeiras que se estabeleceram em Araxá durante a colonização portuguesa no país, entre o final do século XVIII e o início do XIX. Durante este século e o que se seguiu, o século XX, os Barreto estiveram presentes na história do município, sobretudo na sua vida urbana.

Calmon era filho de Annibal Barreto que, por sua vez, era filho de Olivério de Paula Barreto e de Escolástica Cândida de Araújo. Os avós de Calmon, Olivério e Escolástica, tiveram filhos: Annibal, Urbano. Olivério, por sua vez, era filho de Francisco de Paula Barreto e Vitória Tomásia Carneiro.

Avô paterno de Calmon, Olivério, participou ativamente da vida pública local. Durante a transição do Império para a República, a Câmara Municipal de Araxá aderiu oficialmente ao novo regime, nomeando uma intendência para a gestão do Governo Provi-

sório. Dentre os novos intendentes estavam José Porfírio Álvares Machado, Belarmino de Paula Machado, Horácio de Sá Carvalho e os adjuntos, José Vieira Machado e Olivério de Paula Barreto.

Sim, seu avô materno, Horácio de Sá Carvalho, também compôs a nova Intendência que exerceu o comando do então extenso município de Araxá até 1892. Os Sá Carvalho, linha materna de Calmon, são naturais do Estado do Rio de Janeiro. Horácio, seu avô, chegara a Araxá por volta de 1883, vindo da terra natal e, depois, de Ribeirão Preto. Tornou-se um próspero comerciante, casou-se com a araxaense Maria Ferreira Ribeiro (filha de Vicente Ferreira Ribeiro e Maria Cândida Dias Maciel) e formou uma família de cinco filhos: Alfonsina (mãe de Calmon) José, Carmen, Edmeia e Rita.

RF. 02



Alfonsina Carvalho Barreto e Annibal Barreto, pais de Calmon. 1912. Acervo Família Barreto.

## INFÂNCIA NA TERRA NATAL

O universo infantil de Calmon fundamentou o artista, que foi também escritor e contista. Na maturidade, ele escreveu “Solidão”. Neste texto observamos sinais das experiências rurais e urbanas vividas, durante a infância, na Fazenda do Garimpo do Ouro e, depois, prosseguida na cidade, para onde a família se mudou para que José e Calmon, os dois filhos mais velhos, pudessem estudar.

### Solidão

*A cidadezinba em miniatura estava pronta. Primeiro, traçara as ruas: as paralelas e as transversais. Dois tijolinbos moldados em caixas de fósforos, feitos na véspera e secos ao sol. Iniciara a igrejinba, com sua torre encimando a nave central, ladeada por duas outras, tal qual a grande e verdadeira igreja de S. Sebastião, tão velha como a vovó Escolástica. Construíra, depois, a cadeia com suas janelinbas gradeadas de paus de fósforos trançados, tudo muito parecido. Compôs as ruas, o casario do povo – alguns edifícios cobertos de capim e dois de telbinbas de barro, por ele também fabricadas.*

*Tudo pronto e bonito; só faltava a pintura de cal para a igreja, mas esta ficaria para o dia seguinte, pois as paredes ainda estavam úmidas.*

*Ele, Iório, era um criador! Um artista, e tinha apenas onze anos; fizera a cidade em pouco mais de três horas — uma façanha! Sentia-se orgulhoso!*

*Deveriam ser agora duas horas da tarde; o dia estava claro, seco e quente. Tudo sossegado no quintal e talvez no mundo. Mundo, mundo... será que o mundo era muito grande? ...Tudo sossegado no quintal...*

*Os rumores que ouvia partiam dos passarinbos; eram sons esquisitos e havia, acompanhando os cantos estridentes dos*

*bem-te-vis e garrichas, os sons graves das pombas rolas... Música de carinho...*

*Da casa, nenbum barulho; talvez estivesse vazia: Papai e Mamãe visitando os compadres; os outros meninos, com certeza, na escola, estavam prestando os exames de fim de ano. Ele, Iório, por sorte ou azar, já os prestara.*

*Gritou o nome da Abadia, a preta velha que o criara, e nada...*

*Pensou em cantar – lembrou-se da música que ouvira, tocada no cinema – La Paloma – música bonita, mas triste, e ele não sabia o porquê.*

*Cantou um pouco, mas sentiu-se tão só, tão só...*

*Quem sabe se na cachoeirinba encontraria alguém, os outros meninos? A água deveria estar fresquinba e transparente como a sombra das árvores...*

*Seu coração doeu de saudades... Saudades de ouvir vozes e risos de meninos como ele. Sentiu intensamente o aperto de abafo no peito. Saltou o limoso muro de adobe do fundo da borta, ganhou a rua, e, em correria louca, rumou para o açude. Percorreu a estreita e poeirenta rua do garimpo e não viu ninguém; tudo deserto! A seu encontro, veio um cão vadio, vadio e sozinbo como ele...*

*Já começava a transpirar. Suas faces se queimavam do calor do sol e da corrida. Não se deteria! Atravessou o largo de S. Sebastião, contornou o novo circo em armação e ganhou a derradeira rua, rua sem nome, mas que o levaria aos limites da cidade.*

*Sempre correndo, pensou no circo — Será que conseguiria dinheiro para, ao menos uma vez, assistir ao espetáculo? Os jeni-*

*papôs ainda estavam verdes — sua única fonte de renda. Seu pai só daria dinheiro a Abadia e, assim mesmo, porque a velha trabalhava para todos. Mas na volta, ele, o grande Iório, pediria ao diretor, o dono do circo, para acompanhar o palhaço ou então vender balas no recinto. Talvez pudesse assim assistir à temporada.*

*Diminuiu a corrida para, quase deitado, atravessar a cerca de arame farpado, divisora da cidade com as pastagens da chácara de tio Gustavo. Enveredou pela trilha que levava ao riacho e, no caminbo, começou a tirar as roupas.*

*— Coisa difícil, pensou, despir-se em movimento!*

*Primeiro tirou a camisa; a seguir desabotoou as calças, mas, na corrida, livrou-se apenas de uma perna e, ao tentar tirar a outra, tropeçou e rolou por terra.*

*Nuzinbo em pelo, as roupas debaixo do braço, entrou pelo bosque de goiabeiras e*

*amoras. Colheu alguns frutos verdes e, em pouco, atingiu a clareira do açude.*

*Tudo vazio! Ninguém! Apenas um bem-te-vi pousado no galbo seco de uma lobeira...*

*Iório deixou tombar seu corpo cansado à beira tabatingosa do açude e, sem coragem de entrar na água, por uns segundos relanceou os olhos pela imensidão dos campos e do céu. Voltando-se depois para dentro de si próprio, teve a visão empanada pelas lágrimas da decepção, lágrimas que se misturavam com o suor de seu corpinbo fatigado.*

*De seu peito irromperam os sons dos primeiros soluços da solidão, companheira de toda a sua vida.*

Calmon Barreto

RF. 03



Da esquerda para a direita: José, Djalma e Calmon. Década de 1920. Acervo Família Barreto.

## O RIO DE JANEIRO

Segundo Calmon, após a “fase deliciosa” vivida em Araxá, entre março de 1921 e março de 1922, período em que atuou na oficina do mestre Pedro Leopoldo, ele começou sua vida no Rio de Janeiro. Para ele, que considerava aquele março de 1921 como sendo o início da “tão penosa carreira artística”, o caminho para a capital do país representava a possibilidade de um dia, no futuro, dedicar-se profissionalmente às artes.

Com o mestre Pedro Leopoldo, que se dirigia ao Rio em busca de campo de trabalho para um artista, ele deixou a terra natal. De automóvel, mestre e discípulo seguiram até São Pedro de Alcântara (hoje, Ibiá), onde embarcaram de trem em direção à Formiga, passando por Lavras, para chegar, finalmente, à estação da Central do Brasil, no dia 18 de março.

Algumas grandes descobertas atraíram, de imediato, as percepções do menino nascido no sertão de Minas Gerais: os automóveis deslizando sobre o asfalto, o hotel simples que lhe pareceu “um palácio”, a velha casa onde iria residir nos anos seguintes e, evidentemente, o mar.

Depois de ser entregue à nova família que o aguardava — seus tios Fernando Silva e Edméia Ribeiro de Sá Carvalho (ela, irmã de sua mãe) —, Calmon ingressou na Casa da Moeda como aprendiz da Oficina de Gravura para exercer o ofício de gravador.

O emprego viabilizado pelo tio, também funcionário da instituição que mantinha cursos de Desenho e de Gravura desde o tempo do Império, aproximou o menino Calmon dos grandes mestres que, a partir de então, o marcariam profundamente.

Os primeiros tempos vividos no Rio de Janeiro foram extremamente difíceis para o menino de doze anos. Longe dos pais, sem a liberdade permitida por grandes espaços antes disponíveis como quintais, córregos



Calmon Barreto. Década de 1920. Acervo Família Barreto.

e campos, a cidade grande lhe impôs desafios inimagináveis. O contato com costumes diferentes estendia-se da fala à alimentação, do clima à rigidez de horários estabelecidos.

Calmon, adolescente, via-se obrigado a cumprir oito horas diárias de trabalho e de estudo da profissão sonhada. No período noturno cursava a complementação do antigo Ginásio, etapa hoje correspondente ao ensino fundamental.

## A CHEGADA À CASA DA MOEDA PARA TRABALHAR COMO APRENDIZ

*“(...) Este estabelecimento tornou-se um lar para mim, pois lá recebi a base dos meus conhecimentos, inclusive, para bem dizer, a formação do meu caráter. Era diretor o Dr. Correia Costa, ramo do venerável tronco de tradicional família. Entrei com o pé direito, o diretor mostrou-se encantado com meus desenhos e, de cara, me ofereceu um salário de noventa mil réis mensais, enquanto os aprendizes recém-admitidos passavam algum tempo sem vencimento e só depois de aprovados é que começavam a ganhar trinta mil réis por mês.*

*Encaminhado à oficina de gravura, fui recebido pelo chefe, o Sr. Silveira, idoso, severo, mas uma pessoa de bom coração, especialmente no tocante a mim como mais adiante pretendo comprovar. O sub-chefe era o Sr. Vargas, o terror dos aprendizes.*

*A Casa da Moeda em 1922 era um verdadeiro estabelecimento de ensino, tendo como orientador de desenho o prof. Otto Reim, alemão de nascimento, mas um grande brasileiro; o prof. Augusto Girardet, mestre reconhecido no Brasil e em todo o mundo, talvez o maior gravador da época. Além desses, havia o Hilarião, conhecido por todos, e mais uma plêiade de jovens artistas, tais como Leopoldo Campos, Jorge Sodré, Hermínio Pereira, Francisco Marinho e outros.*

*Segundo a tradição da Casa, o aprendiz fazia o curso básico de desenho primeiramente passando pela cópia de estampas, cuja orientação estava a cargo do prof. Faria. Aprovado nisso, passava para o desenho figurado. Após uns dois anos, mais ou menos, era dado ao aluno escolher entre as técnicas de gravuras que preferissem: a do talho doce ou do talho forte. Por fim, aos que demonstrassem pendores artísticos, era-lhes permitido prestarem concurso de admissão à Escola de Belas Artes, para seguirem curso de pintura, escultura, gravura, ou até arquitetura.*

*Na oficina fui entregue ao prof. Faria, do qual recebi a incumbência de copiar uma estampa de Julien, pois ele não acreditava que eu havia feito aqueles desenhos mostrados ao diretor. Fiz como pude e sabia. Depois de alguns dias, levaram-me ao prof. Otto Reim que se abriu num largo sorriso de satisfação, pois diziam que ele gostava de alunos brancos e eu era branco.*

*Fiz novas camaradagens com os colegas, garotos como eu, nossas idades, dos aprendizes, variavam entre doze e dezessete anos. Liguei-me ao Moacir, ao Roque, ao Adolpho, ao Rubens Sá e, mais tarde, ao Mário Doglio e ao Walter Toledo. Cito esses nomes, porque tínhamos mais ou menos as mesmas idades; os demais, apesar de também serem amigos, pertenciam a outra geração.*

*Poucos meses depois da minha entrada na oficina, aconteceu um incidente que veio alterar sobremaneira a minha vida. Criado na fazenda em plena liberdade pelos campos, depois na cidade brigando pelas ruas, enfim procedendo como um verdadeiro selvagem, estranhava e sofria muito com a disciplina de oito horas de trabalho fechada na oficina, com alimentação diferente, as aulas noturnas, aquele calorão do Rio de Janeiro e, ainda, por cúmulo de azar, suportando as chacotas dos colegas, devido à minha pronúncia roceira e aos meus erros de linguagem, tudo isso reunido me exasperava. Meu apelido era: o mineiro, em sentido depreciativo.*

*Por causa dessas e outras desavenças, acabei tendo uma briga feia com um colega mais idoso, com pescoções e pontapés. E tendo o hábito de falar alto, pronunciando mal e gritando as palavras, meus chefes depois de me chamarem atenção, resolveram levar-me à presença do novo diretor, o Dr. Honório Hermeto. Este senhor, sem saber se eu era aproveitável ou não, e sem tomar conhecimento de que lado estava a*

razão da nossa briga, simplesmente me expulsou da Casa da Moeda. Expulso, voltei para casa dos tios, agora residentes à rua Hermengarda, 79, no Meyer. Minha tia, depois de surrar-me, me pôs a lavar roupas, a limpar vidraças e a escovar o chão durante cinco dias até que, finalmente, depois de reiterados pedidos, conseguiram minha readmissão na Casa da Moeda.

Apresentei-me ao Dr. Honório que me fitou com seus olbinhos inteligentes e aparente bondade, avisando-me que, na minha próxima arte, eu seria expulso sem esperança de voltar.

Ao adentrar-me na oficina, tive a sensação de que todos estavam contra mim. Devido à minha meninice, eu tinha um coração muito sensível e só aos poucos fui aceitando a normalidade, pronunciando as palavras mais baixo, e evitando as provocações de certos meninos que, por inocência ou ignorância, procuravam prejudicar-me.

Eu vivia isolado pelos cantos como cachorro leproso; às vezes, despertava-me um desejo louco de sair pulando e gritando como as crianças da minha idade, tinha, então, doze anos. E foi numa dessas, sem que ainda tivessem completado duas semanas da minha reintegração, que me sucedera a coisa mais importante na repartição onde eu trabalhava, fato que me dera a conhecer que em todos os homens existe um coração bom e puro, apesar de aparências contraditórias.

Aconteceu-me o seguinte: Ao passar pela sala de desenho sem ver ninguém presen-

te, dependurei-me na trave de madeira que ligava o paredão ao banheiro, para praticar o exercício de fazer uma oitava como se fosse em barra fixa. Quando dobrei as pernas sobre a trave, alguém saiu do banheiro abrindo a porta, a vidraça da porta se quebrou de encontro aos meus pés causando barulho e provocando tremenda correria do pessoal. Apareceu-me o vulto do Sr. Vargas que se postou diante de mim petrificado, fitou-me algum tempo com seradamente como se fossem os olhos da minha mãe, e disse-me em tom de ternura:

- Sr. Calmon, o senhor enlouqueceu ou está doente. Não se lembra em que condições está aqui? Por que não toma juízo? Não percebe que com isso só dá desgosto a seus pais e a todos nós?

Pus-me a chorar, chorei por muito tempo de gratidão por aquele homem que até esse momento eu considerava um carrasco, porém que falara como Jesus Cristo teria falado às criancinhas. Fui perdoado, tomei juízo e passei a acreditar nos homens de aparência zangada.

Os meados de 1922/24 decorreram-me calmos e aproveitáveis. Aos poucos fui me livrando daquela saudade de meus pais que tanto desorientou-me no princípio. Já então me havia acostumado à disciplina daquela prisão que era a dos meninos pobres do meu tempo. À noite, frequentava o liceu das Artes Oficiais e, nos dias de folga, passeava com meus amigos, Adolpho Ungerbiller, Roque, Rubens e Mário (...).

RF. 04

## O INGRESSO COMO ALUNO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

A Casa da Moeda permitia aos funcionários (pintores, escultores, gravadores, arquitetos, engenheiros) que se revelavam pelo talento, as oportunidades de estudo e de aprimoramento das suas funções em escolas e faculdades. Aos 14 anos, Calmon

inscreveu-se em concurso para admissão à Escola Nacional de Belas Artes. Aprovado para ingressar na tradicional escola, matriculou-se no curso de Gravura.

A esse respeito, Calmon declarou por diver-

sas vezes que sua preferência inicial sinalizava para a Pintura e a Escultura, nesta ordem. Todavia, a inexistência de vagas nos dois cursos o levou a optar pela Gravura. Também o artista se adapta às circunstâncias e a Gravura ia de encontro aos interesses da Casa da Moeda.

Por outro lado, o professor Augusto Girardet, gravador da Casa da Moeda reconhecido internacionalmente, já se mostrava um mestre especial para Calmon. E na Escola, onde Girardet também lecionava, um novo convívio se firmaria entre ambos. Sobre isso, Calmon escreveu nas suas memórias:

Logo que entrei para a Casa da Moeda, o prof. Girardet estava modelando a moeda do Centenário da Independência (7 de setembro de 1922) com a efígie de Epitácio Pessoa (o então Presidente da República). Tomou-me pelo braço e colocou-me de perfil diante do seu cavalete durante meia hora de pose fixa, depois disse-me que meu retrato estava pronto. Quando vi o trabalho tranquei a cara para o mestre, então ele me explicou que a postura do meu rosto assemelhava-se à do presidente.

Mais tarde, às vésperas de entrar para a escola, visitei uns tios-avós, vizinhos da família Beviláqua. O Sr. Raul Beviláqua que em tempos idos, tinha sido aluno do

mestre, deu-me uma carta de recomendação. O professor passava as manhãs nas aulas de gravura da escola, e só à tarde trabalhava para a Casa da Moeda. Assim, logo no dia seguinte apresentei-lhe a carta. Ele leu-a e disse-me que de toda maneira, com recomendação ou sem recomendação, me ensinaria bem. Entrei para as aulas do mestre e dele aprendi tudo que sei, e se mais não aprendera porque talento me faltara. Nele tive um segundo pai, não só aqui no Brasil como também na Itália quando estivemos lá, pois encontrei tudo preparado por ele como se preparasse um futuro para o filho.”

O ingresso nas “Belas Artes” ampliou ainda mais os compromissos diários de Calmon. Ao trabalho na Oficina de Gravura juntou-se a frequência às aulas de artes e, mais ainda, a jornada noturna referente ao curso para completar a formação escolar, por ele definido como um “aperreio” estendido até 1929.

Calmon permaneceu na Casa da Moeda até 1936. Quanto à formação acadêmica, bem cedo ele daria início à sua carreira no Salão Oficial da Escola de Belas Artes. Em 1925, o prof. Girardet permitira que ele concorresse à exposição. O jovem Calmon estava há apenas um ano na mais conceituada escola de artes do país.



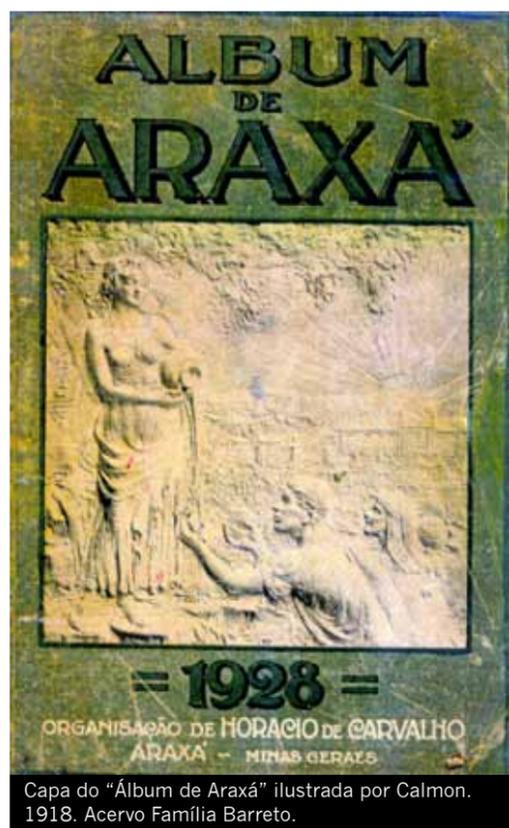
O professor Girardet e seus alunos de Gravura da Escola Nacional de Belas Artes, dentre eles, Calmon. Década de 1920. Acervo Família Barreto.

## OS PRÊMIOS

Calmon obteve menção honrosa de primeiro grau ainda em 1925. No ano seguinte, conquistou a medalha de bronze. Em 1927, a “pequena medalha de prata.” Esta já lhe permitia concorrer ao prêmio de viagem à Europa, a grande aspiração dos artistas da época, participantes do “Salão”.

Entre essas premiações e as próximas que viriam, o jovem artista reviu a sua família e a sua cidade. Pela primeira vez, após cinco anos de ausência, ele retornou, de férias, a Araxá.

Desde então, os araxaenses habituaram-se a ver o amigo e conterrâneo, esporadicamente. Passaram a cultivar um sentimento de orgulho pelo artista local a cada conquista dele. De longe, acompanhavam sua travessia no mundo das artes.



Capa do “Album de Araxá” ilustrada por Calmon. 1918. Acervo Família Barreto.

O “Album de Araxá”, almanaque publicado em 1928, dedicou-lhe uma página inteira em que noticiou as atividades de Calmon, então com 18 anos, como aluno da ENBA. Ainda que em alguns círculos restritos, aqui já se falava dos seus primeiros prêmios recebidos e da sua intenção de concorrer ao maior deles, o de viagem à Europa.

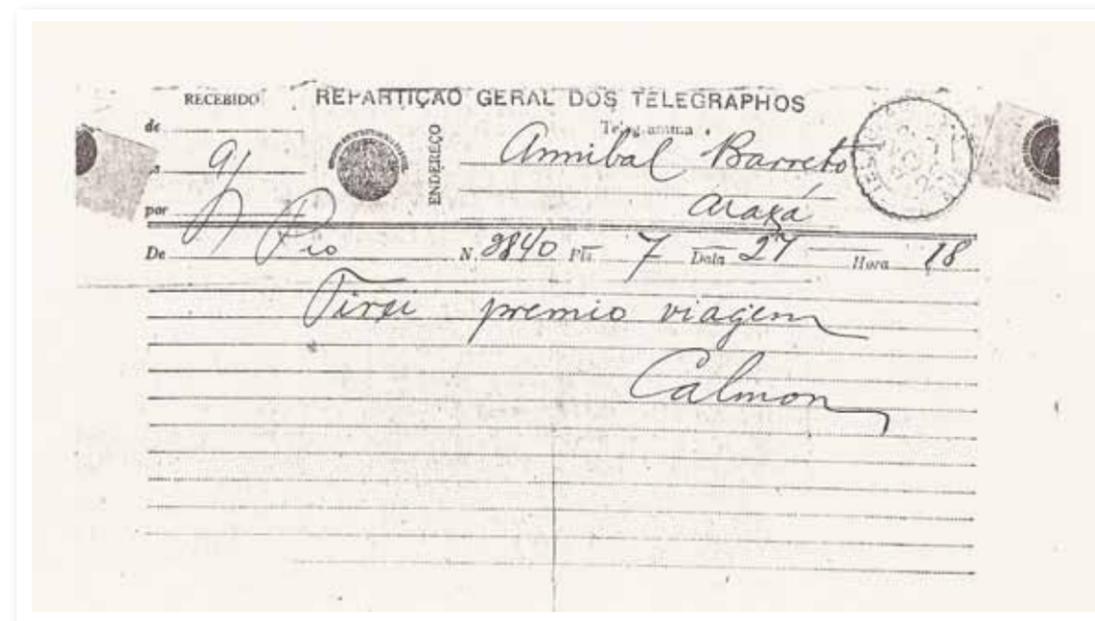
Nesta mesma publicação, organizada por Horácio de Carvalho, impressa na Typographia Gutenberg, de São Paulo, a cidade conheceu um dos trabalhos do artista da terra. A capa do “Album de 1928”, importante fonte histórica na atualidade, é ilustrada por um desenho de Calmon que exalta elementos da natureza, símbolos de uma cidade-balneário como as águas e o sol.

No Salão Nacional de Belas Artes do ano de 1928, Calmon concorrera à medalha de ouro — o prêmio de viagem — porém, sem sucesso. Perdera para Cândido Portinari. A decepção sofrida fora amenizada pelo prof. Girardet que, reafirmando a superioridade do trabalho premiado de Portinari, lhe dissera ser ele, Calmon, muito jovem ainda para viajar.

Mais uma vez, estava certo o professor Girardet. A tentativa no concurso do ano seguinte, 1929, sagrara-se vitoriosa. Por meio de um lacônico telegrama, inversamente proporcional à dimensão da conquista, Calmon comunicou o recebimento do prêmio à sua família, em Araxá:

### *Tirei prêmio viagem*

A premiação máxima chegara “com uma composição de baixo-relevo: Garimpeiros, e uma gravura em aço: Índio.” Ser laureado pelo Salão representava o término do curso na escola. Ainda assim, Calmon frequentaria as aulas até o final daquele ano letivo para, posteriormente, em março de 1930, embarcar para a Itália.



## A EUROPA

*(...) Em março de 1930, embarquei para a Itália. O prof. Girardet, tal como um bom pai, lá se encontrava para guiar-me. Logo me fizera visitar museus e ateliês de artistas. Era ideia sua que eu deveria fazer o curso da Real Scuola della Medaglia. O concurso consistia da prova de títulos, apresentação de trabalho e prova de baixo-relevo. Obtive, como era o desejo do mestre, o primeiro lugar; mas, acabei desistindo da bolsa de estudo em favor do segundo colocado, um colega italiano sem recurso.*

*Na verdade, conclui logo que nada estava aproveitando na Real Scuola della Medaglia, posto que tudo quanto lá se ensinava, eu já havia aprendido com o prof. Girardet no Brasil, com muito mais competência.*

*Em Roma, frequentei também a Real Accademia, para melhorar o meu currículo artístico. Depois de visitar toda a Itália durante um ano, resolvi viajar para a França. Em Paris, visitei museus e exposições. Daí, visitei a Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Tcheco-Eslóvia, Suíça, Espanha e Inglaterra.*

*Não direi nada sobre a Europa. Na ocasião, eu era muito moço, portanto ainda não estava preparado. Ademais, o que mais me interessa relatar é sobre minha atuação na Casa da Moeda, onde fui reintegrado quando regressei ao Brasil em 1932. (...)*

RF. 05



Calmon e amigos na Europa. 1930. Acervo Família Barreto.



Da esquerda para a direita: Calmon e Miguel Lacoselli. Londres, 1931. Acervo Família Barreto.

## O REGRESSO AO BRASIL

De volta ao Brasil, Calmon é reintegrado à Casa da Moeda. Após reformas no quadro funcional da instituição, ele foi nomeado gravador-mestre. Nesta função executou importantes trabalhos como as Moedas Tamandaré, Oswaldo Cruz, Feijó, Caxias, Anchieta e Santos Dumont.

Conseguiu, ainda, permissão para frequentar o curso de Extensão Universitária do Museu Histórico onde estudou Numismática, Heráldica, História da Arte Brasileira e Arqueologia.

Calmon esteve em Araxá durante o mês de março de 1932. Para ele, o período lhe parecia ideal para rever a família, os amigos e, também, para rever a sua cidade acrescida dos frequentadores da estância hidromineral. Naquela temporada em que se uniu aos moradores locais e aos visitantes, Calmon presenciou a excepcionalidade de um evento: a da inauguração da antiga Fonte Andrade Júnior.

Realizados os serviços de captação das águas medicinais do Barreiro pelos engenheiros Andrade Júnior e Carvalho Lopes, inauguraram-se as novas instalações daquela fonte, numa versão anterior à da atualidade. Da solenidade fez parte um anúncio que, mais uma vez, permitiria aos filhos da terra conhecer o talento de seu conterrâneo. Contudo, não se sabe se foi de fato concretizado. Calmon propôs-se a desenhar e a oferecer uma placa metálica para identificação do logradouro e da qual deveriam constar as “armas de Araxá”.

De volta ao Rio e à Escola de Belas Artes, ele deu continuidade ao seu trabalho. Em 1934

foi eleito membro representante da Seção de Gravuras do Conselho de Belas Artes e, como tal, passou a compor os júris do Salão.

Calmon encontrava-se insatisfeito na Casa da Moeda. Na sua análise, diversos fatores contribuíam para isso.

*“...minha situação na Casa da Moeda ficara insustentável, talvez porque ocupasse um cargo muito honroso em discordância com a minha pouca idade”.*

Seguro de si e da sua produção artística, por vezes via-se travando embates com colegas vistos por ele como “menos afortunados”.

No mesmo período, o diretor suspendera a permissão de estudos fora da repartição. Para Calmon, no vigor físico da juventude e na avidez da formação e criação artísticas, cumprir oito horas diárias reclusas na oficina, mesmo que ociosamente, constituía-se em exigência inaceitável. Ele chegou a afirmar: (...)

*“...Por diversas vezes dirigi-me ao diretor para pedir serviço ou liberdade para sair. Ele prometia inventar serviço para mim, contudo ficava sempre nas promessas.”*

A licença prêmio de seis meses e a preparação para o concurso da cadeira de Gravura na Escola de Belas Artes foram soluções alternativas para afastá-lo temporariamente da instituição. Ainda assim, enquanto se dedicava ao estudo, frequentando as dependências da Biblioteca Nacional, a condição de licenciado não o dispensara de trabalhar. Neste período, ele executou a Moeda de Santos Dumont.

### CALMON DEIXA A CASA DA MOEDA

De volta à oficina, após o término da licença, Calmon decidiu “abandonar o emprego” — na expressão dele — para ganhar a vida como desenhista. Corria o ano de 1936 e muitas dificuldades estavam reservadas ao artista de espírito irrequieto. A

publicação de um de seus desenhos levaria três meses de recusas diárias na “Revista Carioca”. Calmon, mais uma vez, reverenciaria os mestres com os quais conviveu. No novo universo que se lhe apresentava, contou com os ensinamentos de Oscar

Motta (Fritz). A ele creditava as lições que lhe permitiram “ver e compreender o desenho ilustrado”.

“... Minha dificuldade estava no fato de que na Escola de Belas Artes só aprende-

mos a desenhar o nu, ao passo que a ilustração é composição e movimento. Além do mais há que se pensar em técnicas diversas e exigidas. O nankin, por exemplo, exige anos de prática e muita habilidade manual.”

## DESENHOS, AQUARELAS E ILUSTRAÇÕES

A estreia como ilustrador em “A Carioca” gerou novos trabalhos também na “Revista da Semana”, no “Malho”, no “Cruzeiro”, na “Fon-Fon” e no “O Jornal”, dentre outras. Desenhar para as maiores publicações da época garantiu-lhe a sobrevivência e a certeza de que se tornara um ilustrador, ainda que em constante aprendizado.

Sem vínculos institucionais, Calmon produziu intensamente, agora sem as amarras que tanto o tolheram na Casa da Moeda. A visibilidade adquirida o levou a ser convidado,

em 1937, para concluir o “Monumento da Laguna e Dourados”, interrompido com o falecimento do escultor Antônio Mattos.

Sua produção constou da “Porta da Cripta”, de uma série de baixos-relevos relativos à campanha militar historicamente conhecida como a “Retirada da Laguna” e, finalmente, de um crucifixo sobreposto ao mausoléu. O desempenho do artista neste trabalho ganhou contornos ampliados. Por sugestão da Comissão Organizadora do Monumento, Calmon expôs a “Porta da Cripta” no Salão Nacional de Belas Artes de 1938 e recebeu Medalha de Prata na Seção Escultura. Ainda em 1938, executou duas placas para o governo: uma para o Exército e outra para a Marinha com as quais se homenagearia Portugal. O ano de 1938 foi aquele em que Calmon encerrou sua carreira artística no “Salão” em duas seções: Gravura e Desenho.

Em 1939, com o baixo-relevo em gesso patinado “Batalha dos Guararapes”, recebeu Medalha de Ouro na Seção de Gravura. (Esta obra foi doada pelo autor à Fundação Cultural Calmon Barreto, em 1990).

Com o desenho “Orquídeas” obteve Medalha de Ouro na Seção Desenho.

Embora Calmon tenha afirmado em seu diário que, entre 1940 e 1945, dedicaria-se “exclusivamente ao estudo da escultura e da pintura”, sua produção constou de muitas ilustrações. Ele criou aproximadamente mil e quinhentos desenhos para os principais jornais e revistas da capital federal. Além desses, coube-lhe ilustrar livros, muitos editados por escritores como Malba Tahan e Narbal Fontes.



Baixo-relevo “Porta da Cripta”. Trabalho premiado com Medalha de Prata Seção Escultura, no Salão Nacional de Belas Artes. 1938. Acervo Família Barreto.



Baixo-relevo em gesso patinado, “Batalha dos Guararapes”, premiado com Medalha de Ouro Seção Gravura, no Salão Nacional de Belas Artes. 1939. Acervo Família Barreto.

A repercussão dos trabalhos rendeu novos projetos ao artista premiado. A convite do governo de Getúlio Vargas, produziu o “Álbum do Menino do Brasil Novo”, contendo ilustrações alusivas à vida e à obra do então presidente. Da mesma forma são de sua autoria os 52 desenhos que compõem um Calendário oficial do ano de 1940. Estes exemplares integram o acervo do Museu Calmon Barreto e se encontram expostos à visitação.

Os anos 1930 e 1940 registrariam a riqueza da produção artística de Calmon. Foram eles também os anos em que Araxá viveu a construção do Complexo do Barreiro com o conjunto arquitetônico formado pelo Grande Hotel, Termas, Fontes e Jardins. A execução da obra representou a conquista de um desejo que havia décadas pairava sobre a cidade: o de se transformar na “maior e mais bela estância hidromineral do continente”.

O projeto do Parque do Barreiro, construído

pelo governo de Minas Gerais, reuniu, então, profissionais renomados no país. Nas esferas da engenharia, da arquitetura, do paisagismo e das artes plásticas, em particular, aqui atuaram alguns personagens reconhecidos no âmbito nacional, premiados nas suas respectivas categorias, trazendo consigo experiências internacionais.

O artista da terra foi uma exceção neste cenário que ganhou contornos de grandeza, suntuosidade e impacto no imaginário da população local e dos visitantes. Calmon Barreto fora preterido para fazer as pinturas em afresco na rotunda das Termas do Barreiro. Para executar o trabalho artístico convidaram o artista Joaquim Rocha Ferreira.

Calmon e Joaquim eram amigos e colegas na Escola Nacional de Belas Artes. Naquele momento, ambos já haviam sido igualmente reconhecidos e premiados com a Medalha de Ouro no concorrido Salão Nacional de Belas Artes que se realizava anualmente

na capital do país. Ambos já desfrutavam de prestígio em suas carreiras.

Contudo, na escolha do profissional a ser contratado, prevaleceu a amizade de Rocha Ferreira com o engenheiro e hidrólogo, José Ferreira de Andrade Júnior, também pertencente à equipe construtora do arrojado projeto. No período de execução do trabalho, quando Rocha Ferreira permaneceu por longo tempo em Araxá, os dois artistas aqui se encontraram algumas vezes,

ocasiões das férias de Calmon Barreto na sua terra natal.

A situação desconfortável exigiu reparação, porém, anos mais tarde. Em 1951, Álvaro Cardoso, prefeito da cidade na época da construção do Complexo, ao assumir a direção do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, convidou Calmon Barreto para executar um trabalho artístico na sede da instituição bancária, em Belo Horizonte.



“Orquídeas”, premiado com Medalha de Ouro na Seção Desenho. 1939. Acervo Família Barreto.

## NOVOS PROJETOS, NOVOS RUMOS

De 1936 a 1942 Calmon viveu um período por ele considerado como o de maior intensidade e de entusiasmo artísticos. O trabalho mais livre e, agora, dedicado às modalidades do Desenho de Ilustrações, da Escultura e da modelagem de algumas Medalhas proporcionava-lhe prazer, oportunizando descobertas complementares na formação técnica do artista. Constantes estudos nos campos da cultura, da história, da ciência e da literatura contribuíam para o seu crescimento intelectual, especialmente quanto à anatomia humana e animal.

Na vida pessoal estivera casado com Felicitas e, após a separação do casal, ele programou viagem de férias a Araxá. Nas suas memórias ele anotou sensações e planos, nos dias 24 e 25 de março de 1941:

*“... Irei a Araxá para rever nossa velha casa, o espaçoso quintal, as campinas verdejantes, porque isso recorda a minha infância. Sinto que tanto poderia ir para nossa casa como ir para a casa de um amigo qualquer. A única pessoa que desejaria encontrar em Araxá, essa já não existe e ela era a causa de minhas recordações. Tudo lá me faz ligar à memória dessa doce criatura.*

*Necessito ver terras e gentes diferentes das que vejo aqui, diariamente, e esta será a causa principal da minha viagem. Partirei em maio, sem dúvida, por ser o mês das festas religiosas, da estação de águas no Barreiro, onde muitos turistas aparecem em busca de saúde. Faz sete anos que não vejo minha cidade natal. Nesses dezenove anos de ausência, apenas visitei-a por três vezes e, em todas, tive amargas decepções. Naquele tempo, Araxá era uma cidade pitoresca, calçada por grandes lajes de pedra toscas, em cujos interstícios cresciam os musgos e as avencas.*

*Havia casas solares em puro estilo colonial,*

*não aquele colonial barroco dos edifícios de Ouro Preto, mas o singelo, sem preocupação arquitetônica, com a simplicidade que nos faz lembrar as noivas sertanejas. Agora, Araxá está com quinze mil habitantes, ruas calçadas de paralelepípedos, prédios de tijolos com platibandas levantadas imitando as cidades americanas, onde tudo obedece ao prático e não ao gosto artístico.*

*Araxá não é mais povoada pelas famílias dos antigos fundadores, oriundas dos bandeirantes que colonizaram a região. Hoje, impera na cidade o espírito e a mentalidade do imigrante que “faz a América”.*

*Atualmente, a população quase toda se compõe de sírios, italianos, e gentes dos estados litorâneos sem tradição de amor à terra.*

*Recordo-me ainda com amargura da destruição de duas belíssimas igrejas, as de Sta. Rita e N.Sa. da Abadia, verdadeiras jóias substituídas por outros prédios de proporções maiores, porém do mais borrendo mau gosto, obras de vaidade pública contrariando as normas de serviço de proteção ao patrimônio artístico que não estendeu suas vistas até lá.*

*Sou filho de Araxá. Fiz-me artista e nunca fui consultado pela administração da cidade, entretanto, com a maior boa vontade gostaria de ajudar a salvar o pouco que ainda resta, e esta será uma das razões da minha próxima viagem.*

*Outra razão seria a de fixar no papel o tipo físico do nosso homem sertanejo, seus costumes, suas indumentárias, suas atitudes, etc ... e tantas outras cousas de que um bom observador poderia tirar proveito para um estudo etnográfico dessa matéria tão vasta e desconhecida pelos artistas.*

*Ainda não decidi sobre o rumo da minha vida depois desta viagem. É do meu desejo continuar viajando para chegar até aos Andes em obediência a uma força superior que parece arrastar-me para o Peru.*

*Quem sabe se estudando eu iria conseguir um dia decifrar o segredo da esfinge americana, o segredo daquele povo ciclópico que erigiu a mais de três mil metros de altitude tão suntuosos palácios de granito! Quem sabe se não poderia reconstituir por meio de desenhos as suas cidades, os seus costumes, etc ... “*

Calmon passou as desejadas férias em Araxá. Dessa vez, Calmon não retornou sozinho ao Rio de Janeiro. Descasado, a partir de então ele ganharia a companhia da irmã, Cordélia, normalista recém-formada. Seria ela, daí por diante, a presença feminina mais constante ao lado dele. Sem contar que ingressaria, como aluna, no curso de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes para, mais tarde, ser do irmão, também, uma mestra nesta modalidade artística. Não foram raras as vezes em que ele revelou ter recebido dela os ensinamentos da arte pictórica.

Nos anos seguintes Calmon e Cordélia voltariam a Araxá, a passeio. Por certo tempo com eles viveram, no Rio de Janeiro, neste período, mais dois dos irmãos Barreto: José e Nabuco. Anos mais tarde, Fernando, o mais novo deles, deixaria Araxá para abraçar, igualmente, a carreira artística. Cordélia, porém, ao contrário dos demais, acompanharia Calmon para sempre. A este respeito, ele confessou em 1945:

*“Faço o possível para que Cordélia não se aborreça, pois ela é uma criatura adorável, cordata, obediente e muito estudiosa. Nesses quatro anos que vive em minha companhia, só tem me dado prazer. Deus queira que fique comigo para o resto da vida.”*

Não por acaso, a família Barreto destinara à irmã os cuidados com Calmon, após o término do casamento dele. Vivia-se uma intensa valorização da família, por sua vez unida



Cordélia Barreto no Rio de Janeiro. Década de 1940. Acervo Família Barreto.

à Igreja e ao Estado, no caso, o governo de Getúlio Vargas. Às mulheres reservava-se a condição de esteio dos laços e dos valores familiares. Calmon nutriu profundo sentimento fraterno por Cordélia. Seu desejo manifestado, naqueles anos 1940, concretizara-se. Ela viveria ao seu lado até o falecimento dele, em 1994, aos 84 anos.

RF. 06

## A ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

### A DOCÊNCIA

Em 1942 Calmon ingressou no magistério. Criada a Universidade do Brasil, ele recebeu convite para participar do corpo docente da Escola Nacional de Belas Artes, uma das faculdades integrantes da nova instituição universitária.

O início da docência no ensino superior ocorreu como professor-assistente da cadeira de Desenho de Modelo-Vivo, antes regida pelo Prof. Rodolfo Chambelland, um dos mestres representativos para a formação de Calmon.

Ministrando diversas disciplinas, Calmon percorreu todos os caminhos do magistério público superior até se aposentar. Por meio de concursos, os instrumentos exigidos legalmente na carreira acadêmica, ele alcançou as condições de professor-adjunto de Anatomia e Fisiologia Artísticas e, finalmente, a de professor-titular nesta mesma disciplina para a qual defendera tese em 1951.

O vínculo da Escola de Belas Artes com a Casa da Moeda e a relação do Professor Calmon com as duas instituições contribuíram para que o artista de Araxá tivesse artigos seus publicados em revista científica. Como um braço da universidade, a Escola Nacional de Belas Artes cumpria o papel de formar profissionais por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, buscando maneiras de estender a produção do universo acadêmico a um público mais amplo.

A “Casa da Moeda” lançou uma revista que trazia o mesmo nome da instituição. Na capa, a imagem da sua sede, seguida de uma ilustração de Calmon na sua página editorial. Sob igual formato e proposta, o periódico bimestral circulou por vários anos como importante veículo de informação.

Em dezembro de 1947 publicou uma “entrevista-biografia” com Calmon na sua residência da Rua Uruguaiana, no centro do Rio, assinada por Roque Pinheiro, antigo colega do entrevistado. Outro artigo também publicado, em maio de 1949, trata das “considerações sobre a arte da medalha” escritas por Calmon e posteriormente reproduzidas.

Um dos temas que mais apaixonaram Calmon, a arte pré-colombiana, serviu de inspiração para outro texto por ele publicado na mesma revista, ainda em 1949. Essa temática se constituiu em objeto de estudo que o acompanharia ao longo da vida, inclusive seguida do desejo de visitar o berço americano das culturas inca, maia e asteca.

Assim que concluiu o concurso para provimento da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Artísticas, em 1951, Calmon teve sua tese igualmente publicada na revista “Casa da Moeda”. Já catedrático, após ser aprovado pela exigente banca examinadora, ele pôde aproximar-se mais estreitamente dos docentes, discentes e de um número maior de leitores e discípulos.

No período em que atuou como professor, dedicou-se com maior afinco à escultura. Quando saíra da Casa da Moeda onde a gravura havia absorvido grande parte da sua produção artística, realizara trabalhos de escultura e de medalhas, além daqueles de desenho de ilustrações. A pintura, uma de suas grandes paixões, estaria reservada para outra etapa da vida do artista.

A experiência docente fez aflorar no professor a vivência do aluno. Inspirando-se na certeza do papel do mestre, no convívio com colegas e da influência desses na formação educa-

cional, Calmon jamais deixou de reverenciar aqueles a quem deveu sua profissão:

...“Desejo referir-me a outro grande mestre que tive, o professor Rodolfo Chambelland e sua aula. Pertencia à velha escola, muito severo e exigente. Aos seus conselhos e ensinamentos devo o muito que aprendi. Mais tarde, de 1942 a 1946, tive a honra de ser seu assistente na escola.

Quando entrei para a aula de Modelo-Vivo, encontrei entre os colegas mais antigos alguns bons desenhistas, tais como: Osvaldo Teixeira, Armando Viana, Portinari, Vicente Leite, Manoel Faria e outros. Especialmente Osvaldo Teixeira, que era então o primeiro da turma, o orgulho do prof.

## A DIREÇÃO DA ESCOLA

Calmon mantinha-se fiel aos seus princípios. Transmitia aos alunos tudo o que aprendera com os seus mestres e mais o que adquirira pela própria experiência. Ao trabalho de professor, aliava os de ilustrador de revistas, de medalhista e de desenhista de clichês. No seu ateliê avolumavam-se esculturas.

O professor-artista produzia, também, aquarelas. E mais, ainda, trabalhos como esculturas e medalhões destinados às sepulturas em cemitérios da então capital do Brasil. Para alguns amigos, ele criava objetos de arte e deles recebia outros tantos agrados que o levavam, não raro, a conclusões inusitadas: ...“se os artistas recebessem seus pagamentos sempre em espécie, seria muito melhor, pelo menos não passaríamos fome”.

Nos anos 1940, Calmon iniciara sua carreira de pintor, produzindo telas a óleo sobre motivos históricos. No mesmo período havia recebido convite, recusado, aliás, para a condição de membro do júri de Gravuras no Salão Nacional de Belas Artes. Enquanto isso, durante exposição do Estado Novo de Getúlio Vargas ele teve fotografias de esculturas suas e artigo elogioso publicados em revista oficial. Da

*Chambelland. Observando seus desenhos, muito aprendi.*

*Girardet (o professor Augusto Girardet) tendo concluído seu contrato com a Casa da Moeda, foi substituído pelo prof. Leopoldo Campos recém-chegado da Europa. Fui seu aluno durante alguns anos, se bem que em constante choque com seus métodos didáticos. Eu estava habituado ao método mais objetivo de Girardet, diferente do prof. Campos que era mais poético e muito individualizado. Hoje sei que ele é o único gravador brasileiro de personalidade marcada, e que fugira à escola clássica de Girardet”.*

RF. 07

mesma forma, no Correio Paulistano, pôde-se ver uma de suas esculturas e ler um artigo sobre o seu autor.

O lazer praticado, âncora da atividade profissional, ocupava-lhe horas de leituras e de possibilidades de ouvir — muitas vezes, estirado na rede — a “oitava sintonia de Schubert”, a “sexta sinfonia de Tchaikovsky” ou “um concerto de Beethoven”... Os amigos o visitavam em sua casa-ateliê, certos de que dificilmente seriam retribuídos na visita.

O sonho de partir para o Peru, em busca de um cenário artístico por ele sempre admirado, encontrava-se em construção, embora o mantivesse adiado. Vez por outra, o professor Calmon manifestava seu descontentamento com alunos indisciplinados, mas ressaltava os “aplicados e bem educados.”

Docente de diversas disciplinas na Escola Nacional de Belas Artes, reconhecido pelo talento artístico, seguido do desempenho de grande mestre valorizado por seus discípulos, o professor alcançou outro degrau na hierarquia do ensino superior. Pela Congregação mantenedora da instituição, nos



Calmon Barreto discursando na cerimônia de posse como Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. 1958. Acervo Família Barreto.

anos 1960 Calmon seria indicado à Reitoria para ocupar o cargo de diretor da Escola.

Exerceu essa função administrativa entre 1961 e 1964. Do seu legado como diretor consta a ampliação de espaços físicos, acompanhada das melhorias das condições das aulas de pintura, de mosaico, de restauração de quadros e de papéis. Sem contar que lhe foi exigido equilíbrio e firmeza para resguardar a Escola e seus integrantes dos movimentos políticos naqueles anos iniciais da década de 1960.

A Escola Nacional de Belas Artes configurou-se em reduto institucional responsável pela formação acadêmica de Calmon e por grande parte de sua atuação profissional. Nela, o aluno tornou-se professor, depois diretor. Após deixar a diretoria da instituição, ele retorna à função de professor para

aposentar-se em 1968, por tempo de serviço, como catedrático de Anatomia e Fisiologia Artísticas.



Prof. Jordão de Oliveira e Calmon Barreto durante a cerimônia de posse do novo diretor, Calmon. 1958. Acervo Família Barreto.

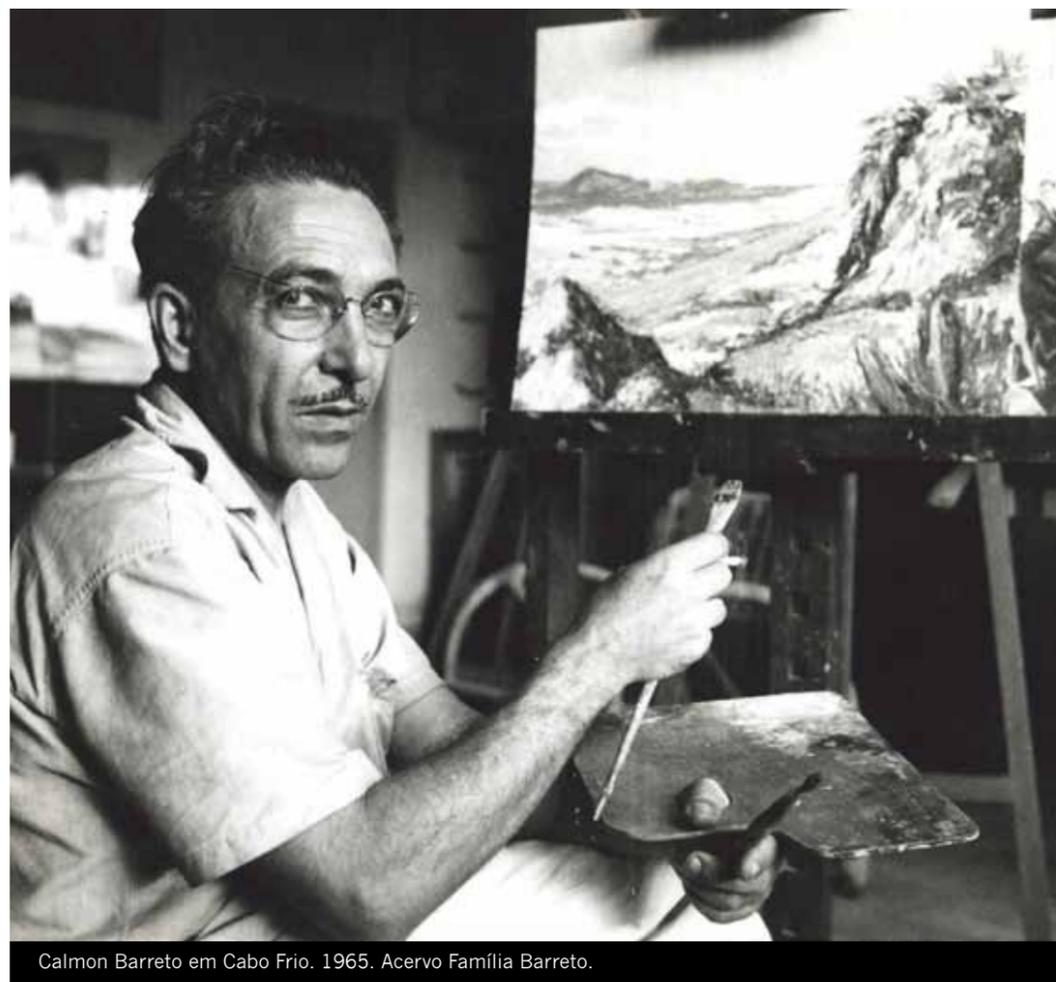
## O TEMPO VIVIDO EM CABO FRIO

Há muito que a vida na cidade grande trazia desconfortos a Calmon. Para amenizar a necessidade de contato com a natureza e com a rusticidade que o confortava, ele e Cordélia viveram no litoral fluminense. Cabo Frio foi a cidade praiana escolhida. O novo domicílio abrigou os irmãos-artistas e inspirou o professor na produção de uma série de pinturas que retratam a paisagem litorânea.

Tendo o mar como inspiração, as marinhas de Calmon revelam uma fase expressiva do pintor que, após sua aposentadoria, iria se dedicar com mais liberdade de criação, não apenas à Pintura como também a outras modalidades artísticas.



“Marinha”. Paisagem de Cabo Frio. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.



Calmon Barreto em Cabo Frio. 1965. Acervo Família Barreto.

## O RETORNO A ARAXÁ

### UM ATELIÊ MUITO ESPECIAL

1968 foi o ano em que Calmon Barreto retornou definitivamente à terra natal. Desde o dia em que dela saíra, menino ainda, frequentara a cidade, esporadicamente, nos períodos de férias. Voltar a Araxá, depois de uma exitosa carreira e de tantos prêmios recebidos, representava, sobretudo, a possibilidade de reviver as suas origens e de fazer delas uma fonte perene de inspiração artística.

A cidade, por seu turno, passou a conviver com um morador que imprimiu cores diferentes ao seu cotidiano. O personagem celebrizado lá fora passou a viver mais próximo dos seus conterrâneos. Sua arte alcançou a população, ainda que lentamente, quer fosse pelas obras produzidas e expostas em espaços públicos e particulares, quer fosse pela referência de “santuário da arte” que sua casa-ateliê representou para araxaenses e turistas.

O professor Calmon e sua irmã, a pintora Cordélia, instalaram-se no casarão da família Barreto onde também vivia a matriarca de todos eles. A casa era a mesma onde Aníbal e Alfonsina residiram grande parte de suas vidas, em torno dos 11 filhos. Ali, na esquina da rua Padre Anchieta (a antiga rua da Piteira), com a rua Mário Campos (a rua do Campo Aberto na infância de Cal-

mon), os irmãos viveram, trabalharam e fizeram do ateliê de ambos, um lugar para receber os alunos, os muitos amigos e tantos turistas e personalidades nacionais em visita à cidade.

A antiga casa não seria a morada definitiva de Calmon. Com a divisão do patrimônio dos descendentes de Aníbal Barreto, o casarão de esquina desapareceu para dar lugar a um prédio, contrariando as ideias que sempre formaram o pensamento do mestre. Parte do amplo terreno da propriedade transformou-se, posteriormente, na nova casa de Calmon e Cordélia.

A fachada frontal da residência, agora voltada para a rua Mário Campos, preservou os perfis dos seus moradores. Possibilitou-lhes a construção de um ateliê na parte posterior, em meio ao verde da paisagem e ao colorido das flores cultivadas por Cordélia.

Tanto a antiga quanto a nova residência-ateliê fariam parte do cenário urbano de Araxá. Daí por diante, o reduto dos artistas e as presenças constantes deles, ali, sempre em grande produtividade, orgulharia Araxá. Promoveria sua vida cultural, figurando-se como importante atrativo turístico da estância hidromineral.



Antiga residência de Calmon Barreto situada na rua Padre Anchieta (no lugar da atual Confeitaria e Padaria Central). Acervo Família Barreto.



## RIQUEZA E INTENSIDADE NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

No ateliê tão especial do professor-artista e de Cordélia, ambos trabalharam intensamente, algumas vezes cercados por alunos dela e, outras, por amigos que os visitavam com frequência. O cotidiano de Calmon na criação das suas obras de arte se dava nos limites da residência familiar, mas também fora deles.

O caráter regionalista de grande parte do acervo do artista ganhou vigor com as pesquisas de campo, às quais o professor deu início logo que retornou a Araxá. As viagens à região onde captava "in loco" as especificidades da natureza, aliadas à subjetividade e às experiências anteriores do seu autor, imprimiram identidade a cada criação. Mais do que isso permitiram que a população local e a regional com elas se identificassem.

O jardim da casa dos Barreto não raro abrigou também esse processo de produção artística. Nele alguns elementos se tornaram indispensáveis em meio às árvores antigas, folhagens e flores. À sombra de um jenipapeiro, o mestre fez de pedras brutas esculturas monumentais. Sob a mesma árvore fru-



Calmon na região de Araxá. 1972. Acervo Família Barreto.

tífera, um histórico banco de ripas, herança e objeto de tradição familiares, integrou o ambiente inspirador das artes plásticas e da literatura produzidas por Calmon.

Assim como o banco de ripas, a inseparável rede proporcionou horas de estudos e reflexões ao intelectual inquieto em permanente busca e construção de conhecimento. Suas pesquisas o levaram ao mais antigo memorialista da cidade, Sebastião de Affonseca e Silva. Do velho "arquivista de papéis antigos" (conforme se autodenominava), falecido em 1968, Calmon recebeu subsídios que, reelaborados, o inspiraram para representar na tela alguns momentos e personagens históricos de Araxá, em especial a sua concepção de D. Bêja.

Nesse período, o pesquisador contumaz uniu-se à professora Leonilda Montandon Scarpellini, educadora e escritora que poucos anos antes havia publicado a primeira edição de "Vamos Conhecer Araxá", obra dedicada ao estudo e à divulgação da história de Araxá.

Com D. Leonilda, conterrânea e contemporânea, o professor Calmon estabeleceu uma parceria de convivência e de aprendizados mútuos. Sinais desse convívio são observados, dentre outros, em seu diário, nas reuniões da Academia Araxaense de Letras e em fotografias de eventos oficiais nas quais ambos se tornariam presenças constantes como personagens respeitados da cidade.

Fruto desse elo entre dois profissionais dedicados e cientes do papel social que exerciam, o artista demonstrou magistralmente seu reconhecimento público à educadora falecida em 1991, três anos antes dele. Da mestra Leonilda, o mestre Calmon absorveu muitos ensinamentos sobre a história local. Em razão disso homenageou a professora com uma escultura, ainda que não lhe tenha sido possível concluí-la.



Calmon Barreto, Leonilda Montandon e Agar de Affonseca e Silva, durante a cerimônia de entrega de placas no I Encontro Cultural de Araxá, realizado pelas instituições: Fundação Cultural Calmon Barreto e Associação Artística e Cultural de Araxá. 1986. Arquivo 01368 SAPP/FCCB.

## AS MARCAS DE CALMON BARRETO NA CIDADE

Por toda a parte da cidade é possível sentir o artista. Hoje, ele está presente no ateliê de Cordélia, no Museu Calmon Barreto e em tantos outros lugares, públicos ou não.

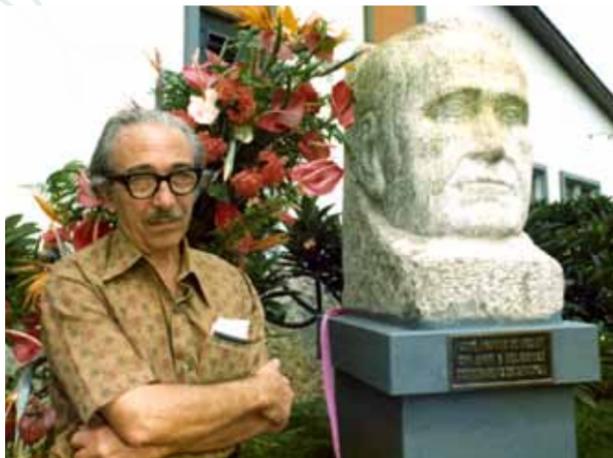
### Escultura

A intensa produção artística de Calmon Barreto assegurou transformações visíveis na cidade. As esculturas do mestre Calmon passaram a compor espaços públicos, alterando a fisionomia urbana. Igreja, hospital, jornal, prefeitura, museus, fundação e associações culturais, inúmeros ambientes e residências particulares também ganha-

ram obras de arte por ele assinadas.

O artista considerava que suas principais esculturas haviam sido, até então, aquelas criadas no Rio de Janeiro como os baixo-relevos, bustos e retratos de personagens, os retratos na Cripta do premiado Monumento da Laguna e as obras para túmulos dos cemitérios cariocas. Havia também o baixo-relevo na sede do Banco Crédito Real de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Na sequência dessa citada e altamente rica produção, Araxá seria agraciada com exemplares de obras de arte do filho reconhecido



Busto de José Ananias de Aguiar. Obra de Calmon Barreto doada à APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. 1976. Acervo Família Barreto.

fora da sua terra pela crítica nacional e internacional. No jardim da avenida Antônio Carlos passamos a ver, diariamente, desde 1970, uma escultura bi-fronte: de um lado, a imagem do rosto de Bento Antônio da Boa Morte e do outro, a de José Pereira Bom Jardim. Doada à cidade pelo artista, arte e memória impõem-se nesta escultura como formas de lembrar o escultor do século XIX e o construtor ou “riscador de igrejas”.

Em 1976, a cidade assistiu e o “Correio de Araxá” noticiou a solenidade de inauguração do busto de José Ananias de Aguiar na sede da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, a APAE. A homenagem ao benfeitor da instituição foi possível graças à doação da obra por seu autor, Calmon Barreto. Naquele dia, o mestre recebeu medalha de honra ao mérito das mãos de Maria Elizena, filha do homenageado, sob os olhares de convidados e autoridades presentes.

No mesmo ano, o “Correio de Araxá” divulgou:

*“Calmon Barreto acaba de concluir ‘a monumental escultura do Garimpeiro’, que deverá ser colocada em ponto central da cidade.*

*Pedra bruta (anfíbólio) pesava 8 toneladas antes de ser esculpida e, segundo o artista, é muito mais dura do que o granito, tendo sido penosíssimo o seu trabalho. Calmon – desprendido*

*– doou o monumento à cidade, que poderia recompensá-lo mandando construir o ateliê de que tanto necessitava para a execução de suas obras de arte.*

*Fica aqui a sugestão. Ao prefeito, à Câmara, a todos que tenham qualquer parcela de responsabilidade pela vida pública do município.”*

*(Correio de Araxá, 03/04/1976).*

“O Garimpeiro”, escultura que remete à tradição regional do colonizador em busca de ouro, desde 1979 está exposta na avenida Antônio Carlos. Integrou a reformulação arquitetônica e paisagística pela qual passou aquele espaço nos anos 1970, durante a administração do então prefeito Aracely de Paula. Sua execução exigiu cinco anos de trabalho do artista para quem esta criação esteve dentre as suas esculturas preferenciais. E ao mesmo prefeito coube a iniciativa de convidá-lo para produzir outras obras, para outros espaços públicos.

Sob o memorável jenipapeiro, novas produções emblemáticas ganhariam formas esculturais. “O Laçador”, em mármore nacional, é reverência artística ao passado de um município historicamente vinculado



“O Garimpeiro”, escultura de Calmon doada à cidade e exposta na Av. Antônio Carlos desde 1979. Acervo Família Barreto.

à atividade rural com seus laçadores de gado. A imponente escultura encontra-se agora à porta do Museu Calmon Barreto.



Efígie de Péricles Nestor Locchi doada, em 2007, ao Museu Calmon Barreto pela Bunge. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

Em breve, essa obra receberá a companhia de outra, igualmente significativa e que, até o momento, enriquece o jardim da casa-ateliê de Cordélia. Impedido de finalizá-la ao sentir suas forças físicas minando, o autor se propôs, por meio dela, homenagear a professora Leonilda Montandon. Ali se vê o rosto da Mestre ladeado por rostos de crianças, símbolos de uma vida inteira dedicada à formação educacional e à promoção social do universo infantil.

Desde 2007, o Museu Calmon Barreto recebeu da Bunge, em forma de doação, a efígie de Péricles Nestor Locchi, o primeiro presidente da Arafétil.

A escultura, em pedra sabão, é uma obra de Calmon produzida algumas décadas atrás por solicitação da empresa que a reintegrou ao acervo do artista.



Rosto da educadora Leonilda Montandon ladeado por rostos infantis. Obra inacabada. Década de 1970. Acervo Família Barreto.



“O Laçador”. Escultura em mármore, exposta na entrada do Museu Calmon Barreto. Década de 1970. Acervo Família Barreto.

### Pintura

A volta às suas origens permitiu ao mestre, conforme desejava, o mergulho na Pintura. Ainda na década de sessenta, em Cabo Frio, ele praticara mais intensamente esta modalidade. Por repetidas vezes, Calmon declarou a influência de Cordélia na sua produção pictórica. Sobre ela afirmou numa dessas vezes, ao “Correio de Araxá”, em entrevista a Atanagildo Côrtes:

“Quando estudante na Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade do Brasil, teve como professores Augusto Bracet, Rodolfo Chambelland na Pintura e no Desenho de Modelo-Vivo, além de outros, nas cadeiras complementares como Anatomia, História das Artes, Geometria Descritiva e outras. Além disso, estudou particularmente com o Prof. Carlos Chambelland. Por eles, era considerada ótima aluna. Com ela, aprendi a técnica da Pintura.

Calmon defendia a posição privilegiada da Pintura brasileira; para ele, a melhor de todo o continente americano. Em Araxá, dedicado ao estudo da história e da cultura regionais, tornou-se um pintor-historiador, legando imagens que se configuram como fonte histórica. Se no tempo vivido no Rio de Janeiro ele retrataria momentos da his-

tória do país por meio de esculturas e ilustrações, na sua cidade ele imprimiria outra fase histórica de sua carreira.

A paisagem regional, os personagens, as tradições, as origens, os costumes e as mentalidades passariam a compor as telas de Calmon. Nelas, formas e traços precisos definiriam a ideia de história do autor, sempre linear. Nelas, os elementos presentes mostram organização, estética e equilíbrio em meio a muitas cores. Mostram concepções de epopeia, de revolução, de confronto armado e de relações de poder.

A temática adotada passou a mostrar cenários de índios, bandeirantes, tropeiros e suas funções de submissão, de autoridade, de luta pela sobrevivência. Mas há, também, garimpagem, criação de ovelhas e carneiros. Há carros de bois e boiadas, tropas de burros, mulas e cargas que abasteciam o comércio da vila, depois cidade.

Alguns trabalhos evidenciam seus questionamentos acerca do progresso e da civilização, da modernidade e da autodestruição do homem, da razão e da tradição. Centrados na formação intelectual do artista e nas leituras que absorvia diariamente, são estes os casos da pintura em tela denominada “Evolução do Homem”.



“Evolução do Homem”. 1,42 x 2,33. OST. Década de 1980. Acervo Família Barreto.

### Um caso particular

No início de 1977, a administração municipal, através do prefeito Aracely de Paula, estabeleceu um acordo com o artista da terra. Conhecedor do hábito de Calmon de não comercializar suas obras, o então prefeito ofereceu-lhe a construção de um novo ateliê na sua casa. Em contrapartida, o pintor produziria a chamada “Galeria dos Ex-Prefeitos de Araxá”.

Assim se procedeu a permuta. Em dezembro de 1977, a prefeitura foi transferida do prédio da Câmara Municipal, na praça Cel. Adolpho, para a antiga sede do Banco do Brasil, situada na rua Pres. Olegário Maciel, então adquirida para esse fim. Àquela altura o artista já produzia incessantemen-

te os retratos dos 26 ex-prefeitos que assumiram o cargo a partir de 1915, quando se criou a prefeitura, até aquela data vigente.

A cerimônia de inauguração das obras de Calmon na nova sede da prefeitura fez parte das comemorações do “7 de Setembro”, ocorridas em 1978. Inúmeras pessoas estiveram presentes. Dentre elas, prefeito, vereadores, ex-prefeitos homenageados e familiares deles, além do prof. Calmon Barreto. Nas fotografias que registraram o evento não se pode ver o autor das telas em exposição. Certamente, ele se desviara da mira dos fotógrafos como sempre o fizera.

Em nome daqueles que haviam estado à frente do Poder Executivo, nos últimos sessenta anos, discursou Dr. Waldir Luiz Costa:



Inauguração da “Galeria dos Ex-prefeitos” retratados por Calmon Barreto. Da esquerda para a direita: Beatriz Lemos, deputado estadual Carlos Lemos, prefeito Aracely de Paula, Lúcia Ignez Mesquita de Paula, Gaudêncio Ignácio de Almeida (ao fundo), ex-prefeito Fausto Alvim, ex-prefeito Waldir Luiz Costa e José Porfírio de Oliveira. 07/09/1978. Acervo Aracely de Paula.

*“Acredito sincera, na intenção da cortesia, a escolha do meu nome para dizer, nesta solenidade, do pensamento em que se identificam os homenageados desta noite, envolvidos nos intuitos suaves do coração da municipalidade araxaense, que nos homenageia com carinho confortante (...).”*

*“Nesta singela palestra em que a saudade dá asas, prelibamos a delicadeza do jovem Prefeito, ensejando o reencontro que nos proporciona abeberar-nos de fé e de civismo, de energia criadora neste límpido manancial de recordações que é Araxá para todos nós (...).”*

*“O que nos comove, nesta noite, entretanto, é a contemplação de meio século, em cuja ronda cada um de nós foi posto a teste da administração municipal, nesta cidade amiga, acolhedora e sensível aos valores morais mais caros às almas bem formadas (...).”*

*“E quis o Prefeito Aracely de Paula, juntando condições que o homem dinâmico e febril dos nossos dias dificilmente encontra no tûmulo da existência, fazê-lo com estética, com delicadeza de gosto, associando o Professor Calmon Barreto, a maior e mais realizada vocação de arte da nossa terra, num trabalho de pesquisa pertinaz, de sensibilidade e espírito, dando a impressão de que cada retratado sente e pensa por todos os traços da fisionomia, de que se reflete um mundo íntimo e secreto, como uma delicada vegetação desconhecida, sob a profundidade de uma água transparente, no dizer de TAINÉ (...).”*

*“Nesta galeria, vejo os desistentes do passado nimbados por uma contrição regeneradora e pelo entendimento generoso, depois de provadas por todas as tentações que lisonjeiam a ambição; por todas as contradições com o que se fortalece o desengano; pela idolatria das multidões nos comícios e pela perseguição dos inimigos, pelo favor dos grandes e pela perfídia dos potentados, pelo exílio e pela projeção da imagem na tela, nobilita e pereniza, podendo dizer com S. Paulo: “Cursum consumavi” “fidem servavi”.*

Milagre do tempo! Inspiração do Prefeito. Obra do artista.” (Correio de Araxá - 16/09/78).

### Sobre a Pintura em Painéis

A multiplicidade do talento de Calmon Barreto move-se entre as diversas modalidades das artes plásticas e a literatura. Da infinidade de produções que compõem sua obra artística muitas estão disponíveis aos nossos olhares, em espaços públicos ou não. Elegendo uma categoria, a da pintura em painel, destaco aqui três trabalhos que, para além das expressões estética e imagética que revelam, unem os talentos de Calmon. Neles podemos admirar o leitor voraz, o pesquisador, o estudioso de história e de outras ciências, o intelectual e o observador atento da realidade passada, presente e futura.

O primeiro painel a que me refiro faz parte do patrimônio do “Correio de Araxá”. Ali, na sua história da imprensa, Calmon parte dos tempos das cavernas às Idades Moderna e Contemporânea, transitando de Gutenberg a Atanagildo Côrtes. Sem contar a imensidão de cores exibidas, de fragmentos de avanço técnico-científico sugeridos, as figuras à mostra têm linhas anatômicas vivas, precisas, elementos constantes na sua obra. Razão disso está em sua formação acadêmica assegurada na Escola Nacional de Belas Artes do Rio, gerada, por seu turno, sob o emblema da arte greco-romana.



Painel de Calmon Barreto retratando a história da imprensa, exposto na sede do jornal “Correio de Araxá”. 2009. Arquivo SAPP/FCCB.

Algo semelhante se vê na recepção do Hospital Dom Bosco onde Calmon retrata a inserção da medicina local no universo da ciência. Um rico painel dá a conhecer, por meio de cores e formas, o cientificismo pre-



Painel de Calmon Barreto narrando a história da Medicina, exposto na recepção do Hospital Dom Bosco. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

sente na medicina, a partir também do enfoque na ideia de evolucionismo. A imagem do médico araxaense, Dr. Adhemar Rodrigues Valle Júnior, na prática da sua profissão, é ali incorporada à riqueza de elementos históricos e artísticos representados. A diversidade de tons visíveis na tela imprime ares amenos ao local destinado a conviver com as ambiguidades da condição humana.

Ambos os painéis são anteriores a outro, presente na vida de Araxá, doado pelo artista: o do altar da Igreja do Rosário. Neste, mais uma vez, cores e rostos se impõem na tela em que São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são personagens centrais entre adultos e crianças, negros e brancos, jovens e idosos. Na paisagem natural do cerrado mineiro, ao fundo, com flores e frutos, o santo de tradição popular vem expressar a imagem daquele que oferece o alimento aos que têm fome e sede. Com o rosário em mãos, Nossa Senhora ilumina o cenário de Calmon com o poder de quem transformou as lágrimas dos negros em sementes, permitindo-lhes unir o catolicismo às religiões africanas.



Painel de Calmon Barreto que retrata a vida de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito. Exposto no altar da Igreja do Rosário. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

Imagens artísticas são textos que podem e devem ser lidos. As de Calmon são verdadeiras fontes para o estudo da história da humanidade, inserindo nesta a história de Araxá. Basta que sejam observadas, lidas e interpretadas.

RF. 08

## O SOCIAL E O CULTURAL

Entre 1968 e 1994, período que vai do retorno do professor a Araxá até o seu falecimento, o ateliê de Calmon Barreto ocupou lugar como referência indispensável no roteiro turístico da cidade.

Amigos e amigas de todas as idades, de diferentes profissões e pensamentos frequentavam a casa-ateliê dos irmãos Barreto. Todos eles e elas tinham em comum a amizade e a admiração pelos artistas, cada um com sua especificidade. A originalidade do cenário e dos personagens que o compunham, atraiu, ainda, muitos jornalistas, estudantes e professores.



Calmon Barreto recebe o prof. Darcy Ribeiro (à direita) no seu ateliê. Década de 1970. Acervo Família Barreto.

O cotidiano daquele ambiente sempre se alterava diante das chegadas dos visitantes. Em algumas vezes, essa alteração se manifestava de forma mais intensa. Em 1977, o então Ministro da Saúde, Dr. Paulo de Almeida Machado e Amália Lucy Geisel, filha do então Presidente da República Gel. Ernesto Geisel visitaram o professor e sua irmã, conhecendo-os e as suas obras. Dois anos depois a filha do presidente retorna ao famoso ateliê, dessa vez acompanhada de sua mãe, D. Lucy, enquanto o presidente Geisel inaugurava a VALEP em Tapira. Conduzidas pela então primeira-dama da cidade, Lúcia Ignez Mesquita de Paula, mãe e filha foram recebidas por Calmon que, vestido de terno e gravata, apresentou-lhes o conjunto da obra exposta nas paredes da casa-ateliê.



Cordélia Barreto, Calmon, Lucy Geisel e Luiz Di Mambro no ateliê do artista. 1979. Acervo Família Barreto.

Muitas histórias nascidas dessa e de outras experiências similares passaram a integrar a história do protagonista com seu espírito muitas vezes irreverente e com a constante e discreta presença de Cordélia.

Invariavelmente, a originalidade e o aconchego da casa-ateliê, somados à receptividade dos seus donos são sempre lembrados por seus amigos.

O hábito araxaense de levar turistas e visitantes ao ateliê de Calmon fez parte do cotidiano de Araxá durante quase três décadas. No início dos anos 1990, o jornalista e professor Moacy Cirne participava do Encontro Nacional de Quadrinistas, realizado na cidade, quando visitou o artista e, com ele, conversou demoradamente. Da visita resultaram muitos conhecimentos sobre a tradição local. Dentre estas, Dona Beja.

Resultaram, também, algumas páginas de história em quadrinhos nas quais o jornalista, Calmon e Dona Beja atuaram como personagens principais. Esses quadrinhos, de autoria de João Marcelo e Guilherme Bittencourt foram publicados, posteriormente, na Revista ELE e ELA com o título "Nas graças de Beja." (Revista ELE e ELA, 257/ano XXI, nov. 1990, p.110-113).

Muitas outras formas de divulgar aspectos culturais, sociais e econômicos estiveram associadas a Calmon. Ora ele próprio, ora inúmeros exemplares da sua obra, foram e ainda são, presenças permanentes em folders turísticos, catálogos telefônicos, livros, jornais, revistas, peças publicitárias de caráter público e privado, dentre tantos outros.

## ARTISTAS E AMIGOS ESCREVEM SOBRE A ARTE DE CALMON

### Um Só Calmon Vários

*De qual Calmon escrevo primeiro?*

*Calmons são muitos.*

*Calmon é um.*

*Calmons são vários.*

*Calmon é único.*

*Calmon é Calmon.*

*Tive o privilégio de conhecê-lo, de conviver e aprender com ele e de me despedir do Calmon.*

*Pessoa especial que procurou recheiar sua existência com obras, palavras, atos e omissões que dignificam a espécie humana e mostram evolução.*

*Se tivesse que simbolizá-lo seria com uma belíssima mão e um lindo pé.*

*Por quê?*

*As duas extremidades, pé e mão, sempre foram bem trabalhadas em suas obras (desenhos, gravuras, esculturas e pinturas) e tinham nobreza e simplicidade. Pés, firmes e decididos e mãos, dispostas ao trabalho e afáveis.*

*Calmon tinha firmeza, fortaleza de opinião e muita abnegação.*

*Calmon não se preocupou com apelos mercadológicos. Quis trabalhar e muito, e fazer aquilo que era coerente com sua vida. Aonde se meteu deixou sua identidade e valores que, pouco a pouco, serão entendidos por quem quiser aprender com os sentidos registrados e os existentes no coração. A não preocupação em vender trabalhos possibilitou que a obra se mantivesse guardada e agrupada. Assim, são possíveis retrospectivas e um museu representativo e com material ímpar.*

*Acredito que a vasta obra pode, para fins didáticos, ser dividida em três fases a que prefiro não dar nomes. Que outros escolham nomes. Num primeiro momento, onde a ilustração responde pela maior parte da produção, as linhas são clássicas e existe fidelidade ao real. Em seguida, os Calmons tornam-se mais soltos e,*

*influenciados pela descoberta de Michelângelo, situações inusitadas na anatomia agregam uma visão mais romântica da vida, por mais dura que seja a cena. Por último, Calmon é despojado, com cores mais vivas, captando a atmosfera do cerrado da infância e da opção de moradia da década de 60, cerrado das Geraes, com soluções sintéticas e abrangentes. Considero a descoberta de Michelângelo Bonarotti, a vivência em Cabo Frio e a redescoberta da terra natal (o sertão dos Arachás) os três pontos fundamentais e alavancas para o global da obra de Calmon Barreto.*

*Nota-se coerência no caminhar da obra e essa é revelada em tudo que ele trabalhou, inclusive, na literatura (no livro publicado e nos inéditos) e tal característica é o ponto principal para quem objetivar entender o nosso Calmon.*

*Acredito que Calmon Barreto lega (verbo sempre no presente) ensinamentos e tantos "que mesmo em face do maior encanto / dele se encante mais meu pensamento."*

*Mas, Calmons são tantos!*

*E devo testemunhar que, como "moderneiro" (palavra usada por Calmon para designar os artistas que se dizem ou são classificados como modernos, pós-modernos ou contemporâneos) recebi incentivo para trabalhar e muitos ensinamentos.*

*Calmons são muitos!*

*Como amigo presenciei e vivi situações de apreço infindáveis que tornaram minha vida e de outros, mais gostosas de serem vividas.*

*E, hoje, o tempo do relógio e da folhinha passa e ele continua porque Calmon é único.*

*José Otávio Lemos*

*Calmon, desculpe-me por não saber escrever ou falar tudo o que precisava.*

**José Otávio Lemos**  
J.O.L. • Araxá, 1995.

### Análise crítica

A primeira impressão acerca da obra de Calmon Barreto nos leva à frase de Da Vinci: “pintura é cose mentale”. Sim, Arte é coisa mental, ainda que nos emocione e nos sensibilize às lágrimas, é forma de pensar. O artista pensa a obra e a sistematiza. Se nos sensibiliza, é porque nos tornamos cúmplices da sua maneira de pensar, energizados por signos e símbolos, que acabam por ressoar dentro de nós nesse maravilhoso mistério da vida interior. E mestre Calmon Barreto nos emociona, seja no desenho sofisticado, seja na pintura-braço de mar de seu traço, seja, ainda, em suas esculturas. É criação pensada, ordenada em manifestação de plena liberdade criativa. Calmon Barreto está inteiro no verso de Mário de Andrade: “Eu sou trezentos...”, com seus desenhos, ilustrações, cartuns, esculturas, pinturas e escritas, além da criação de moedas à época de Getúlio Vargas, quando na Casa da Moeda fora mestre-gravador. Arte, antes de tudo, é domínio da Estética, portanto da Filosofia. E esteta, em grego *aisthétēs*, quer dizer “aquele que sente”. Arte segundo o filósofo Martin Heidegger: “é a projeção da verdade do ser como obra”, sendo verdade advento, um acontecimento, um fazer-se temporal, cujas figuras mundanas variam. A vida de Calmon Barreto foi a eterna busca por essa verdade estética, projetando-se nos mistérios da desocultação do ser, para transsubstanciar-se em arte. Iniciando pela arte clássica, chegou à linguagem moderna sem, porém, abdicar da figura em seus trabalhos. E esta arte figurativa deu-se em diversos níveis: marinhas de Cabo Frio, páramos de Araxá, paisagens campestres ora oferecendo-nos cenas históricas, ora cenas do cerrado. A técnica variando do óleo à aquarela, do bico-de-pena ao lápis, carvão ou pincel seco, em todas sentimos a angústia pela perfeição, o esmero das soluções pictóricas e plásticas. O desenho, contudo, representa sua arte maior, forma natural de projetar sua verdade. Mesmo ao pintar, o desenho sempre sobressai, acrescido das sensações cromáticas de “quente” ou “frio”, conforme nos queira sensibilizar. A cor é um elemento independente do realismo, causando ilusões convincentes sem a ajuda de um elemento estruturador. As Escolas de

Belas Artes criaram fórmulas para o ensino da pintura, tendo no desenho o elemento fundamental da linguagem, daí a academização da arte, mais tarde rompida pelo impressionismo. É justa, portanto, a adesão de Calmon Barreto, professor de desenho na Escola Nacional de Belas Artes, à facção acadêmica, abandonando-a mais tarde.

Em seu livro “Principles of Art History” (1915), Heinrich Wölfflin estabeleceu a dificuldade em conceber a linha e a cor usadas como um mesmo elemento, chamando-nos a atenção para a tradicional dicotomia entre o desenho e a pintura. Essa discussão deu-se, por exemplo, entre Venezianos e Florentinos, no final do século XV, tendo como oponentes Ticiano e Botticelli. O problema central era a possibilidade ou não de desenhar com a cor sem que esta se tornasse subserviente à linha. Em Calmon Barreto esta discussão acadêmica não encontrou guarida, pois desde o início de sua carreira, ainda menino, Calmon sempre preferiu o traço à cor. Nessa escolha, o artista maior de Araxá fez sua opção pela razão, disciplina, lógica, precisão e refinamento, deixando de lado as propriedades cromáticas associadas à paixão, romantismo, mistério e sensações, território exclusivo da cor. Na obra de Calmon, a cor, quase sempre tênue e esmaecida, é coadjuvante do desenho, este personagem principal. O motivo desta escolha prende-se ao aprendizado inicial, quando as questões gráficas lhe foram apresentadas antes das cromáticas. Na Casa da Moeda discutia-se mais o substancial da forma que a metafísica da cor. Seus estudos de anatomia humana e animal completaram essa maneira de ver a forma. Calmon descartou modelos ao rebuscar a profundidade do corpo físico, deixando de lado a pele da figura, aperfeiçoando cada vez mais na estrutura da forma. Poderíamos comparar desenho e pintura como ossadura e pele, respectivamente. O desenho, a estrutura corporal, enquanto a pintura, sua pele. Calmon Barreto preferiu a estrutura da forma à película emocional da cor, privilegiou mais o continente, menos o conteúdo. Tudo isso, porém, vale na figuração, pois com o advento do abstracionismo, o desenho sumiu por completo das artes visuais, tornando-se a cor quase autônoma. O

desenho divorciou-se por completo da cor, daí ser Calmon Barreto um desenhista, um gráfico, e um colorista. Sua paixão sempre fora a forma, mas nos legou uma obra importante do ponto-de-vista do conhecimento da anatomia, trazendo-nos a realidade para dentro de nós, arrebatando-nos pela sofisticação do seu traço, emocionando-nos pela perfeição de seus retratos e de suas paisagens, empregando a cor com tal parcimônia que, se não fosse apenas apêndice de seu traço, diríamos, em tom de blague, estarmos diante de um pintor a usar a cor com maior usura.

A escultura de Calmon Barreto é pouco divulgada, formando ao lado das ilustrações, dois aspectos menos conhecidos de sua obra múltipla. Com o passar do tempo suas esculturas, antes delgadas e menos volumétricas, passaram a volumes mais densos, influência da escultura em pedra de civilização pré-Colombo, como o caso de “O Laçador”, visivelmente influenciado pela cultura Olmeca do México. No bronze, porém, Calmon Barreto mostrou-se um escultor clássico de origem, dando-nos contribuições exemplares de figuras, porta-

das e monumentos urbanos. No campo das ilustrações, ombreou-se com os melhores do seu tempo, ilustrando revista e jornais do Rio, da primeira metade do século XX, como *Vida Doméstica*, *Fon-Fon*, *O Cruzeiro*, *O Malho*, *O Jornal*, *A Cigarra*, além de ser um dos precursores das histórias em quadrinhos, quando os cartunistas nacionais tentaram fazer frente às tiras de H.Q. importadas. Se as ilustrações de Calmon Barreto ainda nos emocionam, mais uma vez deve-se ao seu excelente desenho: rigoroso, mas sensível; fundamental para os que quiseram penetrar em sua verdade pictórico-plástica. O desenho permite ao artista adentrar o âmago da realidade, sentir-lhe o cerne, dissecá-la, reestruturá-la e transsubstanciá-la em verdade.

Calmon Barreto sabia ser o desenho sua maneira de possuir a realidade, estabelecendo a união entre o mundo objetivo e a imaginação, amalgamando realidade e sonho.

**Alberto Beuttenmüller**

Associação Internacional de Críticos da Arte  
São Paulo, setembro de 1995.

Por ser leigo no assunto, deixarei que os entendidos falem sobre a qualidade, a extensão e a importância da obra de Calmon Barreto, embora seja um apaixonado admirador de tudo o que realizou.

Tentarei apenas lançar algumas pinceladas sobre a sua extraordinária figura humana e suas idéias, para que se juntem a outras observações de amigos, a fim de que as pessoas possam entender e valorizar, ainda mais, o seu talento e o seu caráter.

Profundo conhecedor das reações humanas, dizia que a índole de uma pessoa podia ser estudada e entendida quando esta observava uma obra de arte: tem pessoas que só procuram defeitos e falhas no trabalho alheio: outras, no entanto, como na vida, buscam observar a beleza do conjunto.

Aveso às badalações e amante das coisas e

das pessoas simples, afirmava, categoricamente, do alto de sua autoridade de professor catedrático durante várias décadas, que o mestre é o único responsável pelo sucesso ou fracasso do ensino. Talento, para ele, estava intimamente ligado ao suor: noventa por cento transpiração e dez por cento de inspiração. Ele, mais do que ninguém, foi exemplo de dedicação e disciplina de busca de seus objetivos.

Certa vez, disse-me que não gostava das férias escolares, pois se via privado de ouvir o barulho das crianças. Para mim, dizia, barulho de crianças soa como música, tamanho o amor que sentia por elas. Ele se deliciava quando elas gritavam no portão de sua casa, sem nenhuma cerimônia, dizendo apenas: Ô, Calmon!

Mesmo na velhice, continuou a ser um devorador de livros e conservou o gosto pela escrita: registrava tudo no papel – acontecimentos,

ideias e, o que lhe dava mais prazer, escrever contos.

Outro comportamento que chamava atenção no professor Calmon Barreto era o respeito e o amor que ele dedicava aos animais. Colocava, diariamente, alimento no terreiro para atrair os pássaros. Não gostava que a Cordélia retirasse os quadros das paredes, por ocasião da limpeza, para que as lagartixas não fossem perturbadas. Até as aranhas contavam com a sua proteção.

Autenticidade e sinceridade eram suas marcas registradas. Ninguém foi mais amigo dos

seus amigos que ele. Não admitia meios-termos e nem meias-palavras. As suas telas refletem fielmente a maneira como ele encarava a vida e enxergava o mundo: firmeza no traço, transparência, luminosidade e cores, muitas cores, distribuídas com harmonia e beleza. Acabei entrando na seara da Cordélia e do Fernando Barreto, seus irmãos, também artistas. Perdoem-me, mas não deu para segurar: a beleza de suas obras faz com que até os leigos se sintam entendidos em arte.

**Sebastião Ely Botelho**  
1995

Conheci Calmon em meados de 1970, quando procurei sua casa, a fim de aprender pintura com sua irmã Cordélia. Calmon começava a esculpir "O Garimpeiro". Foram meus primeiros contatos com o grande artista, amigo e contista, que em conversas animadas, me contava casos de sua infância no "Garimpo", me inteirava de nossa cidade nos tempos antigos; me falava da sua passagem pela Casa da Moeda e de sua viagem à Europa.

Me dizia Calmon: "para ter certeza de que sua paisagem está bem feita, você deve conseguir transportar quem a está vendo para dentro da tela", e assim ele o consegue, tanto nas telas quanto nos seus contos, com detalhes minuciosos de tudo o que acontece em volta, à medida que vai percorrendo na descrição do ambiente onde se desenrola o fato, e nos diálogos travados por seus personagens.

Seus trabalhos, verdadeiras obras-primas, tirados da pedra bruta e das telas, de onde nasciam milagres. Pinceladas bailarinas, procura vitoriosa de efeitos mágicos, pintados no ténue algodão cru; intenções sutis sendo delineadas ao longo da tela e do papel, que marcavam inspirações supremas; toques e traços de genialidade tingidos de todas as cores; buriladas cadenciadas sobre a pedra bruta, de onde parecia brotar o sangue das figuras e das paixões aquietadas.

Suscitado por essa transformação, não há quem se declare vencido pelas suas obras, e as proclame que se mostrem simples como uma pedra ou uma árvore, enormes como o mais alto dos píncaros, delicadas como um pequeno pássaro ou uma flor; por isso, admirando-as, é impossível ver por imagens, mas torna-se indispensável ascender, para poder pairar tal qual um fluido, e fazer parte integrante dentro dela.

Calmon, em sua grandiosidade, gostava de falar de coisas simples; do aumento gradativo dos pássaros que vinham comer na porta de seu ateliê; do movimento buliçoso das crianças que iam e vinham da escola (reclamava sua falta em época de férias); do cheiro de "mato" da horta vizinha depois da chuva; dos movimentos das nuvens no céu, formando desenhos diversos; da pitangueira por ele plantada, e que não se desenvolvia de modo algum; do "melado com inhame" e da "geléia de laranja baiana" preparados por Cordélia, e muitas outras mais.

Apesar de ser esta uma mostra póstuma, Calmon ainda continua vivo em toda a sua extensa obra espalhada no vasto círculo de amigos e, principalmente, no exemplo de honra e caráter de sua figura ímpar.

**Armando Marchiori**  
1995

Com grande emoção e contentamento, hoje, dia 17 de outubro de 1995, ficará marcado para sempre no calendário cultural e histórico de Araxá, esse grande acontecimento. Trata-se da abertura solene da Exposição das obras de arte do renomado artista araxaense: Calmon Barreto.

A Prefeitura Municipal de Araxá, a Fundação Cultural Calmon Barreto (que muito se orgulha em tê-lo como Patrono) e as empresas CBMM, Arafertil e Rio Sul (serviços aéreos regionais) se uniram para que esse acontecimento se concretizasse...

Dentre os objetivos fundamentais que motivaram a realização dessa Exposição está a homenagem sincera àquele que soube tão bem multiplicar os seus dons, criando e trabalhando com amor, levando e elevando o nome de sua querida terra natal.

Além dessa homenagem póstuma, nosso maior desejo é o de oferecer essa oportunidade a toda a comunidade araxaense e aos visitantes, para que possam conhecer, avaliar e se extasiar diante desse rico e grandioso acervo.

Quando se quer fazer arte, segundo o grande romancista Gustave Flaubert, é necessário ser superior aos elogios e às críticas. Quando se tem um ideal claro e preciso, há que caminhar em linha reta, sem se deixar desviar pelo que se pode encontrar na estrada."

Neste tipo de comportamento artístico enquadra-se meu irmão Calmon Barreto, e o afirmo com a convicção de quem partilhou com ele o mesmo ateliê durante mais de cinco décadas.

Na sua arte, revela-se com suficiente clareza o seu ideal e o que incorporou, em termos de conhecimentos da arte clássica e de seu aprendizado, no país e no exterior. Para realizá-lo, somente parou, quando, devido às limitações físicas, determinadas pela idade, não conseguia mais segurar os instrumentos de trabalho.

Em toda a sua vasta produção artística, seja no desenho, na gravura, na escultura, na pintura,

do qual todos nós muito nos orgulhamos.

Desse modo, torna-se também um grande motivo para reverenciarmos e perpetuarmos a memória de nosso grande Mestre. Nesse momento solene, desejamos evidenciar o empenho da Família Barreto, retratado nos seus irmãos Cordélia e Fernando, sem os quais seria quase impossível realizar essa Mostra.

Araxá muito se ufana por ter sido berço desse artista nato, versátil e idealista. Nós, araxaenses, temos, pois, o dever de cuidar, zelar e proteger essa obra grandiosa que ele nos legou como herança artística e cultural.

Que essa Mostra, tão rica e valiosa, possa conscientizar toda a população e seus governantes, para que seja o primeiro degrau a fim de se concretizar o tão sonhado e almejado: MUSEU CALMON BARRETO!

**Discurso proferido por**  
**Lygia Cardoso Maneira,**

Presidente da FCCB por ocasião da abertura da Retrospectiva Calmon Barreto • 1995

ra, e mesmo na literatura, o que se constata é uma coerência perfeita na escolha dos meios e modos, para atingir o que se propôs fazer, sem levar em conta os elogios e as críticas.

Poderia, se quisesse, enveredar-se por diferentes modismos artísticos, já que dispunha de uma sólida formação acadêmica, reforçada pela longa experiência docente, na área do modelo vivo e da anatomia artística.

Com tal embasamento, poderia alçar vôos fáceis e em diferentes direções, mas não o fez. Seu caminho foi reto, em direção ao seu ideal e, nisto, foi de uma coerência total. Fez a arte que perseguiu e o acervo que deixou o atesta. Mas não ficou estacionado em relação aos temas que foi encontrando no caminho, para realizar a sua arte.

Numa primeira fase, que chamaria de acadêmica, sua produção estava voltada para o

atendimento de solicitações de órgãos públicos, principalmente da Casa da Moeda e de clientes. Foi uma fase dura, em que pouco tempo lhe sobrava para expandir seus anseios artísticos. Na fase subsequente, quando os problemas de sobrevivência estavam praticamente resolvidos, revelou seu romantismo, nas esculturas e nas telas que foi produzindo. Seu pequeno ateliê, situado na rua Uruguaiana, já não comportava o volume de esculturas e telas. A aquisição de uma casa, em Cabo Frio, à beira do mar, próxima às grandes dunas, numa área então quase desértica, trouxe-lhe novas inspirações. O azul do mar e a brancura das extensas praias passaram a ser os principais temas de suas telas.

Naquela casa despojada, sem água encanada e sem luz, recebia amigos como Jordão de Oliveira e colegas da Escola Nacional Belas Artes.

Aposentado, atraído, talvez, por força atávica, deixou a grande cidade para afixar-se em Araxá, na mesma casa em que passou sua infância.

Aí encontrou outra motivação para a sua arte: resgatar a história de Araxá.

O artista Calmon Barreto — consagrado pelas suas esculturas, gravuras, desenhos, óleos e aquarelas — não precisa de muitos elogios, sua obra fala por nós todos, seus admiradores.

Entretanto, a pessoa, nem todos tiveram a felicidade de conhecer.

Simplicidade e autenticidade sempre foram características constantes do artista.

Outra grande virtude era saber valorizar as coisas da vida que realmente importam.

Sempre observei quando as pessoas, inclusive eu, pedia opinião sobre algum trabalho nosso e, por pior que estivesse, ele procurava algum ponto positivo para elogiar e criticava os demais sem desanimar-nos.

Era, acima de tudo, autêntico, artista e amigo.

Maria José de Paiva Teixeira

Procurou, sofregamente, documentar-se o mais possível sobre os primórdios da cidade. Entrou, então, noutra fase, que procurava chamar-se “histórica.”

Suas telas e esculturas sobre este assunto ocuparam as últimas décadas de sua vida.

O que Calmon produziu então constituiu um acervo que, para a cidade, é mais que tudo uma prova de amor.

Na arte, diz Anatole France, está todo o homem, seus ideais, e o que logrou fazer para atingi-lo. De meu irmão e mestre, guardo além da saudade, profunda gratidão.

Vejo-o ainda, estudando, escrevendo, desenhando esboços, pintando, ou fazendo alguma escultura, interrompendo seu trabalho, para tomar um cafezinho no seu cuité e acender o cachimbo, recebendo visitas...

Sua arte é a marca que realizou, numa longa jornada, que teve início e fim nesta cidade, da qual não arredou os pés nestes últimos trinta anos.

**Cordélia Barreto**

É sempre uma grande alegria lembrar e falar sobre Calmon Barreto... Grande artista e literato araxaense, nos enche de vaidade e ternura, pois que construiu um grande espaço para a cultura e o patrimônio histórico de Araxá!!

Além disto, foi um grande “amigo”, com os quais, ele e sua irmã Cordélia, tive o prazer de conviver por longos anos... Uma amizade que se fez através da pintura... do desenho... e da capacidade de doação de sua genialidade!!..

Agradeço a Deus e à vida, ter colocado Calmon Barreto no desenho de nossas vidas, para que, ao nos inserirmos na cultura da Arte Pictórica, pudéssemos visualizar o mundo e as pessoas, numa direção de beleza, sensibilidade, de fazermos avaliações e escolhas em situações de incertezas e dificuldades, pois também a Arte nos conduz a sentir e viver a própria vida, com leveza, prazer e encantamento.

Marísia Pereira C. Ribeiro

## ESCRITORES E JORNALISTAS ENTREVISTAM CALMON

### CALMON BARRETO

**Heitor Gentil Montandon**

#### A Casa

Rua Padre Anchieta, 109, no rumo da velha Piteira que o tempo engoliu. Tempo de amar, sofrer, ganhar, perder, dono de tudo, de nada...

A casa tem uma aparência quase sonolenta, como se fizesse a sesta, ao sol do meio-dia, acorçada na esquina. A impressão materializada de tédio pode ser uma forma de repulsa ao intruso, ou indisfarçável repúdio ao mediocre transeunte.

Sei lá, casa parece ter vida. Identifica-se com os moradores, numa atmosfera íntima de amor, paz, revolta, angústia, mistério. As paredes formam uma caixa de memória, retendo traços da vida que se esvaiu. Onde o homem passa, deixa sua marca, na perspectiva material ou espiritual.

Ninguém diria que a modesta vivenda é a morada da Arte. Pise o interior com o respeito com que se penetra nos templos. Deus está intensamente presente na rua Padre Anchieta, 109.

Centenas de belos quadros guarnecem as paredes e há uma sensação de paz, um tanto mística. Ali moram Calmon e Cordélia Barreto.

#### A Pedra

Eu a vi, cerca de ano, imensa num verde chumbo com mesclas de cinza em mais de sete toneladas de desafio.

Fora colocada junto ao tronco de soberbo jenipapeiro. O homem a martelava ininterruptamente, lançando pequenas lascas que juntavam o chão. O suor escorria-lhe pelo rosto, abrindo sulcos na face coberta de pó.

Calmon mostrou-me o esboço da escultura que trabalhava. Garimpeiro segurando a batedeira e exibindo pepita a uma criança.

Mas a pedra era bem mais dura que granito e insensível à arte. Pensei que aquele imenso bloco de anfibólio dificilmente concordaria com a transformação. Talvez depois de alguns anos de interminável tec, tec, tec...

Meu ceticismo foi fugaz, porque nunca vi tanta determinação como a refletida nos olhos que fitavam a pedra. Olhar que rebuscava cada reentrância e cada saliência na volúpia do domínio. O escultor se transfigurava. Não era o rosto que eu vira, atrás do cachimbo, com os olhos semi-cerrados de bonomia.

O homem, a árvore e a pedra formavam um quadro singular. De longe, a fragilidade humana parecia esmagada pelos dois colossos. De perto, o homem crescia mais que o secular pé de jenipapo e a pedra virava cascalho. Era o Artista, participando da obra de Deus, no altar a Criação.

#### Predestinados

Aníbal Barreto passou por aqui. Foi fazendeiro, negociante, funcionário municipal, meirinho. Ajudou a construir a terra que amou. Pertence a outro ciclo e dele pouco sei.

Mas tenho por ele e sua mulher, Dona Alfonsina, uma carinhosa admiração. Certamente, formaram um casal de suave convivência. Cultivaram o amor e a beleza com a solicitude de idealistas peregrinos.

Nada mais explicaria o nascimento de tantos filhos dotados de pendores artísticos: Calmon, Fernando, Cordélia, Djalma, Elizabeth e Edméia.

Na feliz expressão do professor Miguel Franco, CALMON BARRETO é “uma das mais marcantes personalidades brasileiras nos campos da gravura, escultura e pintura”. Por isso mesmo exerceu cargos de alta relevância: Professor Catedrático da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Artísticas (Escola Nacional de Belas Artes), Chefe do Departamento de Ciências Aplicadas ao Conselho Departamental (idem), Diretor da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Gravador Mestre da Oficina de Gravura da Casa da Moeda. Várias vezes laureado no Salão Nacional de Belas Artes (Salão Oficial Brasileiro), Menção Honrosa, Medalha de Prata, Grande Medalha de Prata, Medalha de Ouro, Prêmio de Viagem. Cândido Portinari tirou o Prêmio de Viagem em 1928 e Calmon Barreto o conquistou em 1929.

#### A alma é Cordélia

Translúcida criatura, do outro lado do mundo, o seu mundo, fitando a gente com a cafeteira na mão. Um sorriso de Madona, entornando café quente, aromático, complemento indispensável da hospitalidade mineira. E eu ali fui roubar-lhe a paz, devassando o mistério de sua pintura.

A alma da morada é, sem dúvida, Cordélia. Sente-se isto desde as flores cuidadosamente cultivadas no jardim.

A sua presença é muito mais real nos quadros que pintou. O motivo predominante são flores. Uma grande variedade delas, apresentadas com raro bom gosto. Captou as cores naturais com uma fidelidade de que só a alma feminina é capaz. Depois, esparziu-as com fagulhas de sua intensa vida interior. O resultado é simplesmente arrebatador.

Enquanto fotografava tudo e todos, com profusa indiscrição, advertiram-me que ela jamais se deixava fotografar. A advertência valeu como desafio ao repórter improvisado.

Afinal, cumpria missão especial para o “Velho Atanagildo” e não podia decepcioná-lo. A homenagem que o “Correio de Araxá” prestava aos nossos grandes artistas devia ser convenientemente ilustrada.

Tentei surpreendê-la com a importuna objetiva, enquanto conversava na sala. Ela percebeu o movimento, levantou-se com rapidez e lá se foi para outros cômodos. Mas a foto batida não ficou de todo vazia, ao fundo, um belo quadro de Calmon roubara ao Tempo uma imagem de Cordélia.

A propósito, nenhuma das fotografias deu “clichê”...

#### O Mestre

Para não ser “puxador de queixo de égua”, o menino montou a mula e foi para o Rio. Tinha 12 anos. Quarenta e sete anos depois voltou, com um nome nacional, de dimensão internacional – CALMON BARRETO.

Começou como aprendiz, na Casa da Moeda, em 1922, ingressando por concurso, na Escola Nacional de Belas Artes, em 1924. Início pesado demandando muito estudo e força de vontade.

*“Então, a metade do dia eu ia para a Escola de Belas Artes e do meio-dia até às quatro horas, trabalhava na Casa da Moeda, e à noite fazia o Ginásio”.*

*“Quanto à sua pergunta se eu me dediquei a outras profissões, mesmo dentro das artes plásticas, de fato, eu iniciei como gravador da Casa da Moeda. Tirei o Prêmio de Viagem na Seção de Gravura. Fui à Europa, estive lá dois anos. Fiz ainda um estágio na Reale Scuola della Medaglia. Fiz concurso para lá, e fui bem sucedido, e lá estive por um ano e pouco. Depois, voltei para o Rio de Janeiro e me integrei novamente na Casa da Moeda e fui nomeado Gravador Mestre. Lá fiquei na administração do grande diretor Mansueto Bernardo. Fiz uma série de moedas e medalhas na ocasião até 1936. Depois, saí por questões de necessitar de uma certa liberdade, um campo maior para trabalhar. Saí da Casa da Moeda e dediquei-me à ilustração. Fui ilustrador de quase todas as revistas do Rio de Janeiro: “O Malbo”, “Fon-Fon”, “Revista da Semana”, “O Cruzeiro” etc., em jornais como “O Jornal”, etc. E dediquei-*

*-me também às artes de publicidade, mais ou menos até 1945. Neste ano, já tinha sido convidado para lecionar na Escola de Belas Artes e, como tinha tempo vago, dediquei-me à escultura. Trabalhei em escultura durante uns 10 ou 15 anos. “Mas, também pintava, de vez em quando, e depois tomei umas lições com Jordão de Oliveira e comecei a pintar. E hoje me dedico praticamente mais à pintura. Agora, depois que vim para o Araxá retornei à escultura, por questões da vista, que já não está muito boa para pintura, e me sinto mais à vontade na escultura”.*

#### Formação Artística

*“Sobre os mestres que eu tive. Tive muitos e muito bons. A começar pelo mestre Pedro Leopoldo Vieira, de que já falei antes, aqui no Araxá. Depois, no Rio de Janeiro, na Casa da Moeda, tive Jorge Soubre, um grande gravador. O professor Farias, cujo primeiro nome não me recordo, mas um grande professor de desenho. Depois tive Otto Reim, que era um alemão contratado pelo governo brasileiro para ensinar gravura de talbo doce e desenho na Casa da Moeda, um formidável professor. Com este aprendi muito, mas muito mesmo. Quando entrei para a Escola de Belas Artes tive o professor Augusto Girardet, italiano de nascimento e de descendência inglesa, de uma geração de grandes gravadores em pedras preciosas e medalhística. Ele veio contratado para o Brasil, mais ou menos no fim do século passado. Lecionou na Escola de Belas Artes, quando foi fundada a nova Escola pelos irmãos Bernardelli. Dele fui aluno durante sete anos na Escola de Belas Artes e com ele aprendi o que sei até hoje, em matéria de modelagem, de gravura em metais e em pedras semipreciosas, enfim tudo aprendi com ele. Ele foi muito bom comigo. Foi um segundo pai mesmo. Ele, quando fui à Europa, seguiu para lá uns meses antes, e preparou todos os maiores artistas de Roma, inclusive o Diretor da Reale Scuola della Medaglia, que era o professor Romagnelli, um dos maiores gravadores da época. Com ele depois eu fui estudar”.*

*“Bem, mas voltando à Escola de Belas Artes, tive também um grande professor; Rodolfo Chambelland. Era professor de Desenho Modelo-Vivo. Particularmente, tive Ronaldo Cunha Melo, que me ensinou perspectiva. Mas professores, de que eu me recordo, foram todos aqueles grandes artistas das décadas de 1920, 1930 e 1940, pois deles pude aprender muito; vendo suas obras, tomei como exemplo as suas vidas”.*

*“Sobre contatos com exposições e movimentos de arte, tenbo a declarar somente que, aqui no Brasil, temos a nossa Pinacoteca, que está situada no mesmo edifício da Escola de Belas Artes, talvez a maior das Américas, pelo menos da América Latina tenbo certeza, com originais de grandes artistas da Renascença, de artistas do período impressionista. Com os trabalhos dessa pinacoteca muito aprendi. Depois, na Europa, corri todos os museus de arte da Itália, quase todos. Percorri os de todas as províncias. Corri a Itália toda. Na França, o Louvre e outras coleções. Também, na Inglaterra, na Alemanha, na Áustria, na Tchecoslováquia, Espanha e Portugal. Corri todos esses países e pude aprender muito. As obras que mais me impressionaram, durante minha estadia na Europa foram: a de Miguel Ângelo, em Roma, Florença; as obras de Velásquez, sendo que o retrato de Inocência X, que está num dos museus da Itália, cujo nome não me recordo, é uma maravilha que me impressionou profundamente. E os grandes impressionistas da França, no Louvre e outros museus de lá”.*

*A respeito das premiações que recebi na minha vida, fui como todos os artistas. Como eu, existe uma infinidade que passou por aquela escada do Salão Oficial, que é o Salão Nacional de Belas Artes. É o que nos dá os títulos, que começam com Menção Honrosa, Medalha de Bronze, Pequena Medalha de Prata, Grande Medalha de Prata, Medalha de Ouro, Prêmio de Viagem, Medalha de Honra. Esta última ainda não obtive, graças a Deus, porque tenbo a impressão de que aquilo é uma espécie de pá de cal na vida do sujeito, e eu ainda não mereci isso, e não faço questão, não.*

Agora, obtive outros títulos. Por exemplo, no magistério: uma cátedra, defendi duas teses, obtive dois doutorados pela antiga Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e o que mais eu tenbo, todo mundo tem, e não dou a menor importância. O que eu gostaria é que todos achassem que eu fosse um artista bom ou regular, isto é que me interessou sempre.

### Obras e Exposições

“Quanto às coleções em que estão os meus trabalhos, tenbo a esclarecer que, da minha atividade de gravador medalhista, a Casa da Moeda deve ter muitas medalhas e moedas feitas por mim; lembrando daquela série de moedas vicentinas, muitas delas foram feitas por mim. No Museu Histórico do Rio de Janeiro, na sua coleção de Numismática, creio, tem todas as medalhas que eu fiz na minha vida. A Reitoria da Universidade do Brasil tem, também, muitos trabalhos neste sentido. Agora, quase todas as esculturas do monumento da Laguna, da parte da cripta, foram feitas por mim. Tem um trabalho encomendado pelo Itamarati, representando a Batalha de Guararapes, que deve estar numa praça de Portugal, é composição e criação minha. Tenbo em B. Hte., no “ball” do Banco de Crédito Real, um baixo relevo em arenito de 5 metros por 2m, e grandes outros baixo-relevos em bronze”... Quanto a desenhos, durante 15 anos desenhei para todas as revistas, illustrei muitos livros de poesias, romances, illustrei histórias de quadrinhos. Eu devo ter sido um dos grandes precursores desta modalidade de que hoje se vê tanta propaganda. Por volta dos anos de 1935 e 1945.

“Os Salões a que eu concorri? Só o nosso Salão Oficial, que é o padrão do país, que é o nosso Salão Nacional de Belas Artes, onde fiz, durante muitos anos, parte do júri. Fiz parte, também, por 3 vezes, do Conselho Nacional de Belas Artes. Expus, uma ocasião, por volta de mil novecentos e vinte e tantos, num Salão Oficial da Argentina. Aqui, em Belo Horizonte, concorri numa

exposição de artistas mineiros que viviam no Rio de Janeiro. Porém, exposições particulares, eu não gosto de fazer. Eu acho que a minha arte é para meus amigos, de pequeno círculo. Ainda não tive necessidade disso, graças a Deus. Não quero dizer que fazer exposição seja comércio. Pode ser que mais tarde venha a fazer exposição por necessidade. Mas, por ora, não penso, absolutamente, nisso”.

### Visão Interior

Condensar o pensamento de Calmon Barreto é tarefa extremamente difícil. Não que ele seja complexo ou disperso. Ocorre que o artista tem uma profunda visão interior. Os temas que aborda, com aquela simplicidade que o caracteriza, recebem vasta contribuição pessoal. O Mestre é antes de tudo um filósofo.

A modéstia é o tom permanente. Acha que sua sensibilidade “é igual à de todo o mundo”.

Não gosta de receber encomendas, por ciúmes. Sente-se bitolado, quer produzir sua própria inspiração.

Considera o impressionismo a fase mais bela da pintura. Gostaria de ser impressionista, embora, no seu entendimento, não o seja.

Para ele, Arte Moderna existiu, é simples apelido. Discorda do título. Diz que os modernistas falam em “período de transição”, mas esta transição está durando demais. Não se pode desprezar o Passado, que é alicerce de toda cultura.

Há um verdadeiro caos na Arte Contemporânea, para o qual muito contribuiu o abuso do subjetivismo

Contudo, acredita que deste caos surgirá alguma coisa. Aprecia a Arquitetura Moderna, bem como a Literatura. A Música, a Poesia, as Artes Plásticas são o núcleo do caos.

Não se preocupa com estilo, época ou escola, nem com os acenos da glória. Suas produções artísticas obedecem a um impulso natural, que vem de dentro para fora e não de fora para dentro.

É possível que seja um pouco realista, que as cores e o desenho mereçam-lhe cuidados expressivos. Espera que o tempo defina sua Arte, como arte ou não, pois os elogios não o impressionam.

Ainda não compareceu às Bienais, coerente com seu ponto de vista sobre o modernismo, pois estas mostras têm tendência sobejamente definida...

A verdadeira arte é a arte da interpretação.

### Fatos Pitorescos

“Bem, sobre fatos pitorescos da minha vida, existe uma infinidade deles, mas vou citar alguns sucedidos depois que eu estou aqui na minha terra. Há pouco tempo eu estava visitando um amigo numa repartição pública do D.E.R. e esse amigo me apresentou a um outro funcionário de lá. Este funcionário disse-me: — o senhor é o Calmon Barreto, eu tinha interesse em conhecer o senhor. Mas, estava com vergonha de procurá-lo e fazer um pedido ao senhor, pois eu queria um quadro seu, mas acontece que eu não ligo muita importância para esse negócio de pintura, porque eu não entendo, e nem gosto mesmo. Mas minha mulher me falou e acha que depois que o senhor morrer, vai valer algum dinheiro, assim não custa nada o senhor me dar um quadro seu para futuramente eu defender os meus “ganhos” para os meus filhos. Esse é um dos casos. Mas, poucos dias depois, um padre daqui da cidade, um homem puríssimo, queria ser apresentado a mim. Bem, aconteceu de sermos apresentados, e ele me disse assim: — professor, eu gostaria tanto que o senhor pintasse uma vaca para mim. E eu disse: — Pois não, padre. Estou à sua disposição. Mas o senhor terá que pintar essa vaca lá na fazenda, porque ele, Pasqualino, toma conta da Fazenda dos Padres. Eu disse: — pois não, padre. Então o senhor me leva lá ou vai comigo e o senhor me mostra aonde. — Mas o senhor tem que pintar lá na parede do estábulo. Eu disse: — mas, por que, padre? Porque minhas vacas são uns bichinhos tão bonitos e eu gosto tanto delas e tenbo a

impressão de que elas vão gostar também da pintura do senhor. Por favor, me pinte esse quadro. — Esse quadro, eu achei muito interessante, mas eu prometi e vou fazê-lo. Pois, a pureza do padre e a simplicidade dele me chocaram de tal maneira que eu vou pintar a vaquinha para o padre”.

“Fatos como este tem diversos. Ainda no outro dia chegou aqui um industrial, aqui da minha terra, que queria comprar um quadro meu. E eu respondi: — Mas, meu senhor, eu não vendo quadros. Eu os faço para minha família, para meu entretimento. E ele disse: — Mas eu precisava tanto, porque minha mulher está dando tanto em cima de mim. O senhor sabe, eu não ligo para essas coisas, mas minha mulher quer. E eu perguntei: — Mas de qual tamanho que o senhor quer o quadro? — É... um buraco na parede que deve ter, assim, dois palmos, e ela quer tapar esse buraco. E eu disse-lhe: — Meu senhor, um quadro meu vai lhe custar uns duzentos, quinhentos contos de réis, conforme o quadro, e assim o senhor chama o pedreiro que, com dez cruzeiros, tampa aquele buraco. E ele imediatamente disse: — Uai, é verdade, o senhor tem razão. E virou as costas e foi embora...”

“Outro fato interessante se deu quando eu era moço e vim passar uma temporada aqui com meu pai. Estávamos reunidos aqui na sala com uns fazendeiros amigos, gente muito boa. E um desses fazendeiros perguntou-me assim: — Ob, Calmon, afinal com o que você está mexendo (Mexendo é, entre eles, a profissão) agora? E eu respondi: — Sou professor na Escola de Belas Artes. Ensino desenho e anatomia. E ele disse: — Não, Calmon. Eu quero saber se você tem uma profissão de homem!”

### Notas Paralelas

Há mais de quinhentos quadros na residência de Calmon. A quase totalidade de sua autoria. Não vende nenhum. Raramente, troca alguma tela por algo que lhe interessa. O mais puro horizonte artístico: a arte pela arte.

Além de excelente gravador e pintor, é escul-

tor de toque mágico e dedica-se, ocasionalmente, à literatura, no gênero contos.

“O Garimpeiro”, já mencionada, é escultura de rara beleza em fase de conclusão. Trabalhada em pedra imprópria por sua dureza excessiva, o anfibólio-xisto.

A escultura bifronte que se encontra na Av. Antônio Carlos é de extraordinário vigor. O interessante é que não existe reprodução alguma das feições de Bento Antônio ou Bom Jardim.

Para esculpir o rosto do fazedor de imagens (Bento Antônio) Calmon estudou sua obra. Encontrou nela traços da personalidade do artista colonial e os reproduziu. Já o riscador de igrejas (Bom Jardim) resultou de sua própria concepção artística. Magnífico trabalho. Utilizou pedra sabão cheia de fiapos, inadequada, de outros materiais, abandonada há mais de 200 anos. Dizem que o bloco era até mal assombrado. Eu diria bem assombrado, pois, segundo consta, junto a ele costumava aparecer um vulto de mulher.

Não existe possibilidade de rejeição na obra de Calmon. Impossível descrever os quadros, não só pelo número como pela variedade de motivos.

Pessoalmente, gostei mais das paisagens hostis de Cabo Frio, quadros de uma violência incomum.

## CALMON – SEM MISTÉRIOS...

### Atanagildo Côrtes

P) – Vamos começar do princípio, Calmon. Por que é que você, menino de roça, lá do “Garimpo do Ouro”, foi mandado para o Rio de Janeiro, ainda de calças curtas, a fim de estudar pintura? Você já tinha algum pendor artístico, vocação? Em caso positivo, como foi que esta tendência veio a furo?

R) – *Sim, menino de roça é bem o termo. Minha primeira infância na fazenda do Garimpo do Ouro influenciou sobremaneira*

Uma tela elaborada na época da última Grande Guerra mostra o Cristo Crucificado com os pés abraçados por uma atônita menina e, ao fundo, soldados em luta, armados de fuzis e obuses. Transparece o espírito pacifista, o misticismo e o grande amor às crianças.

Aliás, está terminando um grande e belo quadro, dedicado à APAE, no qual aparece Cristo em um grupo heterogêneo de crianças em uma verdejante planície.

### A Passagem

Nada mais que a passagem, pela morada da arte, desperta-me densas reflexões. Alcanço a rua com a estranha sensação de ter deixado lá dentro um pouco de mim mesmo. Quiçá pela vontade inconsciente de integrar-me àquele laboratório de criações. De falar confidências com os personagens que me olhavam do fundo das telas mudas. De reter o tempo na magia dos quadros, ouvindo canto nostálgico das senzalas ou adormecer no crepúsculo com a aldeia colonial.

A arte será sempre incompreendida mas nunca efêmera. Nós passaremos todos na transitória jornada. A cidade, que foi vila, terá feições novas para outra gente, em contornos de metrópole. Na caminhada do Tempo os passos dispersos serão esquecidos. O artista não passará. A mensagem da Arte é perene.

RF. 09

*na minha formação. Lá, à vista das terras de horizontes largos, aprendi a contemplar a natureza, distinguindo as variações de cores e formas, visões que levaram-me a um princípio de estética. Impressões essas, junto ao carinho dado por meus pais e, sobretudo, o sentido de liberdade, concorreram para o futuro que me esperava.*

*Antes de ser mandado para o Rio de Janeiro, em idade escolar, mudamos para a cidade de Araxá, onde, com meus irmãos, iniciamos, no Grupo Escolar Delfim Morei-*

*ra, as primeiras letras. Nele, fiquei apenas o primeiro ano e, por indisciplina, fui depois matriculado na escola particular de D. Luíza Marçal, santa professora, que em pouco botou-me nos eixos.*

*Terminado o curso, quatro anos depois, fui para o Colégio do prof. Josebento Colbo (ótima casa de ensino) que, por preconceitos raciais e religiosos, teve que sair de nossa cidade. Aos onze anos de idade, sem ginásio, meu futuro seria aprender um ofício, trabalhar num balcão de venda ou então puxar “queixo de égua” na fazenda. Mas, aconteceu que um dos ricos de nossa cidade, contratou o pintor itinerante, Sr. Pedro Leopoldo, a fim de decorar sua residência. Era moda, então, pintar a óleo alpendres e salas com assuntos ou motivos que variavam de paisagens, naturezas mortas e até retratos. Vizinha à nossa residência, moleque à toa, passei a sapear o seu trabalho artístico, descobrindo um novo universo. Seu Pedro, o pintor, cantava e sorria enquanto trabalhava – sinal que a profissão era boa, pensei – daí, surrupiando, restos de suas tintas, passei a lambuzar muros e paredes de nossa casa, tomando gosto pela Arte. Após algumas reclamações do pintor sobre o sumiço das tintas, ficou assentado, mediante paga, seu Pedro dar-me lições de Desenho.*

*Ia diariamente à sua casa pela manhã, marcava-me tarefa, e, à tarde, de volta do serviço, corrigia-me.*

*Essa aprendizagem durou um ano, até a vinda de meus tios que moravam no Rio de Janeiro. Vinham em férias. Meu tio Fernando Rodrigues Silva (era funcionário da Casa da Moeda), vendo meus rabiscos, sugeriu aos meus pais, enviar-me para a capital, a fim de, como aprendiz, cursar a Escola de Gravador mantida pela repartição.*

*No início do ano de 1922, tecendo os pauzinhos, consegui minha admissão como aprendiz na Oficina de Gravura; mandassem-me para o Rio. Se como o Seu Pedro, terminado o serviço, também seguia para lá, ficou combinado levar-me consigo. As-*

*sim, em março, depois de estafante viagem de trem, comendo poeira e carvão, chegamos à noite na Capital. Era sábado e, na manhã seguinte, entregou-me em casa de meus tios. Ainda zozzo da viagem, segunda-feira, às oito horas da manhã, iniciei, aos doze anos, minha carreira de gravador na Casa da Moeda, onde permaneci por dezesseis anos, tornando-me adulto.*

*A Casa da Moeda mantinha esse curso de Desenho e Gravuras em geral desde a monarquia. Em meu tempo era ministrado por Otto Reim e Augusto Girardet, ambos contratados no estrangeiro.*

*Atanagildo, respondendo a sua pergunta se eu possuía tendência para a Arte, respondo não, o que existia em mim era curiosidade e o que fez-me profissional-artista foram os bons mestres que tive.*

P) – Como foram os seus primeiros tempos do Rio de Janeiro? Muitas saudades de casa, vontade de abandonar tudo e de voltar, ou o dever falava mais alto?

R) – *Sim, os primeiros meses foram dolorosos. Imagine uma criança de doze anos, quase menino, fora da casa paterna, onde tinha, antes, a liberdade de espaço, quintais, córregos e campos, onde todos se conheciam, e, de repente, transportado para cidade grande, de fala, costumes e alimentos que não eram os de casa; oito horas de trabalho e estudo da profissão e escola noturna para completar o Ginásio. Dormia cansado de chorar.*

*Com o tempo acostumei-me com a rotina, porém a saudade perdurou sempre e só amenizou quando, cinco anos depois, pela primeira vez, de férias, pude rever meus pais e minha doce Araxá.*

*Vontade abandonar tudo, não!*

*Eu tinha uma meta a cumprir:*

P) – E para ajudá-lo na cidade grande, de quem foi a mão, ou não houve mão, foi na raça mesmo?

R) – *Ninguém se faz sozinho. Sempre fui ajudado, em todos os sentidos, não só por meus tios como por meus mestres.*

P) – Como é que se deu o seu ingresso na Escola de Belas Artes?

R) – *A Casa da Moeda permitia e facilitava os estudos de seus empregados, desde que fossem para aprimoramento de suas funções. Assim: pintores, escultores, gravadores, engenheiros e arquitetos, formaram-se fora, em escolas e faculdades.*

Aos quatorze anos, em 1924 inscrevi-me em concurso para a admissão à Escola Nacional de Belas Artes. Aprovado, matriculei-me no Curso de Gravura da referida escola, onde, também, ministrava o prof. Augusto Girardet.

*Minha preferência era a Pintura ou a Escultura, porém, as vagas para essas especialidades estavam preenchidas e a Gravura era a que mais interessava à Casa da Moeda.*

*Na parte da manhã, das oito ao meio-dia frequentava a Escola e, nas horas restantes, trabalhava na Oficina de Gravura. Jantava e, das seis e meia às oito e meia retornava à Escola para a Aula de Modelo-Vivo. Depois das oito e meia, ainda ia para o curso de Preparatórios a fim de completar minha formação escolar, aperreio que durou até 1929 com a obtenção do “Prêmio de Viagem à Europa”.*

P) – Você já fez de tudo na área artística. Conte para os nossos leitores o que você fez, ou, se achar mais fácil, aquilo que não fez ainda?

R) – *No campo das Artes Plásticas trabalhei na Gravura de Talbo Forte, ou seja, gravura em metais e pedras preciosas até 1936. Depois de minha saída da Casa da Moeda, dediquei-me, exclusivamente, ao Desenho de Ilustração e, esporadicamente, a alguns trabalhos de escultura e medalhas. Esse período de 1936 a 1942 foi o de mais intensidade e entusiasmo artístico, não só pelo prazer do trabalho como pelas descobertas*

*complementares na formação do artista, tais como, a aquisição de cultura geral literária, histórica e científica no campo da anatomia humana e animal. Foram anos marcantes em minha formação artística, sobretudo quanto à técnica.*

*Em 1942, após a criação da Universidade do Brasil, fui convidado a participar do corpo docente da Escola Nacional de Belas Artes, iniciando a carreira de Magistério como Assistente de Ensino da Cadeira de Desenho de Modelo-Vivo, então regida pelo Prof. Rodolfo Chambelland.*

*No Magistério público, através de Concursos, consegui a Docência Livre, o cargo de Adjunto e, finalmente, a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Artísticas, cargo que ocupei até a aposentadoria... Em 1960 a Congregação indicou-me à Reitoria da Universidade para o cargo de Diretor da E.N.B.A.*

*Durante esse período, dediquei-me intensamente à Pintura, aprendendo com minha irmã Cordélia, formada também pela E.N.B.A.*

P) – Dizem que você é o pai da história em quadrinhos no país. Qual foi a primeira história em quadrinhos que fez e o ano em que isto se deu?

R) – *Não é verdade que eu seja o “pai” do Desenho em quadrinhos, ele já existia. Fui dos primeiros, quando a Editora Globo quis nacionalizar esse gênero e libertar o Brasil dos “enlatados” americanos. Isso se deu na época do presidente Getúlio. Entre os convidados, estava eu. Durante anos trabalhamos com relativo sucesso, porém, não pudemos competir em preço com o estrangeiro. Ganhávamos \$ 100.000 réis por página e os gringos forneciam matrizes por um terço menos.*

P) – É sabido que você já pertenceu à Casa da Moeda? Quando isto se deu e quais suas atividades lá?

R) – *Como relatei antes, iniciei minha car-*

*reira artística na Casa da Moeda e por lá fiquei até 1936. Durante esse período, além da rotina técnica, modelei medalhas e moedas e tudo aquilo que competia ao Gravador-mestre.*

P) – Quais os grandes escultores e pintores com os quais conviveu?

R) – *Tive a honra e felicidade de conhecer e conviver com alguns e, entre eles: Augusto Girardet, os irmãos Bernadelli, Rodolfo e Henrique, Rodolfo Chambelland, Visconti, Batista da Costa, Amoedo, Correia Lima, o fabuloso Antonio Parreiras, Leopoldo Campos, Osvaldo Teixeira, Guignard, o mais puro e sincero modernista brasileiro, Jordão de Oliveira e tantos outros da geração passada.*

P) – Você era amigo de Portinari? Como ele era? Qual o seu conceito a respeito dele?

R) – *Quando entrei para a Escola Nacional de Belas Artes, Portinari, Osvaldo Teixeira, Vicente Leite, Manoel Santiago, M. Constantino, Manoel Faria, Aeruz e outros que se tornaram importantes, já eram veteranos. Osvaldo Teixeira e Portinari eram as grandes promessas.*

*Dele, Portinari, trago muitas recordações, sobretudo de sua simplicidade. Era pequenino de estatura e procurava auxiliar aos novatos, dele recebi muita ajuda na Aula de Desenho de Modelo-vivo – o que sabia, transmitia aos colegas. Osvaldo Teixeira liderava o nosso grupo.*

*O “modernismo” iniciara incentivado pelo movimento literário de 1922 e acolheu alguns artistas plásticos que se rebelavam pelo ensino clássico ainda adotado pela nossa Escola, não obstante o impressionismo trazido da Europa por Visconti e Cavaleiro.*

*Particularmente, meu conceito sobre Portinari é o seguinte: – Possuidor de grande talento e facilidade técnica, podia expressar-se em qualquer tendência desde o academismo do século 18 e os modismos sub-*

*sequentes, como o cubismo e “ismos” que fossem aparecendo. Na Europa, quando gozava o Prêmio de Viagem, sofreu influência de Fugita, pintor japonês, sucesso na década de 30; depois seguiu Orosco e Rivera, pintores mexicanos, e, por fim, Picasso, libertando-se mais tarde, aqui no Brasil, criando sua própria maneira.*

P) – Qual foi o seu relacionamento com Getúlio?

R) – *Propriamente, dois contatos e não relacionamento. O primeiro, quando de sua visita à Casa da Moeda, e eu, como gravador-mestre, fui incumbido de explicar-lhe a técnica da feitura da medalha e da moeda. Anos depois, na inauguração do Salão Nacional de Belas Artes, pediu a minha presença e cumprimentou-me pelo que eu expunha.*

P) – Como foi aquela história do Grande Prêmio de Viagem à Europa?

R) – *O “Prêmio de Viagem”, o grande prêmio na formação do artista, vem desde o Império e é instituído até hoje pelo “Salão Nacional de Belas Artes”.*

*No regulamento oficial do “Salão” anual, cuja inauguração sempre se dá a 12 de agosto, ele culmina a formação do artista.*

*Para a sua obtenção é necessário que o artista expositor, tenha obtido, antes, as seguintes premiações: Menção honrosa de 1º e 2º graus, a Medalha de Bronze e a Medalha de Prata. Só é permitido concorrer ao Prêmio de Viagem o artista expositor que tenha obtido a Medalha de Prata.*

*Para expor no referido Salão, o artista se submete ao júri ou Comissão de Seleção e, aceito, ao júri de Premiação, que é composto de cinco membros escolhidos e votados pelos artistas para cada modalidade de Arte: Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa, Desenho e Arquitetura. Concedidas as premiações, submetem ainda a homologação ao Conselho Nacional de Belas Artes.*

*A finalidade do Prêmio de Viagem é a do aperfeiçoamento na Europa.*

*Minha carreira participando do Salão, começou em 1925, quando ainda aluno da Escola. Obtidas as preliminares premiações, em 1928 concorri com mais de vinte candidatos, inclusive Portinari – que vinha concorrendo em anos anteriores, Portinari ganhou. No ano seguinte, 1929, foi a minha vez – tinha 19 anos de idade, fato que trouxe-me dificuldades para viajar, pois era menor.*

*Na Europa, (orientado pelo prof. Girardet, que fora para Roma em visita aos parentes) entrei no Concurso para a “Real Scuola de La Medaglia”, anexa à “Zeca” (Casa da Moeda da Itália) — instituição mundial. Tirei o primeiro lugar e durante o período letivo, constatei que seus ensinamentos pouco diferiam dos nossos: Casa da Moeda e Escola de Belas Artes. Durante as férias viajei por toda a Itália, visitando cidades e Museus. No ano seguinte fui para a França, e, de lá, fazendo pivô em Paris, visitei Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia, Suíça, Espanha e Portugal, viagens que, não obstante a minha pouca idade, ajudaram-me sobremaneira na Arte.*

P) – Como é que você se define: a) como ser humano; b) como escultor; c) como professor; d) como pintor; e) como contista?

R) – *Fisicamente, um homem comum, de estatura pequena, nem feio e nem bonito, atualmente, aos 76 anos de idade, carregando o peso e os achaques da velhice.*

*Temperamento variável, condicionado ao meu biótipo Pícnico, com alguns componentes Leptossomáticos;*

*Como artista plástico, ainda em desenvolvimento;*

*Como professor, dizem que fui bom e dedicado;*

*Como contista, apenas escrevo fatos acontecidos;*

*tecidos, sem pretensões literárias. Literatura é uma Arte que requer profundos conhecimentos de Gramática, vivência e cultura geral, e essas qualidades, não as tenho.*

P) – Você tem mesmo sangue cigano nas veias? De judeu também?

R) – *O brasileiro resulta de uma mistura étnica (não se falando em raças) que, futuramente, dará ao mundo, o protótipo do homem terraqueano com as melhores qualidades.*

*Descendemos do branco, geralmente cruel e ambicioso; do preto, bom, pacífico e hábil, e, do índio, orgulhoso e livre.*

*Povos descendentes dos antigos Arianos, tais como o judeu e o cigano, aportaram em nossas terras e, esses, perseguidos pela “Santa” Inquisição, adotaram, por força de lei, o Cristianismo. Como grande parte dos mineiros, tenho, dos dois, doses de seus sangues correndo em minhas veias.*

*Do ramo judaico, tenho os nomes Sá Carvalho, Ribeiro Ferreira, Araújo e Mendonça, Barreto, Barrett e Barreto vêm de Francisco de Paula Barreto, vindo em 1622, do Peru. Dizem: era general da Coroa Espanhola e, naturalmente, soldado mercenário, carreira muito comum entre os jovens ciganos quando abandonavam o nomadismo. Também acontecia que muitos ciganos quando sedentavam-se, dedicavam-se à criação de equinos e muaras. A maioria dos Barretos dedicava-se à criação de tropas, inclusive os meus. Francisco de Paula Barreto, meu bisavô, no século passado, também foi criador de tropas, passando a profissão para Olivério Barreto, meu avô. Os da família que fundaram a cidade de Barretos, no estado de São Paulo, eram criadores de tropas, o mesmo sucedendo com os do Rio Grande do Sul.*

*Acredito ter herdado desse grande povo o sentimento de liberdade, independência, um pouco de habilidade manual e a mania da “bragança”, - prefiro a troca que a venda em dinheiro.*

P) – Como é que foi mesmo aquela história do “frango” seu com a filha do Presidente Geisel?

R) – *O “frango” com a filha do Presidente se passou da seguinte maneira: um Ministro apresentou-se em nossa casa, trazendo em sua companhia uma bela jovem, esquecendo-se de apresentá-la. Depois de verem os quadros mostraram interesse sobre uma escultura em pedra que eu executava no quintal. Como havia chovido muito na véspera, as aranhas haviam trançado de teias todo o caminho e, a moça, em toda a sua simplicidade, foi destruindo tudo. Zanguei com ela – deixasse os bichinhos viver em paz, eles tinham esse direito! – Ademais eles me eram úteis comendo os pernilongos.*

*De volta, na sala, o ministro mostrou desejo de encomendar-me um grande painel para ornar o seu gabinete. Recusei, alegando ser a minha arte inadequada ao estilo arquitetônico de Brasília, e ajuntei: “Será que o Geisel aprova? E ele, o Ministro, indicando a moça, respondeu-me: “Uai, pergunte a ela, que é a filha do Presidente!”*

P) – Como é que você, arredio por natureza, se sente nome da Fundação Cultural em nossa terra?

R) – *Orgulhoso e muito feliz em ter meu nome ligado à Fundação, não obstante saber ter aqui em Araxá, nomes de mais méritos do que o meu.*

P) – Tem muita gente “picareta” nas artes araxaenses? Não, não cite nomes. Queremos, apenas, os nomes dos bons artistas da terra.

R) *Em todas as profissões existem os “picaretas” e por que não existiria na Arte? Araxá é uma cidade rica em talentos e bem encaminhada no movimento artístico.*

P) – Sua irmã, a pintora Cordélia, é considerada pela crítica especializada, uma das duas melhores floristas deste país. No seu modo de ver, Cordélia é a primeira ou a segunda?

R) – *Cordélia, minha irmã, quando estudante na Escola Nacional de Belas Artes, da Universidade do Brasil, teve como professores Augusto Bracet, Rodolfo Chambelland, na Pintura e no Desenho de Modelo-vivo, além de outros, nas cadeiras complementares como Anatomia, História das Artes, Geometria Descritiva, enfim, matérias constantes dos cursos das Artes. Além disso, estudou particularmente com o prof. Carlos Chambelland, notável pintor já falecido. Por eles, era considerada ótima aluna.*

*Agora, não fica bem elogios em família, porém, o que posso adiantar é que, com ela, aprendi a técnica da Pintura.*

P) – Quem está com tudo e quem não está com nada no ambiente artístico nacional: o acadêmico ou o modernista? Justifique a sua opinião, por favor.

R) – *Das definições de ARTE, a mais ponderada é aquela emitida pela Psicanálise, segundo a qual a “ARTE pode ser interpretada como uma atividade de compensação, um recurso à fantasia para escapar às exigências demasiado rígidas dos princípios de realidade”.*

*O artista trabalha para realizar os seus sonhos; a ARTE assimila favoravelmente os produtos do inconsciente.*

*O artista trabalha e produz para realizar os seus sonhos e, logicamente, procura sublimar-se plasticamente através da forma e do conteúdo. Assim tem sido desde a Pré-história em que o homem artista baseava a representação realista da forma. O homem Cromagnon, Grimalde e Chancelade assim se comportou evoluindo por milênios até aos nossos dias. À proporção que adquiria conhecimento, aperfeiçoava a sua representação nas Artes plásticas. Ciclicamente, às vezes, perdia esses conhecimentos, caindo num grafismo geométrico próprio da criança e do débil mental.*

*A moderna PSICOLOGIA nos esclarece so-*

bre as variadas tendências artísticas e, citaremos a título do exemplo a Arte expressionista: Segundo KRESTCHMER ela é uma forma artística característica dos temperamentos esquizotímicos em que todas as tendências essenciais coincidem com o sentimento artístico e consta de diversos componentes psicológicos: 1º – propensão para a estilização exagerada tais como os componentes CUBISTAS; 2º – tendências à ênfase, ao patético, para extrair da cor e dos ademanos e os efeitos expressivos máximos toleráveis, se bem que correndo o risco da deformação caricaturesca. Esse é o componente expressionista no sentido rigoroso, e que estabelece, em primeiro plano, a afinidade do atual movimento artístico com seu precursor medieval M. GRUNVALD; 3º – Componente AUTISTA no afastamento francamente tendencioso da forma real, aversão do desenho das coisas como são na realidade, mesmo nos casos em que esse desvio da forma real não esteja justificado por motivos de representação estilizante ou pateticamente expressionista; 4º – um componente fundado em conhecidos mecanismos intelectuais esquizotímicos. Esse componente é o dos sonhos, a franca inclinação para deslocar, condensar e simbolizar à maneira de FREUD. Enfim, para boa explanação desse assunto, eu precisaria de muitas resmas de papel.

O movimento atual das Artes plásticas no mundo e no Brasil, sofre esse clima. Não podendo e não sabendo representar as formas dentro de suas proporções, a maioria dos artistas segue os “ismos”, que são muitos, que caem e sobem de moda.

P) – Fale alguma coisa acerca do Araxá do passado e do Araxá de hoje.

R) – Araxá, nossa querida cidade, desde os seus primórdios, nasceu e cresceu, tornando-se o que é hoje, uma futura potência, porém, falar no passado é sempre melancólico.

Sob seu aspecto físico, perdeu o harmonio-

so estilo barroco para dar lugar à miscelânea arquitetural com as platibandas do mau gosto italiano. O mal é geral, baja vista a deformação que se fez e se faz no Rio de Janeiro e outras cidades históricas da nossa Minas Gerais. Culpa-se os dirigentes, prefeitos, governadores e outros metidos a donos da cidade. A burrice e a incultura, admite-se; todavia, deveriam eles se cercar de assessores competentes... Bom, deixa para lá.

P) – E Dona Beja, hem Calmon, acabou virando novela de televisão. Dona Beja é uma novela mesmo?...

R) – Assim como toda HISTÓRIA é apenas 10% de verdade e 90% de ficção, D. Beja vai muito bem, segue na sua história.

P) – Você se considera, mesmo, o pintor do mar, dos ipês, dos cavalos e dos bois maravilhosos?

R) – Amando a Natureza em geral, tudo dela é motivo para sua representação nas Artes plásticas. Não tenbo, propriamente, preferência e não sou especialista em nada. Continuo estudando e aprendendo.

P) – A terra é mesmo azul? Azul com bolinhas brancas? Ou tudo isto na passa de conversa mole dos chamados vagabundos do espaço?

R) – Assim nos mostram as fotos tiradas pelos cosmonautas. É possível que de longe pareça-nos azul, porém, de perto, é preta, especialmente quanto ao nosso futuro.

P) – Pegar carona numa cauda de cometa pra quê, Calmon?

R) – Nasci no ano de sua última passagem pelo nosso planeta. Agora está de volta com o rabo mais curto e menorzinbo. Dizia-se, antes, que na sua passagem abrasaria nosso mundo com o calor de sua cauda e nada aconteceu. Gostaria que, mesmo de rabo curto, varresse a terra e levasse os maus políticos corruptos e sem-vergonhas.

RF. 10

## CALMON BARRETO

### Elaine Denise

A Fundação Cultural Calmon Barreto pretende desenvolver um projeto de valorização e divulgação dos artistas araxaenses. Para tanto serão realizadas e publicadas entrevistas periódicas com esses artistas numa tentativa de aproximar a arte do seu povo. Nada mais justo que iniciar pelo patrono, aquele que modestamente confessa ter recebido com surpresa a homenagem e, acredita que seria mais merecido se atribuída a Bento Antônio da Boa Morte, primeiro artista plástico (escultor) a trabalhar em Araxá.

Calmon salientava na entrevista aspectos da infância, a formação artística na Casa da Moeda, as experiências obtidas na Europa, a vivência como professor da Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, a decepção com o movimento modernista, que o influenciou a voltar a Araxá. “Senti que estava perdendo tempo no asfalto e precisava retornar a minha terra”, declara.

Calmon Barreto é um artista que merece maior reconhecimento do povo araxaense, não que ele se queixe disto, mas somente assim será prestada uma verdadeira homenagem a um homem simples que foi para o Rio de Janeiro e venceu, apesar de muitos preconceitos; inclusive o de ser chamado “mineiro caipira”, pelos colegas.

Seu mérito transcende sua obra, porque o artista é muito mais que seu trabalho: é toda sua vida.

### Opção pela arte

Aos 12 anos, como todo menino desta idade naquela época em Araxá, Calmon Barreto brincava de pés-no-chão, à beira dos córregos, entretanto nenhum outro menino da cidade teve a trajetória dele.

A opção pela arte se deu ao conhecer um pintor baiano, Pedro Leopoldo Vieira, formado pela Escola de Belas Artes da Bahia, que veio realizar um trabalho na residência do Coronel Adolpho Aguiar, à época, vizinho da família Barreto. “Vendo aquele pintor, senti que era aquilo que eu gostaria de fazer, pois ele trabalhava cantando e parecia muito feliz. Falei

com meu pai, ele contestou dizendo: “Você precisa arranjar profissão de homem, não essa bobagem de pintura”, conta Calmon. As primeiras lições de desenho e pintura lhe foram transmitidas por esse professor baiano, ao preço de 5 mil réis por mês.

Da possibilidade quase certa de ir trabalhar atrás de um balcão ou na roça, Calmon deu um vôo bem mais alto, indo aterrissar na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, apresentado por um parente seu que lá trabalhava.

Em 1922 (com 12 anos) foi admitido na Casa da Moeda quando teve oportunidade de frequentar a escola de formação de desenhistas e gravadores, onde teve formidáveis mestres.

Dois anos depois, foi aprovado no vestibular para a Escola de Belas Artes, estudando com Augusto Girardet, italiano, o maior mestre e gravador de moedas e medalhas do mundo, segundo Calmon. “Não há talento no indivíduo, há o mestre; pode-se ter a maior vontade de fazer uma coisa, mas se não há bons mestres não adianta, ninguém aprende! Devemos tudo a nossos mestres, ao interesse deles em nos forçar”, salienta.

A carreira do artista araxaense se alarga com nítida rapidez. Aos melhores alunos da escola era permitido expor no Salão Nacional de Belas Artes, presidido pelos maiores pintores da época. Em 1924 obteve menção honrosa, em 1926 medalha de bronze, em 1927 medalha de prata, concorrendo junto com Portinari ao prêmio de viagem, entretanto Portinari obteve o primeiro lugar em 1928 e Calmon em 1929.

Em Roma (viagem resultante do prêmio), fez o concurso para a Real Escola da Medalha, concorrendo com artistas do mundo inteiro, sendo aprovado. Frequentou, durante um ano, curso naquela escola.

Depois Calmon participou de curso livre de belas artes na França e visitou museus de vários países da Europa.

Ao retornar ao Brasil foi nomeado gravador-

-mestre na Casa da Moeda. “O campo lá era pequeno para mim, não que eu valesse alguma coisa, mas porque era jovem e queria mais e mais, por isso abandonei o cargo e fui ser ilustrador de revistas e jornais”, esclarece.

## O desempenho do mestre

Calmon lecionou na Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Anatomia e Fisiologia Artística, acumulando com o cargo de Assistente de Ensino da Cadeira de Desenho de Modelo-Vivo.

A sua experiência à frente do magistério (lecionou na EBARJ até se aposentar) lhe dá crédito nas afirmações que se seguem.

As famílias estragam os meninos criando “geniozinhos” dentro de casa. “Isso é uma desgraça, porque se a pessoa não chega a ser gênio passa a ser odiado”, afirma.

Ele ilustra a afirmação citando o exemplo do ex-aluno seu que viera do Rio Grande do Sul com falsa fama, cuja capacidade estava muito aquém dos comentários.

O professor exerce um papel preponderante na formação do artista, não que eu tenha sido um bom mestre, enfatiza Calmon.

Para o artista araxaense ninguém nasce com talento, tudo é resultado do trabalho de pessoas atrás de nós, os mestres é que despertam o talento. “Entretanto, na formação de um artista é fundamental também uma boa criação, educação de família, essa, graças a Deus eu tive”, destaca.

Aos que estão iniciando nas artes plásticas Calmon aconselha: Não se aprende estudando desenho uma vez por semana, deve-se praticar no mínimo 12 horas por dia. O velho professor Amoedo, grande pintor, dizia ser necessário 20 anos de desenho para se ingressar na pintura ou escultura.

## Volta à terra natal

Já consagrado como artista e com vários prêmios, como medalhas de ouro, prata e bronze, prêmio de viagem, a experiência como

ilustrador em vários periódicos cariocas e professor na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Calmon Barreto entendeu que estava “perdendo tempo no asfalto e precisava voltar à terra natal, um lugar tranquilo, isolado, para produzir sem influências, sobretudo dos críticos”, comenta.

Há vinte anos Calmon voltou para Araxá pois, o RJ já não lhe interessava mais, porque com o advento do movimento modernista (que não era das artes plásticas e, sim, literário) tudo virou um “rolo tremendo” com o surgimento de falsos artistas, uns recalçados que se utilizam, até hoje, da chamada arte moderna para se projetarem às custas de dinheiro repassado às agências publicitárias que “fazem artistas de um dia para o outro”, declara.

Aqui chegando Calmon começou a documentar a terra, o campo, o gado, a nossa história. “Sem sofrer influência de ninguém, sem seguir moda, moda é falta de personalidade”, acrescenta.

Certa ocasião, procurado por um crítico de arte do Rio de Janeiro, Calmon soltou a sua irreverência quando aquele lhe perguntou: “Professor Calmon, mas o senhor não evoluiu? O artista araxaense ironizou: “Em que sentido, vertical ou horizontal?”

A visão artística do araxaense evoluiu muito, segundo Calmon. Hoje as pessoas apreciam e adquirem obras de arte e fazem questão de possuí-las. “Antigamente, só existiam santinhos de barro e retratos de zebu nas paredes das casas; nem fotos dos antepassados havia”, comenta.

Em parte se deve ao número de novos artistas (hoje quase 30) formados por Cordélia Barreto, sua irmã. “Muitos estão bem encaminhados dentro da pintura e vão longe; como a Maria José Paiva, a Marísia Pereira, o Armando Marchiori e outros”, na opinião de Calmon.

Para incentivar, mais ainda, as artes plásticas em Araxá, Calmon Barreto sugeriu a criação de um Salão Anual que divulgasse e premiasse os artistas araxaenses. Segundo ele, essa iniciativa poderia partir da Prefeitura, ou mes-

mo das grandes empresas mineradoras, mas deveria conceder bons prêmios, em dinheiro, viagem ou material de trabalho. “Aos pobres esses prêmios representam muito, lembro-me de quando ganhei o ‘Maria Pardos’, no RJ, no valor de 1 conto e quinhentos, permitindo-me trabalhar 2 ou 3 meses com arte; premiação é necessária”, enfatiza.

## O artista hoje

Residindo numa ampla casa, com muitas plantas, esculturas no jardim, cercado de muitos quadros e livros, com a companhia amiga, carinhosa e leal da irmã Cordélia, cheio de lembranças e, ainda, com a presença buliço-

sa de três cães, Calmon Barreto cumpre outra etapa da vida de artista. “Houve época em que eu não via cor, só via forma, hoje passei a sentir o conteúdo da obra, que é muito mais importante”, ressalta.

Calmon Barreto mantém o mesmo entusiasmo de quando era moço, continua produzindo até hoje. Para ele é importantíssimo permanecer ocupado. “Um homem sem trabalho cria doença, cai no jogo, na bebida, na inutilidade, por isso vou “enchendo a linguiça do meu tempo”, como dizia “Guimarães Rosa”, conclui.

RF. 11

## CALMON BARRETO: “NUNCA FUI AMIGO DESSES VAGABUNDOS MODERNEIROS”

### Helena Álvares

Foi em sua casa, onde concedeu esta entrevista exclusiva ao “Correio de Araxá, que Calmon Barreto comentou sobre a “Semana de Arte Moderna”, tecendo polêmicas considerações a este Movimento e seus integrantes; falou de seu livro, o “Araticum”; de seu colega de escola, o Portinari; fez duras críticas a nomes como Villa-Lobos, Carlos Drummond de Andrade, Tarsila do Amaral, elogiando, no entanto, Guimarães Rosa.

P) – Calmon Barreto, como você analisa os 70 anos da “Semana de Arte Moderna”?

R). – Bom... esses 70 anos eu desconheço. Estava no Rio, na época; não bouve nada.

P) – E a participação de VILLA-LOBOS, OSWALD DE ANDRADE?...

C.B. – Desses todos que falaram, apenas VILLA-LOBOS e BRECHERET trabalharam, fizeram alguma coisa; o resto morreu, desapareceu, como acontece com os “faladores”. Contam muita prosa, mas, na hora de produzir, não produzem coisa nenhuma.

P) – E a obra de Tarsila de Amaral, como você analisa?

R) – Uma mulberzinba falante. Só. E nada mais. A pintura dela é muito ruim.

P) – Nesta “Semana de 22”, além de Villa-Lobos, não houve nenhum outro grande valor, como Oswald de Andrade na poesia?

R) – Houve, bouve sim. Mas, é coisa tão “importante” que desapareceu.

Com relação aos grandes poetas, Calmon cita Castro Alves como exemplo de “quem sabia fazer versos”. Para ele, a “Semana de Arte Moderna” “não foi movimento nenhum, somente na boca deles”, dispara.

P) – Teria sido, então um Movimento elitizado?

R) – Não. De meia dúzia de indivíduos que se reuniam num Café. A Arte Moderna não ganhou nada com o falatório deles. É outra coisa a Arte Moderna.

P) – E sua obra como é?

R) – *Eu desconheço. Não existe. Faço umas coisinhas aí, umas tentativas, mas, não sei nada; não me agradam, não. Sendo influenciado por Pedro Américo e Vitor Meireles, “esses eram realmente construtores, tiveram fama, trabalharam e produziram”, vale observar que, apesar de desconhecer o valor de sua própria obra, a importância e, até mesmo a realização da “Semana de 22”, Calmon caminhou ao seu estilo (pessoal e artístico) paralelamente a seus integrantes, contribuindo assim, para a evolução das Artes Plásticas no Brasil, sem, no entanto, tecer aqui comparações entre essas “Escolas” que, mesmo sendo bem distintas, têm em comum o objetivo de retratar a nossa Cultura em seus mais variados tons, num quadro co tinta de fama e anonimato, conforme o traçado do destino de cada um, onde o desenho perfila sua cara histórica.*

P) – O que acha de Picasso?

R) – *Picasso é um palhaço. (“Até rima bem”, brinca)*

P) – E o Portinari?

R) – *Portinari foi meu colega de escola. Rapazinho muito bom, não tomava parte das brigas, não tomava partido nem nada. E nada mais. Bonzinho.*

Pedro Leopoldo foi quem iniciou a pintura em Araxá, segundo o Professor Calmon: “Ele era nortista, um homem muito habilidoso; fez um grande movimento aqui durante uns 10, 12 anos, e foi meu primeiro professor de desenho”. Em 1929, Calmon foi até Paris, ficando lá dois anos por conta do Governo, que “antigamente pagava um bom ordenado, não é a miséria de hoje; dava pro sujeito viver como um príncipe na Europa. Hoje, a verba que dava pra um só, dividiram em 04 prêmios de viagem. Tudo tá piorando neste país”, lamenta. Falando da política cultural de hoje, Calmon diz: “Está experimentando. É bom experimentar. Pode ser que um dia acerte, por sorte, mas, cabeça, eles não têm pra botar as coisas em ordem”, afirma.

P) – Você deu aulas na Escola de Belas Artes,

no Rio. Quem, dentre seus alunos, se destacou a nível nacional?

R) – *O Curso de Belas Artes dura mais ou menos 6, 7 anos. A gente convive com um e outro, toma amizade, toma antipatia, como em toda escola. Eu sei que já tive muitos bons alunos e péssimos alunos. Mas, não creio que tenha deixado ninguém famoso.*

P) – Nessa época, parece que tinha certa ligação com Carlos Drummond de Andrade, que ficava...

R) – *Não. Eu não fui amigo desses vagabundos! Desses modernistas! Nunca fui amigo dessa gente; não conheço, não!*

P) – Mas, há algum tempo, você contou que ele trabalhava perto da Escola de Belas Artes...

R) – *Eu conhecia de cumprimento, só. Nem tirava o chapéu pra ele (não usava chapéu). Cumprimentava: “olá, seio coisa!” Ficava por isso mesmo. Era uma besta que nem ele mesmo!*

P) – Pra quem está começando, qual o conselho que daria? Pra não seguir os Modernistas?

R) – *Não, não existe pintura Moderna e Clássica. Isso são nomes que inventam. Por exemplo, eu sou considerado arcaico, passado, e sou criticado também, e estou muito satisfeito como estou. Porque prefiro estar no meio deles (os “arcaicos”) do que no meio desses vagabundos, esses politiquinhos de hoje, aí. Nós tivemos um homem que mandou nas Artes no Brasil durante muitos anos, era um verdadeiro talento, hoje é totalmente desconhecido, nem a história fala nele: Antônio Teixeira. Fala em Portinari; Portinari era o cabotino da época. Era um mocinho semi-analfabeto.*

P) – Outro dia, numa entrevista, vi o pintor João Antônio da Silva, que é considerado um gênio. Já ouviu falar?

R) – *Nunca ouvi falar. Deve ser gênio, porque é desconhecido. (Mas, após uma boa risada, considera): Não acredito nisso, não; gênio aparece de mil em mil anos. Desde*

*Michelângelo, nunca mais apareceu gênio.*

P) – Agora, falando do escritor Calmon Barreto. Quais os escritores que o influenciaram?

R) – *Nenhum.*

P) – Depois de lançar o ARATICUM, você considerava ter alcançado um alto nível literário?

R) – *Não sou escritor, não. Escrevi, porque estava com raiva. Araticum é um fruto, é só o que eu sei. Araticum é um nome bonito. Serve pra rimar com qualquer coisa, com pum! (gargalhadas)*

Durante esta entrevista, Calmon Barreto confessou estar “com raiva”. Perguntado sobre o motivo, respondeu: — “É por causa dessa política suja que ta aí”.

— Mas, qual política: a Municipal, Estadual ou Federal? — “A Federal. A política dos bobos que estão mandando no país”. A respeito das próximas eleições, não tem boas expectativas: “Isso vai continuar se mudando muito, vai derrubando Ministério, até eles cansarem de derrubar. Aí eles se derrubam.

“Voltando à Literatura, Calmon se entusiasma ao ouvir o nome de Guimarães Rosa: “Esse é grande. Pra esse, eu tiro o chapéu. Grande escritor! Grande cabeça”.

P) – Na música, além de Villa-Lobos, a quem deu um certo destaque na “Semana de 22”, de quem mais você gosta?

R) – *Villa-Lobos, eu não gosto dele. Não gosto da música dele. Não há melodia. Não há nada. É da moda, só. Cabotino.*

Conversando sobre a discutida figura de Dona Beja, perguntei ao Professor em que teria se inspirado para desenhar o rosto daquela moça tão bonita, ali na sala, com um olhar de quem se atenta ao nosso bate-papo, quando respondeu, inicialmente, ter sido de sua própria imaginação. — Mas, não conheceu nenhuma jovem parecida com esta Beja que pintou? Insisti.

Depois de pensar um pouco, como quem desvenda a face oculta do rosto de Beja, revela:

— “Conheci uma prima que se chamava Edite Muniz - morreu ainda adolescente, por volta de 14 anos”.

— “Então, ao pintar este quadro, teria feito, indiretamente, uma homenagem a Edite Muniz?

— “É possível, é possível que sim”, admite Calmon, acrescentando que sua prima morreu, como se dizia na época, “em Flor”.

RF. 12



“Dona Beja”. OSD. 148x185 cm. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

## MINHA ARTE SÃO DOCUMENTAÇÕES

**Márcia Ribeiro Borges**

Professando a arte plástica, escultura e história que marcam época, o Prof. Calmon Barreto, em seu labor primoroso e original, é um artista, por excelência, e operário das belas-artes.

Natural de Araxá. É um artista de formas perfeitas.

Sua obra transcende a beleza de uma trajetória de 78 anos dedicados, exclusivamente, ao aprendizado, à mestria e à criação.

Foi para o Rio de Janeiro aos 12 anos, onde estudou desenho e gravura, tendo oportunidade de frequentar a Escola de formação de desenhistas e gravadores. Dois anos depois foi aprovado para a Escola de Belas-Artes onde estudou com Augusto Girardet – o maior mestre e gravador de moedas e medalhas do mundo – segundo o Prof. Calmon.

*“Sem um bom mestre é impossível aprender; impossível aprimorar coisa alguma. Não há talento somente, há o mestre! Pode-se ter a maior boa vontade de fazer uma coisa, mas sem a técnica e os ensinamentos do mestre, nada se aprende. Portanto, devemos tudo aos nossos mestres e ao interesse deles em nos forçar. A sabedoria vem sempre de um superior”.*

Em 1924, Calmon obteve menção honrosa, em 1926, medalha de bronze e em 1928, medalha de prata, quando concorreu com Cândido Portinari ao prêmio de viagem à Europa, todavia, Portinari ficou em primeiro lugar e Calmon Barreto obteve o primeiro prêmio em 1929.

Na Itália, estudou durante um ano, na Escola Real da Medalha de Roma. Concorreu com artistas do mundo inteiro, obtendo aprovação várias vezes, e comenta:

*“Minha passagem pela Escola Real da Medalha, foi rápida porque no Brasil aprendíamos muito mais com Girardet”.*

Em seguida, Calmon estudou na França, visitou museus e mais de doze países da Europa.

Retornando ao Brasil foi nomeado gravador-mestre na Casa da Moeda onde permaneceu até 1936 quando ingressou na carreira de desenhista e ilustrador por quinze anos. Foi diretor e professor da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro onde foi mestre de Desenho de Modelo-Vivo, além de catedrático de Anatomia e Fisiologia Artísticas durante mais de 20 anos.

Consagrado como artista, Calmon Barreto retorna à terra natal trazendo em sua bagagem vários prêmios, entre eles, medalhas de ouro, medalhas de bronze, prêmio de viagem ao exterior, além de experiência como ilustrador.

*“Voltei para Araxá porque aqui é um lugar tranquilo onde posso trabalhar isoladamente, onde posso produzir sem influência, sobretudo longe dos críticos. O Rio de Janeiro não me interessava mais, depois do advento do modernismo, tudo virou um “rolo danado” – a toda hora surgem falsos artistas, projetados às custas de dinheiro repassados às agências publicitárias que produzem artistas da noite para o dia”.*

Diz ainda – *“quando me aposentei não tinha nada que fazer no asfalto – o asfalto não faz nada de arte – retornei, portanto, à minha terra e aqui estou trabalhando há mais de vinte anos. Sem pretensões de fazer arte. Faço documentações através da pintura e escultura, meu estilo é realístico-clássico. Trabalho para preencher meu tempo, além disso, não vendo minhas obras – apenas faço trocas. Quando necessito de qualquer objeto, troco-o por um de meus quadros. Meu ateliê, por exemplo, foi uma troca que fiz com a Prefeitura Municipal de Araxá com a Galeria dos ex-Prefeitos”.*

Para o Prof. Calmon, o artista precisa de pouco para viver – sua função é somente produzir

– nada de obter cargos importantes e elevados, ou acumular fortunas. O artista não precisa sequer de automóvel para visualizar uma paisagem... *“quando preciso ver uma paisagem longe daqui, tomo o ônibus ou trem, escolho o lugar e através dos pincéis documento a natureza. O resto vem da própria imaginação. As composições que faço, muitas vezes, são resultados de coisas que vivi e que hoje são minhas recordações”.*

Quando de seu regresso a Araxá, Calmon desejou trabalhar em marmorização, contudo, não encontrou mármore de boa qualidade, *“o ideal seria o mármore inferior. Depois sai à procura de todo tipo de pedras na região e só encontrei uma, porém, muito dura, quase ferro puro – a anfibólio-xisto – de que é resultante “O Garimpeiro” que está exposta na Av. Antônio Carlos, na qual trabalhei durante cinco anos”.*

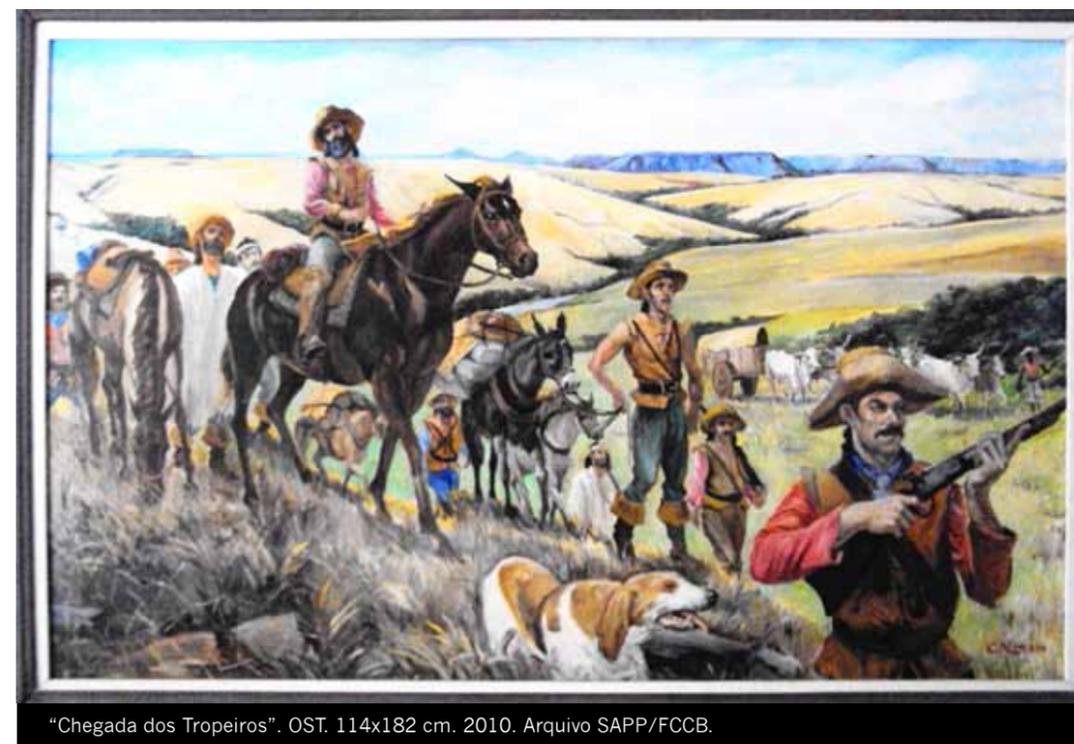
Ressalta que em Araxá é possível documentar suas origens, a história, sobretudo, as montanhas, os garimpos, o gado e os campos, *“aqui não sofre influência de ninguém, não sigo*

*modernismos – moda é falta de personalidade”.*

Concluindo, o Prof. Calmon Barreto, aconselha aos que estão iniciando no mundo das artes plásticas: *“Não é possível aprender desenho estudando apenas uma vez por semana – deve-se praticar no mínimo doze horas diariamente. Na verdade são necessários 20 anos de desenho para se ingressar na pintura ou na escultura”.*

... em sua casa de grandes dimensões, refletindo e expressando a alma do artista, Prof. Calmon, vive entre plantas, jardins repletos de esculturas, cercado de muitos livros, antiguidades, quadros e a presença constante de três cães. Em seu ateliê, ele vive e mantém o mesmo entusiasmo de quando era jovem. Para ele, *“todo homem desocupado e sem objetivos, adoece, cai na bebida, na levandade, sem estímulo para viver e aceitar a própria vida, por isso, “eu cumprio através da arte, o resto de meu tempo”.*

RF. 13



“Chegada dos Tropicadores”. OST. 114x182 cm. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

## O ARTISTA DE ARAXÁ

Homem do interior, nunca perdeu a sua mineirice e, em 1968, retornou a Araxá para pintar e esculpir. Por não gostar de comercializar as suas obras e necessitar se instalar, trocou alguns quadros por um ateliê.

Calmon Barreto conta hoje 86 anos de idade e mora no mesmo lugar onde passou a infância, em Araxá, Minas Gerais. Sua casa é repleta de obras-de-arte que vão de esculturas monumentais nos jardins às paredes cobertas de quadros que abrangem todos os períodos de criação. Morando com a irmã, ele passa seus dias recebendo visitas de amigos, admiradores e alunos que frequentemente visitam o seu velho ateliê onde, atualmente, a sua irmã Cordélia Barreto dá aulas de pintura.

Sua formação é acadêmica, seu estilo figurativo e cada obra nasce de um processo de criação dinâmico, onde cada forma é estudada visando a um resultado harmonioso. Seu vasto conhecimento de anatomia é transportado para os seus trabalhos de maneira que possibilita ao espectador a visão de cada músculo e a expressão das figuras humanas retratadas.

Na Casa da Moeda, Calmon Barreto foi principalmente medalhista. São de sua autoria as principais medalhas da década de 20 e 30. De espírito livre e irrequieto, tinha a capacidade de desempenhar tarefas que lhe eram confiadas em pouco tempo. Quando a revista do Clube da Medalha chegou à sua casa, Calmon Barreto não pôde conter as lágrimas. As lembranças do tempo da Casa da Moeda logo vieram a sua memória e ele nos falou das obras, principalmente moedas e medalhas que circularam pelas mãos dos brasileiros e, hoje, fazem parte de inúmeras coleções. Lembrou-se, ainda, de quando deixou a sua terra natal para trilhar os difíceis e iluminados caminhos da arte e se fez merecedor das principais premiações no âmbito das artes plásticas.

### Descobrimo as Artes Plásticas

Calmon Barreto de Sá Carvalho, nasceu lá mesmo, em Araxá, em 1909. Descendendo de uma família tradicional bandeirante, que

povoou o norte de São Paulo, Triângulo Mineiro e Goiás, descobriu, ainda menino, o interesse pelas artes, observando as gravuras dos livros da biblioteca de sua primeira professora. Do desafio em copiá-las, experimentava o sabor do desenho de paisagens de cor, do uso do carvão e da aquarela. Logo descobriu uma excelente tabatinga com a qual começou a modelar o muro do quintal de sua casa.

Já como aluno do professor de desenho, Pedro Leopoldo, aprendeu a copiar estampas, restaurar imagens e, principalmente, a ser perseverante. Seguindo os passos do mestre e amigo, foi para o Rio de Janeiro, entrando para a Casa da Moeda do Brasil no dia 20 de março de 1922. Para Calmon Barreto, a Casa da Moeda foi o local onde recebeu a base de seus ensinamentos e a formação de seu caráter. Rapidamente começou a trabalhar na Oficina de Gravura considerada uma verdadeira e modelar escola.

### A Casa da Moeda

Nesse período Calmon Barreto teve como mestre o gravador Augusto Girardet, que o incentivou por muitos anos de sua vida, aprendendo com ele a arte da gravura de medalhas e moedas. Conviveu nesse período com outros artistas de renome, como Otto Reim, Leopoldo Campos, Jorge Soubre entre outros.

Em 1924, após frequentar, à noite, as aulas de Modelo-Vivo e Rudimentos de Perspectiva para o Curso de Gravura com o professor Girardet na Escola Nacional de Belas Artes e a quem Calmon Barreto reconhece como mentor não só na Casa da Moeda, como na ENBA e na Itália, quando viajou a título de premiação.

Com apenas um ano de Curso de Gravuras, Calmon Barreto obteve o prêmio de Menção Honrosa de Primeiro Grau. Em 1927 a pequena Medalha de Prata. Em 1928 concorreu ao Prêmio de Viagem perdendo, entretanto, para Cândido Portinari. Diante da decepção do artista, Girardet incentivou-o a tentar no ano seguinte e com o baixo-relevo Garimpeiros e a gravura em aço Índio obteve a tão desejada premiação.

Em 1930, na Itália, sempre orientado pelo ve-

lho mestre Girardet, o artista prestou prova na Real Scuolla della Medaglia, obtendo primeiro lugar. Entretanto desistiu da bolsa de estudos em favor do segundo colocado. Depois de visitar os centros artísticos da Itália foi para a França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Espanha e Inglaterra percorrendo os principais museus e exposições da arte.

### De volta ao Brasil

Calmon Barreto retornou ao Brasil em 1932, quando foi nomeado Gravador Mestre da Casa da Moeda. Já reconhecido pelo seu valor, executou as moedas com as efígies de Tamandaré, Oswaldo Cruz, Anchieta e Santos Dumont, além de inúmeras medalhas. Nesse mesmo período fez o curso de extensão universitária no Museu Histórico que abrangia temas como Numismática, Heráldica, História da Arte e Arqueologia.

O excesso de trabalho na Casa da Moeda e a necessidade de prosseguir seus estudos fizeram com que o artista abandonasse a empresa. Após vários meses de estudo, Calmon Barreto desenvolveu nova faceta de sua personalidade artística, publicando ilustrações para revista Carioca, Revista da Semana, O Malho, O Cruzeiro, Fon-fon, além de vários trabalhos de escultura.

A ascensão de Calmon Barreto era vertiginosa. Em 1937, em razão da morte do escultor Antônio Matos, Calmon Barreto foi convidado a concluir as obras do Monumento da Laguna e Dourados, executando a porta da cripta, o crucifixo do mausoléu e a série de baixos-relevos sobre a campanha.

O ano de 1938 rendeu ao artista uma série de prêmios, como a Medalha de Prata da Seção da Escultura de ENBA pelo trabalho Monumento da Laguna, Medalha de Ouro da Seção de Gravura da ENBA pelo baixo-relevo Batalha de Guararapes e Medalha de Ouro com o desenho a carvão Orquídeas.

O gênio criador de Calmon Barreto não se aquietava. Em 1951 defendia a tese para a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Artística da Escola Nacional de Belas Artes, onde passou

a transmitir aos seus inúmeros discípulos e admiradores o conhecimento adquirido com anos de luta e perseverança e, finalmente, de reconhecimento de todos pelo excepcional profissional que sempre demonstrou ser.

Hoje quem passa por Araxá é brindado pela magnífica e monumental escultura da praça principal ou pela tela que ornamenta uma instituição bancária ou mesmo por retratos de santos na igreja, entre tantas outras coisas.

Infelizmente, a idade não permite mais que Calmon Barreto continue o seu trabalho de criação. Entretanto, a cidade não esqueceu seu morador tão ilustre e são muitas as homenagens que a ele são prestadas, como a Fundação Cultural Calmon Barreto que tem o seu depoimento prestado ao departamento de Patrimônio Histórico e nas estórias sobre o escultor que todos sabem contar. Ao nos despedirmos da cidade tivemos mais uma surpresa: recebemos um exemplar do livro de contos regionais - Araticum, de autoria de Calmon Barreto, editado recentemente e que fizemos a questão de que autografasse para compor o arquivo Casa da Moeda do Brasil.

RF. 14



"Quilombo em Guerra". Baixo-relevo em gesso. 30x42 cm. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

# O ESCRITOR, O CONTISTA, O POETA, O ACADÊMICO

Calmon dedicou-se com afinco à literatura. Sua obra, quase toda inédita, começou a se tornar pública nos últimos 20 anos. São sonetos e contos que, cada vez mais, ganham a admiração dos leitores.

## SONETOS INÉDITOS

(Compostos no segundo semestre de 1952  
– Rio de Janeiro)

### MÃE

Ela não é margarida nem é rosa  
De olores variados tão sutis,  
Mas da face suave a vaporosa  
Lhe irradiam perfumes juvenis...

Quem é ela e de onde vem? Que amorosa,  
Volvendo a bela face, assim nos diz:  
Sou a Mãe das mães, terna e piedosa,  
Que perdoa sempre o filho que a maldiz;

Da má sorte que às vezes o persegue  
Consolo e amparo, sugerindo o amor  
Que a vida na virtude se consegue

De outra vez lhe apontar novo destino,  
Onde as almas se banham no esplendor  
Alimentado pela luz do amor divino.

### ÊXTASE

Como é bom se aninhar entre teus braços  
Minha alma arrefecida e sempre aflita,  
E entre eles deixar meus sonhos lassos  
Ir voando lá pra abóbada infinita!

Como é suave sentir nos teus braços  
A messe desse amor que em mim palpita,  
E em devaneio correr pelos espaços  
Nas tuas veias o sangue que me agita!

Como é divino sentir em mim vibrando  
A emoção que transmite o teu calor  
Na frieza do meu peito se alentando!

Afinal, como é sublime nossos seres  
Fundidos um no outro com ardor  
No mais indescritível dos prazeres!

### CRISTO

Pregado ao duro lenho, as mãos cravadas,  
Enviado ao Pai, o Cristo Redentor,  
Sofreu a dor nas carnes maceradas  
Pra aliviar do mundo a outra dor.

Aquela dor das almas depravadas  
Que a mente rói do homem pecador  
E o faz na eternidade um sofredor  
Pior que a dor das carnes maceradas.

Cessem guerras da face deste mundo  
A fim de que este mundo se transforme  
Num paraíso de paz justo e fecundo.

Que assim de balde ao mal já praticado,  
Alcançaremos do Pai que nunca dorme  
O amor e a proteção do Cristo amado.

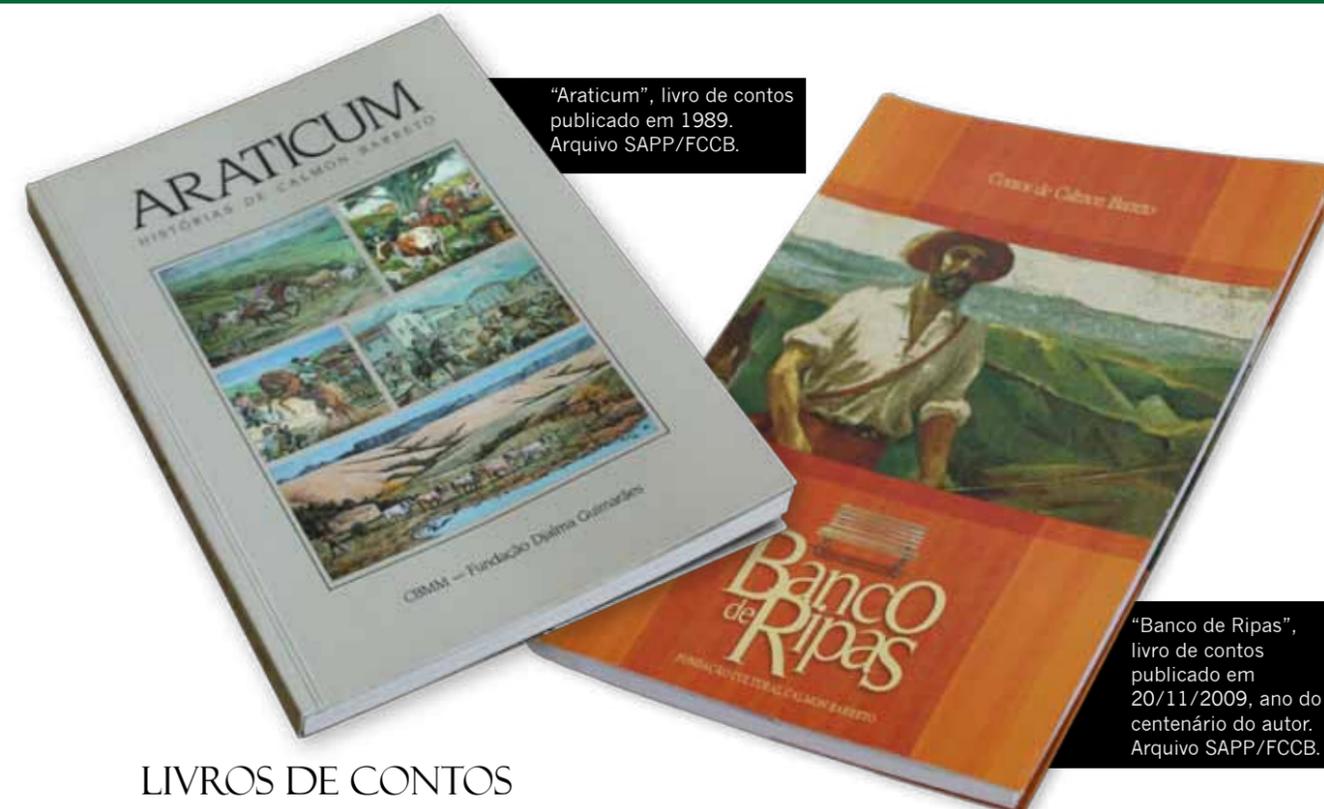
### SAUDADE

Belas várzeas de capinzal gordura,  
De amena vastidão dolente e grave  
Onde nasci, numa terra de fartura,  
De horizonte banhado em luz suave!

Como dói-me esta saudade que perdura  
No cofre-corção trancado à chave!  
Como dói minha triste desventura  
À deriva no mar como uma nave!

Como posso me livrar do tempo lento  
Que tanto me consome e avilta a alma  
Se a vela da saudade aberta ao vento

Nos leva ao léu nas vagas do oceano,  
Ao sopro do tufão que só se acalma  
Quando a morte lhe rouba o ser humano?



"Araticum", livro de contos publicado em 1989. Arquivo SAPP/FCCB.

"Banco de Ripas", livro de contos publicado em 20/11/2009, ano do centenário do autor. Arquivo SAPP/FCCB.

## LIVROS DE CONTOS

ARATICUM: histórias de Calmon Barreto. Araxá: Fundação Djalma Guimarães, 1989, 132 p.

### Contos publicados:

- A cova de Godêncio
- E agora meu Deus?
- Os doutores das latinhas
- Honra lavada
- Zureta
- Vadinha
- Um dia de vida do seu Taliba
- Mutirão
- Morro da Bateia
- O último homem

### Apresentação do livro:

Numa leitura atenta do livro ARATICUM de Calmon Barreto, mercê de suas opções estilísticas, notam-se suas acentuadas aptidões pelas artes plásticas, incluindo a pintura, a escultura e o manejo da linguagem coloquial do sertão mineiro. Por isto, nos dizeres de Guimarães Rosa, "personagens construídos na linguagem".

À guisa de exemplificação, colhemos aqui e acolá exemplos que emprestam às narrativas

a plasticidade na linguagem, sugerindo-lhe um sopro de vida: "Sem mais nem menos, o fiapo de vento enroscando a poeira, vem vindo, maneiro no princípio, crescendo depois em espiral para atingir, por vezes, centenas de metros de altura. E vem varrendo macega, arbustos, capoeira, quando não rês viva" (Barreto, Calmon, op.Cit. página 51).

Na oralidade da linguagem: "Às veis levo cada surra qui inté fico de corpo dueno muitos dias".

Estes dois recursos são utilizados nas narrativas do livro de ponta a ponta. Com isto cria-se uma atmosfera visual de grande efeito. Também os espaços são facilmente identificáveis: Araxá, Perdizes, Patos, Paracatu, Capivara, Lava-pés, Córrego de Santa Rita e muitos outros.

Enfim, pelo manejo da linguagem, pelos espaços escolhidos e pela caracterização das personagens, algumas até conhecidas, este livro transcende o espaço e o tempo de modo a se identificar na história de nossa terra.

João Rios Montandon

RF. 15

BANCO DE RIPAS. Uberaba: Gráfica e Editora Publi, 2009, 186 p.

#### Contos publicados:

- Banco de Ripas
- O Cego Tião
- A Tocaia
- O caso do Geraldo Magela 1
- O caso do Geraldo Magela 2
- O caso do Geraldo Magela 3
- O caso do Geraldo Magela 4
- O caso do Geraldo Magela 5
- Juca Tropeiro 1
- Juca Tropeiro 2
- Juca Tropeiro 3
- O Noivado
- Araticum
- A Alma de Meu Gato Preto
- Bruno, o “Gringo”

#### Apresentação do livro:

O mestre das artes é, também, o mestre das letras. O talento multifacetado de Calmon Barreto se evidencia por meio de mais este presente que ele nos legou. Uma série de contos inéditos, de expressivo valor literário, chega aos leitores no momento em que comemoramos os cem anos de nascimento do escritor, professor e artista reconhecido e admirado.

Em vida, Calmon nos brindara com seu primeiro livro de contos, “Araticum”, lançado pela CBMM há vinte anos. Durante muito tempo pudemos apreciar outras suas produções através das páginas semanais do “Correio de Araxá”. A Academia Araxaense de Letras referendou-lhe o dom da escrita e o elegeram imortal.

Agora publicamos “Banco de Ripas”, cujo título reproduz o nome de um dos contos reunidos, respeitando a escolha do próprio autor para uma das obras que um dia ele pretendeu materializar em livro. Nesta podemos desfrutar de uma infinidade de referências acerca da cultura de Minas Gerais e da nossa região, no seu sentido mais amplo, reelaboradas em forma de literatura.

Em torno de um objeto central que lhe foi tão caro, o banco de ripas, ele revelou um mundo de lugares que nos transportam individualmente às nossas vidas. Construiu personagens admiráveis na sua simplicidade ou

notoriedade, envoltas por costumes ricamente traduzidos, por pensamentos e sentimentos expostos magistralmente.

Tendo o banco de assento como suporte à criação tão inspirada, Calmon reafirma sua condição de autor completo. É o estudioso que lança mão de outros amparos do conhecimento — elementos indispensáveis à postura reflexiva que sempre o caracterizou — para revelar-se um intelectual comprometido, acima de tudo, consigo mesmo.

Se no artista, para além da técnica e do talento, podemos ver o pesquisador incansável e o observador atento a tudo à sua volta, no contista identificamos, igualmente, o investigador da realidade nos seus sinais mais discretos e singulares. Nas narrativas de Calmon torna-se visível à nossa sensibilidade, a experiência de um narrador que frequentemente buscou respostas para suas inquietações diante da existência humana.

Ler os contos do e no “Banco de Ripas” é deixar-se levar pelo percurso prazeroso da literatura, permitindo-se reconhecer e redescobrir cenários senão encobertos, ao menos temporariamente esquecidos. Ler estes cenários e o universo construído em torno deles é rememorar a vida de Calmon, agregando-a à missão da Fundação Cultural Calmon Barreto.

Esta iniciativa pretende formar novos leitores. Certos disso convidamos especialistas de larga experiência profissional para atuarem na organização e na revisão dos originais. Outros objetivos, porém, deverão ser cumpridos como os de divulgar a obra do autor, subsidiar a pesquisa, reafirmar a importância da prática de ideias, valores e expressões culturais formadores da nossa identidade.

Reunir os contos de Calmon e editá-los neste livro é prerrogativa da cidade que o tem como filho, que dele se enaidece e que o quer eternizado. Literatura e memória, unidas, pretendem identificá-lo como um verdadeiro patrimônio cultural que é de todos nós.

#### Walter Ogawa Silva

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

## ESPECIALISTAS CONVIDADAS PARA REVISAR OS ORIGINAIS

Admiradora das obras e do grande artista Calmon Barreto, não tivera notícias, até então, de seu apurado interesse pela literatura. Ao ser convidada a revisar seus contos para publicação, no ensejo da comemoração de 100 anos de nascimento, senti-me deveras lisonjeada em poder conhecer e adentrar em seu viés literário.

No começo, fui-me deparando com uma sensação que, de certa forma, me surpreendia a cada momento, pois, a leitura era-me, ao mesmo tempo, estranha e muito familiar. Os contos me conduziam a vivenciar o cotidiano do “matuto” mineiro, suas tradições e costumes, seus “fala-

res” e variadas linguagens...

Essa singular oportunidade em ler e “degustar” os contos de Calmon, levou-me a emaranhar pelas “veredas” roseanas, as quais me conduziam ao que podemos chamar de “mineiridade”, ou seja, o jeitinho mineiro de ser.

Enfim, com a leitura desses maravilhosos contos calmonianos, vi-me experienciando e saboreando os escritos de um “Guimarães Rosa Araxaense”, o que, por ser sua conterrânea, em muito me orgulha e em muito me encanta.

#### Adriene Costa de Oliveira Coimbra

Em quase todos os contos de “Banco de Ripas”, o cotidiano do homem comum das cidades do interior e/ou das fazendas. Costumes rurais e urbanos assim como paisagens naturais, mostrados com competência. Ao final de cada página, uma vontade imensa de ler a próxima.

Através de um estilo simples e agradável de ler, Calmon Barreto traz o leitor para dentro de sua narrativa, envolvendo-o completamente. Em “O Gringo”, por exemplo, durante os preparativos para o dia de São João na fazenda, acompanhamos o narrador-personagem não só como espectadores, mas também como coparticipantes ativos: ouvimos os sons, enxergamos as cores, sentimos cheiros e sabores numa verdadeira festa para todos os sentidos:

“Havia ar de festa por todos os recantos: os currais estavam enfeitados de ramos de bambu e buritis; guirlandas de papel colorido atravessavam os terreiros, prolongando-se até o arvoredo e, por fim, a madeirama para a fogueira amontoava-se no ângulo do curral de apartação. A casa, toda movimentada com as visitas de véspera. Mamãe e o resto do elemento feminino atarefavam-se da despensa à cozinha, dirigindo e executando a feitura dos doces e das quitandas. O cheiro gostoso do forno quente, varrido por vassoura de alecrim, invadia terreiros e varandas. Montes e montes de batatas doces e mandiocas eram trazidos em jacás pelos agregados.” (Capítulo 11)

#### Antônia Verçosa

Calmon ora imprime formas nas entranhas da pedra bruta e insufla-lhes o sopro da arte, ora modela a vida com tintas e cores. Aqui, o artista é o artesão da palavra. Arranca do sertão dos Arachás personagens, cenários, histórias de um tempo que, tanto pode ser o ontem, como o hoje ou o que ainda está por vir. Os personagens “calmonianos” bem poderiam ser os de Guimarães Rosa, como os de Graciliano Ramos ou os de José Lins do Rego, pois o HOMEM com suas vivências é o eterno personagem da vida. Recria o universo cabo-

clo como poucos o sabem fazer. E há ainda momentos lírico-descritivos de uma beleza arrepiante: “Madrugada, ainda noiteira, Juca montando, puxando a mula carregada, transpôs o Espigão da Ema e viu os primeiros raios do sol dourando os aparados da serra”. Só a sensibilidade de um artista maior é capaz de pintar, com palavras, tamanha beleza.

#### Carolina Angélica de Oliveira Passos

A leitura do conto “O Banco de Ripas”, de Calmon Barreto, foi-me um dos momentos literários que mais me causaram encantamento.

Calmon não é Mestre apenas na pintura e na escultura. Ele se apresenta como grande Mestre das Letras. A impressão é a de que caneta e cinzel fundem-se em um único “instrumento” para mostrar a conexão do autor com o belo, com a vida no que ela tem de mais forte e com o próprio ser humano.

Penso que ao pintar, Calmon pratica um viés literário fora do comum; ao escrever, expõe todo seu sentimento como se estivesse pintando uma enorme tela.

No conto “Banco de Ripas”, Calmon mostra-se um profundo conhecedor da natureza humana, como se fosse um desbravador. A “trama” desenvolve-se com o requinte de recursos literários de dar inveja. Abusa de recursos como metáforas, sinestesia, personificação, onomatopeia etc. O uso da personificação é tamanho que o banco de ripas, por onde passavam os personagens, incorpora-se à história, de forma que o leitor passa a senti-lo vivo.

Arrisco-me a dizer que ele, o banco de ripas, é o personagem principal. Embora estático, o autor, com maestria, deu-lhe tanta dinamicidade, que sobrevivera a várias gerações na fazenda do Monte Alto, no “Sertão da Farinha Podre”.

A linguagem usada por Calmon é fidelíssima ao cenário e aos personagens e que nos faz sentir saudades dessa linguagem pura na sua origem e na sua forma de ser.

É impossível ler o conto sem comparar a fala do narrador e dos personagens ao “dialeto” criado por Guimarães Rosa. É impressionante a semelhança. E Calmon faz isso de forma tal que nos causa o mesmo encantamento, quando lemos Guimarães. Imagino que ele, artista pleno como era, não teve dificuldades pra construir essa linguagem, porque ela, certamente, veio da alma.

Os personagens são ricos. Construídos de uma maneira, que nos permite vê-los a nossa frente com riqueza de detalhes. Além do que,

é dado a eles, através da narrativa, trabalhar com o tempo psicológico e o fluxo de memória.

O recurso da descrição outra grande característica do conto. Remete-nos ao poder da visualização. Recurso incrivelmente explorado pelo autor e dado para nós, como presente.

Pra finalizar, transcrevo alguns fragmentos de trechos, falas, expressões, como forma de ilustrar a maravilha que é o Mestre Calmon como “fazedor” de Literatura. Deliciem-se!

—“Senta aqui, mulher, vamos ver a noite engolir o dia...”

“O sol, já de fora lambia de luz as grimpas das cousas e secava o orvalho da noite.”

“Através da banda da janela, reparou no céu azul interrompido pelo verde da frondosa gameleira...”

“A jovem catou as tigelinhas... e se foi pros fundos gingando ancas cheias de pecado.”

“A tarde morria colorida de ouro sobre abóbora, num céu cambando para o violeta, estio escorando chuva para o dia seguinte, por causa das nuvens “rabo de galo”, grimpadas bem no alto da cuia do firmamento.”

Em tempo: Na narrativa, Calmon apresenta-nos o personagem feminino de uma forma exuberante em todas as suas nuances. Cambota, o cão, uma espécie de “máquina registradora” da história.

A trama, ora segue linear, ora em forma de retrospectiva. Uma mistura de romance, estudo antropológico, aventura, demonstrações saudistas, descrição de uma época. No final dá margem para entendermos a “obra”, como obra aberta.

Conselho? Literatura de Calmon nas Escolas de Araxá. Santo de casa faz milagre, sim!

**Rosa Helena Vilaça de Abreu**

Calmon me passou uma surpresa! Eu já o admirava por suas pinturas, por suas esculturas e agora me vem com esta maravilhosa faceta de escritor!!!

Isto é ser artista multifacetado? Completo? A arte veio habitar sua alma?

Velado até o momento em que chegou às minhas mãos este conto “A alma do meu gato preto”! Surpresa pela revelação inédita de sua escrita, delíciei-me na leitura e mesmo admirada, a descoberta se fez: Calmon é um escritor sensível e competente!

Os grandes são assim: — humildes, calados, são descobertos e não se fazem descobertos por si mesmos, com autopromoção.

A Alma do Meu Gato Preto é um pequeno conto com a sensibilidade de quem verdadeiramente ama, vê além dos próprios olhos, penetra o interior dos sentimentos e das observações. O Gato é de uma convivência amigável, carinhosa, criando laços que só o amor entre o homem e o animal conhece. O Gato tornou-se o amigo e volta em sonho, com maravilhosas revelações!

Vale a pena ler! É uma delícia para os olhos e para a reflexão!

**Sofia Tannús Malki**

RF. 16

## CONTOS AINDA NÃO PUBLICADOS

- Canivete
- A Égua Fugida
- A Morte de Pachola
- Chitinha de Roxo
- A Lição do Mestre Briosso
- Disco Voador 1, 2, 3, 4 e 5
- Papai Noel
- Sonho? Sei lá?
- A Barganha
- A Volta 1 e 2
- As idéias do Coronel Juca
- A Invasão 1 e 2
- Tuffi Abud Alá, vulgo Zé Malaquias
- Extrema-Unção
- Espantaleão
- A doença do Zeca
- Estrela
- A Carta do Céu
- Minha estimada esposa Maria Rosa
- Colodina
- Prenda de Leilão
- Sabino Laciaia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8
- Eta Mundo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8
- A Nova Cisterna 1 e 2
- O Aperto de Herculano
- Aparecida 1, 2, 3, 4, 5 e 6
- O Mestre
- Pão Especial
- Piranha
- Severina
- Corisco, o Menino Santo 1 e 2
- A Proposta
- O Fim do Bicho-Homem
- Morte Matada
- Rodeira da Vida
- A Vingança de Nichetlipoc
- Que Vida!
- El Dourado
- Monge da Gruta
- Solidão - Conto publicado nesta edição de O Trem da História, à página 16

## CALMON E A ACADEMIA ARAXAENSE DE LETRAS

O ano era 1972. A Academia Araxaense de Letras, criada havia quase sete anos, reuniu-se na residência do acadêmico Augusto Eduardo Montandon, saudando um visitante especialmente convidado para aquela reunião ordinária: Calmon Barreto.

Talvez tenha sido este o primeiro contato formal de Calmon com a Academia que já agregava escritores alguns anos antes da sua volta definitiva a Araxá. Sua integração aos quadros da associação para ocupar uma cadeira como escritor aconteceria um pouco depois, embora mantivesse laços de amizade com os demais acadêmicos e por eles tivesse seu mérito de escritor e contista há muito reconhecido.

Conforme ditavam as regras legais para in-

gresso, a apresentação de Calmon se deu pelo acadêmico Dr. Boanerges Lemos da Silva. A eleição para a cadeira número 9, originalmente pertencente ao Dr. Clodoveu Afonso de Almeida, efetivou-se por unanimidade de votos para, então, empossar o novo acadêmico. Solenemente, a cerimônia de posse aconteceu em conjunto com mais dois acadêmicos, Vander Castro Alves e Fernando Braga de Araújo, no Clube Araxá, em dezembro de 1984.

Naquele momento faziam parte da Academia: Gilberto Augusto Silva – presidente; Dr. Boanerges Lemos da Silva – Vice-presidente; Adélia Pereira Vale – 1ª secretária; Antonio Alvarenga de Resende – 2º secretário; Dr. Edson Porfírio Ferreira – tesoureiro; Leonilda S. Montandon – bibliotecária



Posse de três novos acadêmicos na Academia Araxaense de Letras. Da esquerda para a direita: Fernando Braga de Araújo, Calmon Barreto e Vander Castro Alves. Dezembro/1984. Acervo Academia Araxaense de Letras.

e demais acadêmicos: Hélio Alves Ferreira, Maria Santos Teixeira, Sofia Tannús Malki, Abrahão Abílio Tannús, Atanagildo Cortes, Dr. Heitor Gentil Montandon, Dr. Danilo Cunha, Dr. Christiano Barsante Santos, Augusto Eduardo Montandon e Dr. Carlos José Lemos.

Posteriormente Calmon contribuiu com a Academia, fazendo parte da sua mesa-diretora. Quando se cogitou a criação de uma medalha de honra ao mérito a ser conferida pelos acadêmicos, ele se prontificou a produzir o modelo para a cunhagem da mesma. Embora tenha tido participações discretas, próprias de seu perfil, constam outras formas da sua colaboração presta-

das à Academia, ora doando tela para fins de angariar recursos para a instituição, ora abrindo as portas da sua residência-ateliê para receber os pares reunidos.

Muitos registros sobre o cotidiano da Academia e dos seus membros são feitos nas atas das reuniões ordinárias, extraordinárias e assembleias gerais. Os falecimentos deles, acadêmicos, são registrados com pesar. Sobre as urnas em que são sepultados coloca-se a bandeira criada em 1965. Assim se deu por ocasião da morte de Calmon, naquele mês de junho de 1994.

RF. 17

### CALMON PREFACIA LIVRO

No convívio entre escritores, dois membros da Academia Araxaense de Letras prestigiam a literatura. A convite da escritora e acadêmica Maria Santos Teixeira, Calmon Barreto prefaciou seu livro “Retalhos que o tempo deixou”.

*MARIA SANTOS TEIXEIRA nos surpreende e comove com o seu livro “Retalhos que o tempo deixou”.*

*Sem pretensões literárias faz a verdadeira literatura, aquela extraída do coração e vivida com intensidade. São narrativas comoventes, retratando a simplicidade característica de nossa vivência sertaneja, musicada e regida por sua sensibilidade feminina.*

*Obra que, além de subsídio para a história dos sertões araxaenses, honra os escritores de uma geração, transmitindo para a posteridade costumes que, naturalmente, vão desaparecer na avalanche do progresso material.*

*Maria Santos Teixeira é autora de vários outros livros de ficção, porém, ficção calcada em fatos acontecidos, que nos parecem reais, devido à autenticidade e documen-*



“Retalhos que o tempo deixou”. Livro prefaciado por Calmon Barreto.

*tação dos costumes, livros de temas tipicamente rurais, cujas raízes se prendem aos campos gerais, aos chapadões e às colinas aveludadas do altiplano triangulino, onde o linguajar manso e melodioso das gentes se confunde com a sonoridade do canto dos pássaros. Em “Retalhos que o tempo deixou” dá-nos verdadeiros poemas em prosa, plenos de ternura e amor às gentes e cousas de Araxá.*

Calmon Barreto

RF. 18

## OS ACADÊMICOS LEMBRAM E RELEMBRAM CALMON

**Panegírico a Calmon Barreto**

Um maestro,  
Sem batuta e com cinzel,  
Compõe o canto guerreiro,  
Nas pedras adormecidas  
Sob um sol visto primeiro.

Gênio, glória,  
Homem e História  
Que a História guardará.  
Embrulhado no silêncio de tua arte  
Espalhas talento em toda a parte  
Enchendo de orgulho  
Os filhos de Araxá.

Um dia,  
Nos longes desta vida,  
Quando para outra nos deixares,  
As pedras substituirão o grito  
Do amor esculpido nos altares,  
O chão há de acolher contrito  
O teu corpo, em meio de pesares,  
Mas tua alma se tornará em mãos  
Polindo com tua arte  
As estrelas do infinito...

Passarás, depois, artista nobre,  
A enriquecer o nosso mundo pobre  
Benzendo, com esperanças,  
Os lábios das crianças,  
Restaurando um mundo novo  
Na cultura de um povo.  
E a gente em oração  
Agradecerá a glória  
De ter sido teu irmão.

E tu, poeta da pedra,  
Gênio do pincel,  
Nas varandas da eternidade  
Passearás teus olhos  
Molhados de saudade,  
E te sentirás presente  
No fervor de nossas raças  
No coração do nosso povo  
Na alma de nossa gente  
E no altar de nossas praças...

**Olavo Drummond**  
RF. 19

Escrever sobre Calmon Barreto é, sobretudo, nos reportar a um tempo mágico, onde a presença do grande artista era vista através de nossos olhos infantis de forma mítica. Abria as cancelas da imaginação e nos fazia viajar com os anéis da fumaça do eterno cachimbo do grande Mestre.

**Catia Maria Lemos de Melo Zema**

Próprio dos gênios e dos grandes sábios ele era um homem avesso ao barulho. Mas gostava de conversar e partilhava sua sabedoria e erudição, alegre e bem-humorado, em agradáveis tertúlias. O tempo ganhava asas velozes, enquanto o ouvíamos contar suas experiências e os pitorescos casos. Ao seu lado estavam sempre os inseparáveis companheiros: o cachimbo e o cão amigo.

**Terezinha de Oliveira Lemos**

Além da arte viva suficiente para compor muito mais do que um museu inteiro, sempre fez da arte a própria vida. Ou a sua vida sempre foi uma arte? Calmon Barreto, desde muito cedo, acreditou na arte pela vida afora.

**Ana Paula Machado Kikuchi**

A linda Beja está comigo na minha sala de visitas e sempre que a vejo, lembro-me com saudade do mestre Calmon, o eterno pintor de Araxá.

**Fernando Braga de Araújo**

Era 1992, mês de maio, Rosa Vilaça e eu tomávamos posse como membro da Academia Araxaense de Letras e lá estava nosso artista, professor, inspirador, poeta, escritor, escultor, pintor, contador de casos, amigo, fonte que jorra para outros vida, inspiração, coisas boas em forma de arte. Lá estava ele esperando por nós, dando-nos boas-vindas como acadêmico, pai, iniciador, parceiro, timoneiro...

**Hermes Honório da Costa**

Calmon Barreto tem muitas faces. Como se a gente olhasse profundo, dentro de um caleidoscópio, e se deslumbrasse com as figuras estonteantes que a poesia no coração sabe compor. Calmon dos quadros espetaculares, das esculturas imponentes, dos artigos e dos livros bem escritos, das aulas de mestre, das Academias de Artes e Letras, dos prêmios e glórias acumulados, a maioria sabe de cor.

**Vilma Cunha Duarte**

Calmon era uma pessoa muito especial. Seu modo de viver e a sua intelectualidade incomum causavam às vezes incompreensões, o que o tornava único e sem precedentes. De certa feita perguntei ao mestre, por que não datava as suas obras. Com indiferença e serenidade, própria dos gênios, o artista respondeu-me: "Minha obrigação é criar, e a arte desconhece o tempo. Vou deixar este trabalho para vocês resolverem".

**Tarcísio Cardoso**

Obrigado Pai, pela Suprema Graça de ter podido conviver com um gênio, de verdade. Professor Calmon Barreto, o homem que tinha o hálito de Deus nas mãos. O Anjo Bom de nossas vidas, foi autêntico em tudo. Até quando se encantou. Só o fez, depois de encantar gerações e gerações de araxaenses e de brasileiros, a referência maior nossa em todos os tempos. Positivamente, Calmon não era deste planeta. Veio até nós, como uma bênção e um afago, por um soporo dos Céus.

**Atanagildo Côrtes**

Tive a honra de conhecê-lo, ainda quando residia na rua Pe. Anchieta e, timidamente, busquei conversa com ele algumas vezes, debruçado à tardinha no alpendre de sua casa. De papos ligeiros, com certeza, sempre saí enriquecido de novos conhecimentos.

**Eurípedes Candini**

Ah! Calmon, de cores e formas fizeste a tua poesia e ela te sobreviveu. Diante de tua tela, sou simples mortal e bebo de teus versos escritos de azuis, de verdes, de amarelos, de terra...

**Carolina Angélica de Oliveira Passos**

Licença, Mestre Calmon,  
Licença, artista-mor:  
Pra não perturbar sua inspiração,  
Vou pisar bem mansinho.  
Abra a porta, quero entrar.  
Escancaradas, as janelas  
Jorram fochos de luz/sombra  
E o artista que nela se embebe,  
Descobre invisíveis nuances.  
Licença, Mestre Calmon,  
Eu vou me quedar na sala  
(presença morta num canto)  
Num silêncio respeitoso  
À criação que brota  
Vou acompanhar o vôo  
De suas mãos diáfanas,  
No beijo da pincelada  
Ou na dança do cinzel.  
Sobretudo vou me abismar  
No que seus olhos vêem  
Muito além do que se vê.  
Vou captar o fio de vida  
Fluindo dos seus traços.  
Eu sinto que sua alma  
Sopra tudo e em tudo perpassa.  
Um espírito vivificador  
Relampeja nas retinas de suas gentes  
E dá movimento ao imóvel.

**Sofia Tannús Malki**

Artistas da "estirpe" de Calmon estão "condenados à claridade solar", porque conhecem tudo, por antecipação. Em resumo, o artista Calmon surpreende-nos sempre: ele consegue ser, ao mesmo tempo, terrestre e diáfano.

**Rosa Helena Vilaça de Abreu**  
RF. 20

# MEDALHAS: RECEBER, CRIAR E NOMEAR

O artista, gravador e medalhista estabeleceu vínculos com a arte-medalha desde criança, quando ingressou na Casa da Moeda para trabalhar e estudar. O estudo e o aperfeiçoamento constantes o fizeram mestre na arte. Foram inúmeros os trabalhos por ele produzidos ao longo da vida.

Em Araxá, a Medalha Dom José Gaspar é prêmio concedido anualmente pela Câmara aos seus habitantes por ocasião do aniversário da cidade, em 19 de dezembro.

Ao instituir a Medalha Dom José Gaspar, conferida àqueles (as) que se destacam nos diversos segmentos da comunidade, a Câmara Municipal de Araxá, por iniciativa do então vereador Orédis Pereira dos Santos homenageou o religioso araxaense que foi padre, bispo e arcebispo de São Paulo. Para materializar o orgulho da cidade pelo filho que honrou o sacerdócio, coube a outro filho expoente, porém no campo das artes, esculpir a imagem do seu conterrâneo.

Calmon Barreto concebeu o modelo original com o talento de um artista que abraçou o ofício desde menino, o aperfeiçoou com maestria e por ele recebeu prêmios. Desde então, a pedido do Legislativo local, a medalha vem sendo reproduzida anualmente pela Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, onde o gravador Calmon executara tantos outros exemplares da arte-medalha.

O desempenho profissional e artístico, permeado por sensibilidade e visão humanista o levaram a receber medalhas. As condecorações



Verso e anverso da Medalha Dom José Gaspar, criação artística de Calmon. Acervo Câmara Municipal de Araxá.

reções recebidas depois do retorno a Araxá simbolizaram o reconhecimento da cidade ao filho artista que enriqueceu e orgulhou a terra onde nasceu.

Calmon foi agraciado também com a tradicional medalha de Honra da Inconfidência. A comenda do governo de Minas Gerais que, desde os anos 1950 presta homenagem àqueles (as) que se destacam por “méritos cívicos”, faz parte das comemorações do dia 21 de abril no Estado. Lembrando Tiradentes, ele a recebeu, em 1978, das mãos do então governador Aureliano Chaves.

Durante a inauguração do busto de José Ananias de Aguiar, na sede da APAE, o professor Calmon Barreto recebeu de Maria Eliza de Aguiar, filha do homenageado, uma Medalha de Honra ao Mérito como forma de agradecimento pelo gesto do artista.

A Fundação Cultural Calmon Barreto, por seu turno, reconheceu-lhe o mérito por diversas vezes. A concessão de medalhas e placas ao seu patrono sempre esteve revestida do res-

peito e do carinho pelo professor Calmon Barreto, pelo artista multifacetado e, sobretudo, pelo cidadão que colaborou intensa e anonimamente para manter viva a instituição.

Chegou o tempo de Calmon tornar-se, ele próprio, nome de uma Medalha. Em 30 de novembro de 1999, através da lei 13.371, o governo de Minas Gerais instituiu a Medalha Calmon Barreto.

## ARTE-MEDALHA

**Calmon Barreto foi antes de tudo um crítico de sua própria arte.**

Transcrevemos aqui um artigo de sua autoria em que ele tece consideração sobre a arte da medalha. Como os leitores podem verificar, o texto se mantém contemporâneo e pode servir como base de sua pesquisa e estudo para os medalhistas atuais.

### Consideração sobre a arte da medalha

*Babelon, notável historiador francês, em sua obra “Medalha e Medalhistas”, considera todo o baixo-relevo em miniatura como sendo medalha.*

*Permitam-nos que discordemos, até certo ponto, dessa sua teoria, uma vez que fazemos distinção entre o camafeu, a moeda e a medalha baixos-relevos bem distintos entre si, que além das finalidades a que se destinam, obedecem a técnicas bem diferentes.*

*Se bem que, primitivamente, os metais fossem como as pedras, gravadas pelo processo do torno, com o advento do ferro e, conseqüentemente à sua têmpera, passaram os gravadores a neles usarem o buril, reservando o emprego do torno para o camafeu.*

*A origem da medalha – segundo ainda Babelon – remonta ao século XII, havendo ainda uma versão de ter sido ela cunhada, pela primeira vez, com características próprias, por ocasião da reconquista de Pádua por Francisco II Novelle, Senhor de*



Verso e anverso da Medalha Calmon Barreto, instituída em 1999, em homenagem a Calmon. Acervo Glaura Teixeira Nogueira Lima.

*Carrara, imitando-se as moedas romanas. Em seguida, outra medalha foi cunhada, em honra de Francisco I, pai do príncipe reinante, ambas, atribuídas aos Sextos, gerações de gravadores de cunbos monetários e que viveram em Veneza (1393-1417).*

*Essas referências estão documentadas nos inventários do Duque de Berry, irmão de Carlos V.*

*Outra versão é a de Lernerant, em seu livro Moedas e Medalhas, referindo-se aos gravados de Amalfi, como sendo os precursores da medalha moderna.*

*A medalha propriamente dita, destinada a ser objeto de arte, e tendo por fim homenagear personagens e comemorar fatos, foi idealizada e confeccionada por Pisanello.*

*Vitório Pisanello nasceu, em Verona, no ano de 1397, pintor contemporâneo de Altichero, Guariento e Avanzo.*

*Sua primeira medalha representa o Imperador de Constantinopla, João Paleólogo, e comemora a sua visita a Roma, quando da reconciliação das duas igrejas: a grega e a romana.*

*Tecnicamente, a medalha é rude. Compreende-se: Pisanello sendo pintor, desconhecia, portanto, os segredos da modelagem. Todavia, notamos o profundo senso e gosto do artista na composição.*

*O processo empregado foi o da modelagem: do original em cera, seguindo-se a fundição da mesma em areia. Além desta, executou Pisanello outras peças com as efígies de Felipe Maria Visconti, Afonso de Aragão, etc.*

*Seus sucessores, naturalmente, foram aperfeiçoando a técnica até os nossos dias. Por sua vez os arqueólogos e numismatas estabeleceram-lhes regras convenicionando suas finalidades artísticas ou melhor, obscureceram-lhes o sentido de beleza emanado do fundo da alma do artista.*

*Atualmente, o medalhista trabalha, adaptando a composição e os relevos às conveniências da reprodução em massa, sacrificando, por assim dizer, a liberdade vital da criação artística.*

*O artista dos nossos dias, vê-se limitado a modelar dentro da dimensão de 30 cm, caso contrário, não terá a reprodução pelo pantógrafo, devido a este não permitir maior diâmetro, limitando, portanto, a criação de várias figuras em sua composição. A não ser que grave diretamente no metal, aproveitando o máximo do diâmetro permitido pela máquina. Ainda que assim o faça, dependerá de tempo indefinido para a execução das peças.*

*A medalha, modelada desde a Renascença, tem sido preferida pelos artistas, pela razão de a confecção ser rápida e oferecer-lhes emoção na sua feitura, além de conservar a técnica ou personalidade do medalhista, eliminando a dureza peculiar às obras gravadas.*

*A medalha, que de início era considerada como obra de escultura, hoje apresenta-se como arte decorativa, carregada de letreiros, ramímbos de planta e de um sem número de arabescos inexpressivos. Concordamos que ela obedeça às convenções estabelecidas pela numismata (em geral, mais estudiosos da numária que das artes), mas, salvemos ao menos um dos seus lados para a composição artística. Apliquemos então, no reverso, os*

*borríveis letreiros e alegorias.*

*Felizmente, de uma década para cá, alguns medalhistas de bom gosto vêm rebelando contra as convenções do passado e, como exemplo, citamos as obras do passado, citamos as obras dos artistas franceses, expostas no Ministério da Educação, durante a grande mostra de arte francesa.*

*Temos em nosso país notáveis gravadores e medalhistas, mas, infelizmente, quase todos forçados a produzirem medalhas de acordo com a mentalidade de quem as encomenda.*

*A pintura, escultura e arquitetura, libertando-se dos grilhões que as algemavam, atualizaram-se. Nossa medalha ainda pulsa com vibrações e ardor do século XIX.*

*O Brasil vive uma época gloriosa, de progresso vertiginoso, em meio a uma natureza pródiga de graça infinita e beleza sem par. Temos como fonte inesgotável e inspiradora, nossa rica fauna e nossa majestosa flora e, se volvermo-nos ao passado, as fontes de arte pré-colombiana ligadas pelos bomens de Tihuauaco, pelos Incas, Maias e Astecas, não falando ainda de nossa recente e sem dúvida, brilhante história brasileira. Tudo é fonte de entusiasmo e inspiração.*

*Aproveitemos e criemos uma arte puramente americana...*

*Já que estamos presos às formas limites da medalha e às suas deficiências técnicas em virtude das reproduções, façamos medalhões e medalhas fundidas, fugindo da convencional composição e distribuição dos relevos. É o caso das medalhas cunhadas, para as quais os inventores construíram máquinas adaptáveis à arte, em lugar da arte, ficar a serviço das máquinas.*

*Convenhamos que, assim não procedendo, nada mais vimos produzidos senão, a inversão dos valores.*

RF. 21

## A FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO DE ARAXÁ

O início dos anos 1980 esteve marcado por uma efervescência no campo da cultura. Vivia-se um processo lento de abertura política após o período da ditadura militar que, em graus variados, restringia a atividade criadora no país. Araxá apropriou-se desse movimento com algumas iniciativas a favor da criação de associações culturais.

Neste contexto, a cidade viu nascer a Fundação Cultural Calmon Barreto. Um grupo de pessoas passou a se reunir regularmente para planejar a criação de um órgão que trabalhasse a atividade cultural de acordo com a demanda, as expressões e os talentos locais. Eram artistas plásticos, músicos, escritores, poetas, professores, jornalistas, promotores culturais e políticos.

Calmon chegou a participar de algumas dessas reuniões como convidado especial, a quem se denotava respeito e de quem se pre-

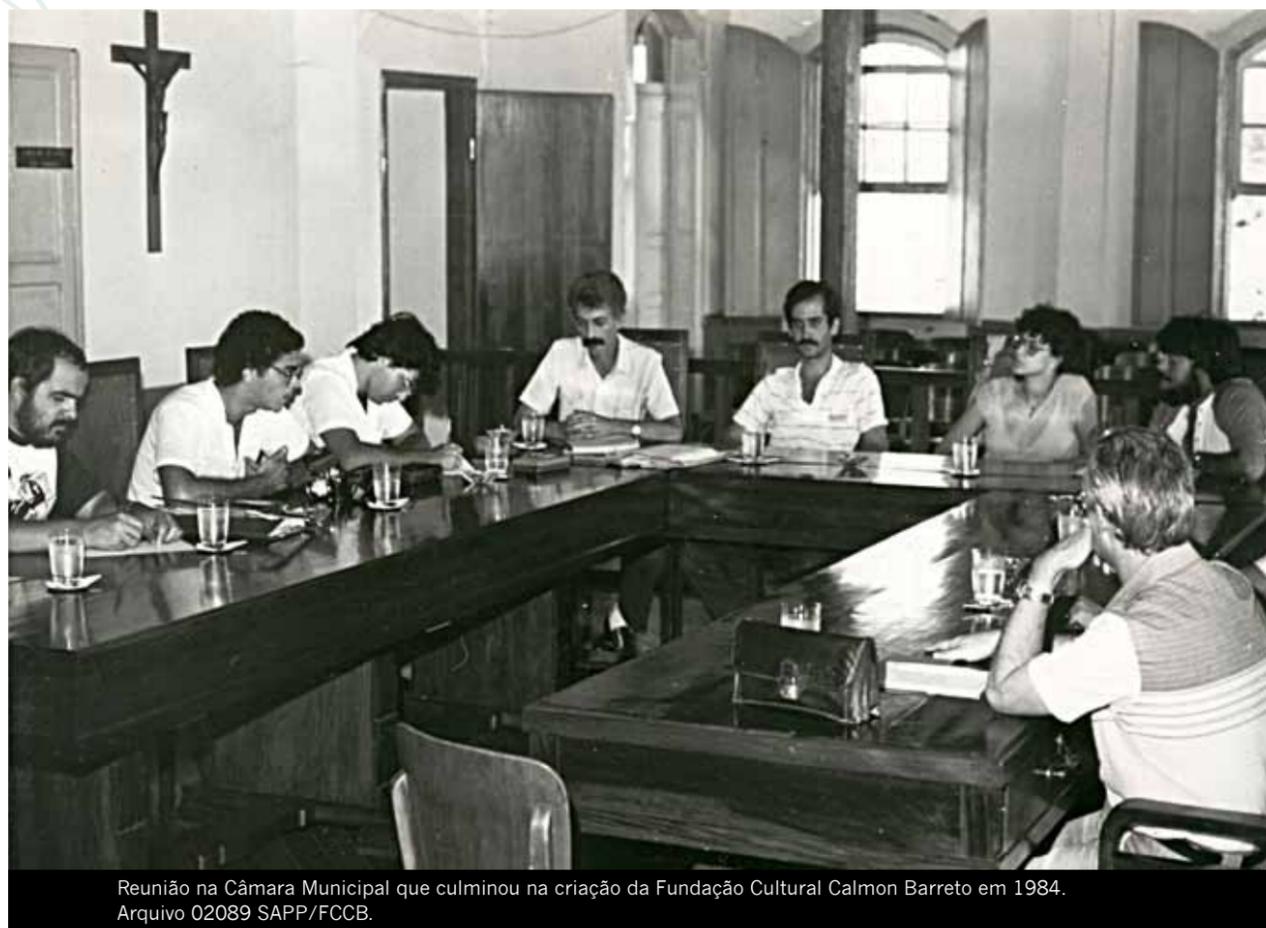
tendia obter aprendizados a partir da extensa experiência pessoal no mundo das artes. O grupo à frente do movimento contou com o apoio do poder público municipal, através do então prefeito Kleber Pereira Valeriano, e do estadual, por meio do secretário de Cultura de Minas Gerais, José Aparecido de Oliveira.

Inicialmente lidou-se com a perspectiva da criação de um conservatório musical. Este cedeu espaço a uma Fundação diante da possibilidade dessa estrutura ampliar os segmentos formadores da esfera cultural. O projeto da nova instituição ganhou corpo e nome. Contrário à ideia do seu próprio nome como patrono, Calmon foi vencido pela maioria das pessoas envolvidas, responsáveis pela escolha que se fez definitiva e aclamada.

Em junho de 1984, aprovado o seu primeiro estatuto e nomeados seus dirigentes, tendo à frente a presidente Lygia Cardoso Maneira



Sede da Fundação Cultural Calmon Barreto. 1985. Arquivo SAPP/FCCB.



Reunião na Câmara Municipal que culminou na criação da Fundação Cultural Calmon Barreto em 1984. Arquivo 02089 SAPP/FCCB.

(que compôs o grupo idealizador), tiveram início o trabalho institucional e os inúmeros desafios enfrentados. Calmon, o patrono, assistiu a todo o processo e, por diversas vezes, ele e sua irmã, Cordélia, colaboraram para manter abertas as portas da nova Fundação, em princípio instalada de forma provisória no Museu D. Beja.

A sede da entidade seria na antiga Estação Ferroviária renovada em sua função original para este fim. Primeiro, através de um Termo de Comodato e depois, pela posse do prédio, conquistado definitivamente na administração do então prefeito Aracely de Paula. Os tempos iniciais exigiram muito idealismo e determinação por parte de todos que ali estavam, dentre os quais, artesãos, artistas, técnicos e administradores que estiveram à sua frente.

A Fundação Cultural Calmon Barreto dedicou-se, então, ao artesanato, ao patrimônio histórico-cultural, às artes plásticas e à formação do Coral Villa-Lobos. Essas áreas geraram tantas outras quanto permitem a diversidade da cultura e as circunstâncias que lhe foram favoráveis nestes 25 anos de existência.

Durante esse tempo se expandiu, incorpo-



Da esquerda para a direita, José Aparecido de Oliveira, Edgard Maneira, Paulo Márcio Ferreira e Calmon Barreto durante a solenidade de assinatura do Termo de Comodato no Clube Araxá. 08/02/1985. Arquivo SAPP/FCCB.



Inauguração do Museu Sacro da Igreja de São Sebastião. Em 1º. plano, da esquerda para a direita: Cordélia e Calmon Barreto, Carlos Corrêa - Juiz de Direito, Fernando Braga de Araújo - Presidente da FCCB e prefeito Waldir Benevides de Ávila. 19/12/1991. Arquivo 00799 SAPP/FCCB.

rando o Museu D. Beja, criando outros museus (Sacro, Calmon Barreto, da Imagem e do Som e o Memorial de Araxá) e a Escola de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, aprimorando o artesanato e a formação de um riquíssimo arquivo histórico. Seja liderando políticas públicas culturais, seja realizando publicações específicas de cunho cultural, seja atuando nas diversas formas de ensino e aprendizagem ou promovendo e divulgando eventos artísticos-culturais-turísticos e tantas outras formas de construir conhecimento e de partilhá-lo, a Fundação é, hoje, uma instituição sólida.

Centrada na infinidade de referências culturais da cidade e da região, a Fundação ganhou a condição de órgão da administração indireta em nível municipal, porém acrescida de um histórico que insiste em ultrapassar questões político-administrativas. Isso vem revelar que a cidade ocupa uma posição

privilegiada neste setor, considerando o seu porte e a difícil realidade da Cultura no país. As imensas dificuldades surgidas ao longo desse quarto de século se mostraram, muitas vezes, similares àquelas enfrentadas pelo seu patrono no decorrer da carreira profissional que ele abraçou.



"A chegada do zebu no Brasil" – obra doada à Fundação Cultural Calmon Barreto, na década de 1980, com o objetivo de sanar dificuldades financeiras da instituição. Arquivo SAPP/FCCB.

Ele mesmo colaborou com a instituição de formas bem singulares. Durante fase de grandes desafios financeiros, o mestre fez doação de uma de suas telas para que, comercializada, pudesse se reverter em recursos para cobrir o pagamento de funcionários. A direção da instituição à época criou alternativas para o problema e a obra permanece em seu poder

“A chegada do zebu no Brasil” é o título desse trabalho, de grande dimensão física, dentre tantos da sua gigantesca obra. É fruto do significado histórico da introdução do gado zebuino no país por criadores que buscaram na Índia os reprodutores de raça Zebu. Cordélia Barreto, por sua vez, ministrou aulas de pintura nas dependências da Fundação, sem vencimentos, com o mesmo objetivo de assegurar recursos à instituição.

Em outra ocasião, Calmon colaborou com a realização do I Salão de Artes Plásticas promovido pela FCCB em 1988. Com o domínio de quem vivera muitos “Salões” como artista, professor e diretor da Escola Nacional de Belas Artes, ele redigiu de próprio punho o regulamento dessa histórica promoção.

A Fundação Cultural Calmon Barreto cumpre a missão a que se destinou: trabalhar com cultura, produzir cultura, formar consciências, construir conhecimento, qualificar profissionais, gerar emprego e renda, promover cidadãos (ãs) socialmente e fomentar o turismo. Ainda há muito que se fazer nesta área. As demandas são visíveis, mas daqueles dois pequenos espaços físicos emprestados do Museu, nasceu uma instituição importante, que se solidificou lenta e continuamente.

1º Salão de Artes Plásticas da F.C.C.B.  
Regulamentação:

|| O 1º Salão de Artes Plásticas da Araxá tem por finalidade ~~tem por finalidade~~ incentivar a cultura artística reunindo anualmente obras dos artistas natos ou aqui radicados nas seguintes modalidades:

DESENHO, PINTURA, ESCULTURA, GRAVURA, CERÂMICA E ARTEZANATO.

PARTICIPAÇÃO: Poderão participar quaisquer artistas maiores de 18 anos aqui radicados, mas desvinculando tendências Clássicas ou Modernas, desde que sejam obras de seus autores e não cópias de outros autores.

As candidaturas deverão se inscrever com o máximo de três obras dentro de cada categoria e em perfeitas condições de serem expostas.

PREMIAÇÕES: ~~serão~~ suas reguladas posteriormente.

COMISSÃO JULGADORA: Será formada por três profissionais escolhidos pela F.C.C.B.

TRANSPORTE E DEVOÇÃO: Os artistas inscritos deverão se responsabilizar pelo transporte de ida e volta, também como o eventual seguro de suas obras, indicando na ficha de inscrição a transportadora de sua preferência.

As obras não selecionadas deverão ser retiradas da Fundação dentro do prazo estipulado de prazo a Fundação se reserva o direito de dar as obras o destino que julgar conveniente.

Disposições Gerais:

A F.C.C.B. não se responsabilizará por eventuais danos causados as obras recebidas, embora se comprometa a dispensar-lhes todo o cuidado necessário.

- Serão conferidos certificados de participação e preservação no 1º Salão de Belas Artes da F.C.C.B.

- A assinatura da ficha de inscrição impõe ao autor dos termos do presente regulamento.

LOCAL, DATA DE INSCRIÇÃO ETC. ETC.

Manuscrito do regulamento do I Salão de Artes Plásticas de Araxá elaborado por Calmon Barreto. 1988. Arquivo SAPP/FCCB.

## O PRIMEIRO ANO SEM CALMON (1995)

### RETROSPECTIVA HISTÓRICA E ARTÍSTICA: UMA PRÉVIA DO MUSEU

Passado pouco mais de um ano da morte do seu patrono, a Fundação Cultural Calmon Barreto uniu-se aos irmãos Cordélia e Fernando para viabilizar uma mostra da obra artística produzida e preservada por Calmon, durante mais de meio século. A recusa do mestre em comercializar seus trabalhos tornou-se conhecida por muitos, bem como sua posição por não realizar exposições artísticas.

Uma parceria bem sucedida entre os irmãos Barreto, o poder público e a iniciativa privada (CBMM, Arafertil e Rio Sul Serviços Aéreos Regionais S.A) gerou a “Exposição Retrospectiva Póstuma de Calmon Barreto”, inaugurada no dia 17 de outubro de 1995, num espaço físico alocado especialmente para esse fim, cujas características de centralidade e de acessibilidade visavam a aproximar Calmon dos seus conterrâneos.

Naquele dia da abertura inaugural, Cordélia aniversariava. Para quem se dedicou integralmente à família e à arte, aquela oportunidade inédita de fazer conhecida a imensa obra do irmão-artista que legou à cidade natal um acervo de valor incomensurável, configurava-se como um momento único da família: o de colaborar para torná-la pública.

Pinturas em telas e painéis, esculturas, gravuras, desenhos, ilustrações e aquarelas puderam ser contempladas ao longo de mais de sessenta dias, por visitantes e mais visitantes, muitos deles, transeuntes que passavam diariamente pela Av. Ver. João Senna e viam-se atraídos por aquele museu. O impacto da novidade — e da riqueza artística — pôde ser sentido até o final daquele ano, em 26 de dezembro, quando se

encerrou a homenagem póstuma ao mestre e, mais do que isso, a possibilidade de com ela presentear a população.

A exposição, liderada pela então presidente da FCCB, Lygia Cardoso Maneira, teve como curador o artista plástico e escritor José Otávio Lemos. O acervo já pertencente à Cordélia passou, então, por cuidadosos trabalhos de restauração e conservação feitos por Fernando Barreto. Da mostra fez parte uma série de peças de divulgação produzidas pela curadoria, imprimindo profissionalismo e beleza estética ao evento, compatíveis com a obra e o seu autor. Essa iniciativa seria o primeiro passo para a criação do Museu Calmon Barreto.



Capa do catálogo da mostra “Retrospectiva Póstuma de Calmon Barreto”, lançado em 17/10/1995. Arquivo SAPP/FCCB.

## NASCE O MUSEU CALMON BARRETO

O Museu Calmon Barreto foi criado em 17 de junho de 1996 (através da lei municipal nº 3.129) com a finalidade de preservar, divulgar e expor as obras daquele que é considerado, tradicionalmente, “o maior artista araxaense de todos os tempos”.

O seu acervo é composto de cerca de 180 obras de pintura, escultura, numismática, desenho e literatura.

Inicialmente, este imenso acervo museológico foi cedido em regime de comodato à Fundação por sua herdeira, Cordélia

Barreto. Inaugurado em 19 de dezembro de 1996 pelo poder público, prefeito Jeová Moreira da Costa, Lygia Cardoso Maneira (presidente da Fundação que o administra), Armando Marchiori (diretor do Museu), a instituição reúne, dentre suas excepcionalidades, o fato de contar com numerosa obra de um único artista.

Desde então, todo esse patrimônio artístico vem sendo conservado com a responsabilidade que por si só ele exige. Vem também sendo disponibilizado à visitação e à prática de ações que pretendem torná-lo cada vez mais dinâmico, cumprindo os papéis de conscientização, de promoção e de transformação social.

Fachada do Museu Calmon Barreto.  
2009. Arquivo SAPP/FCCB.



Inauguração do Museu Calmon Barreto. Da esquerda para a direita: João Bosco Sena Oliveira e Valéria Santos, Lygia Cardoso Maneira, presidente da FCCB, Fernando Barreto (ao microfone), Dra. Elba Barbosa Moreira, prefeito Dr. Jeová Moreira da Costa, Stela Barreto, Cordélia Barreto, Irmã Edmeia Barreto e Clory Cardoso Valle. 19/12/1996. Arquivo SAPP/FCCB.

Dentre muitos projetos que lhe têm dado dinamicidade estão mostras específicas, tematizadas, extraídas da produção de Calmon. No dia 20 de novembro de 1997 — dia do aniversário do artista, quando ele completaria 88 anos — foi aberta a “Exposição do Calendário Vargas 1940”. São 52 desenhos produzidos para um calendário do ano de 1940, patrocinado pela empresa Turismo Ltda., do Rio de Janeiro. As ilustrações, de forte apelo nacionalista aliado à presença do militarismo, foram seguidas de uma descrição factual das ações governamentais nos anos anteriores.

### GETÚLIO E CALMON

O nacionalismo foi uma característica marcante do governo Getúlio Vargas, a partir de 1930. Do Estado Novo, implantado em 1937, até sua deposição pelo Exército no final de 1945, houve transformação na vida cultural do país, visando a despertar um maior interesse pela nação.

Getúlio voltou à presidência da república em 1951, após ser eleito pelo voto popular pelo

Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Nessa fase o seu governo tentou organizar a economia, adotando uma orientação nacionalista. Em agosto de 1954, sua carta-testamento apontou novamente a questão. Nela, foram denunciados os grupos internacionais e os nacionais que tentavam obstruir as iniciativas de estatização da economia e sua política trabalhista.

Em todo o período Vargas houve grande interesse diante da realidade brasileira e notou-se, sobretudo, a sua expressão através das artes. Getúlio, em seu “Diário” (publicado em 1955 pela historiadora e neta Celina Vargas do Amaral Peixoto), após anotar a sua rotina durante o carnaval de 1933, definiu a Quarta Feira de Cinzas como o “repouso após a loucura do carnaval”, demonstração evidente que a festa já envolvia as massas assim como o futebol, ambos amplamente estimulados pelo governo.

### Araxá

Nessas circunstâncias históricas, políticas e culturais foram iniciadas as obras de construção do Complexo Hidromineral do Barreiro por iniciativa do governo de Minas Gerais.



Interior do Museu Calmon Barreto no dia da inauguração. 1996. Arquivo SAPP/FCCB.

Enquanto Araxá aguardava a visita do Presidente para abril de 1940, o artista plástico araxaense, professor Calmon Barreto, vivia no Rio de Janeiro, usufruía do reconhecimento da crítica especializada e dos muitos prêmios recebidos. Dentre eles a medalha de prata na seção escultura com a “Porta da Cripta” (1938) e medalhas de ouro na seção Gravura com baixo-relevo “Batalha dos Guararapes” e na seção Desenho com “Orquídeas”, no Salão Nacional de Belas Artes de (1939). Na mesma década desenhou aproximadamente mil e quinhentas ilustrações para os principais jornais e revistas do Rio de Janeiro como “Revista da Semana”, “O Malho”, “O Cruzeiro”, “Fon-Fon”, “O Jornal”, “Cena Muda” e a “Vida Doméstica”.

Possivelmente, a repercussão desses desenhos, respaldada pelo curriculum vitae de seu autor, levou o Governo Getúlio Vargas a encomendar-lhe trabalhos que ilustrassem artisticamente a ideologia do estado getulista.

É conhecido que Calmon possuía larga experiência como desenhista e gravador da Casa da Moeda onde alcançou a nomeação de gravador mestre. Produziu inúmeras moedas, no tempo do mil réis, com a efigie de personali-

dades nacionais. Dentre elas a do Presidente Getúlio Vargas. No museu Calmon Barreto estão expostos alguns exemplares dessas moedas e um álbum inteiramente composto de desenhos originais na técnica do nanquim, todos executados pelo artista.

#### Vida e Obra

Este último, intitulado “Álbum do Menino do Brasil Novo”, traz ilustrações alusivas à vida e à obra de Getúlio Vargas. Inúmeros fatos são mostrados desde o seu nascimento no dia 19/04/1883 até 1940, época em que se comemoravam os dez anos de sua ascensão ao poder, após a Revolução de 1930. Realizado nos primeiros anos da década de quarenta, por encomenda do D.I.P. – Departamento de Imprensa e Propaganda-, jamais foi publicado. De sua autoria são, também, 52 desenhos produzidos para um calendário do ano de 1940, patrocinado pela empresa Turismo Ltda., do Rio de Janeiro. As ilustrações, de forte apelo nacionalista aliado à presença do militarismo, foram seguidos de uma descrição factual das ações governamentais nos anos anteriores. No calendário, nos primeiros dias daquele ano, o Presidente assinou um texto de saudação aos

brasileiros transmitindo-lhes os habituais votos de felicidade.

A análise dessas produções reafirma o seu estreito elo com o perfil do governo Vargas, mesmo que isso não se verifique em relação ao pensamento do artista que o araxaense conhece. É interessante observar que o ano imediatamente anterior ao do calendário foi repleto de comemorações no sentido político-militar.

Em 10 de novembro de 1939 comemorou-se o segundo aniversário do Estado Novo. O cinquentenário da República foi devidamente rememorado no dia 15, assim como o da Bandeira, quatro dias depois, a 19 de novembro, em meio a desfile de tropas, de colegiais e de operários. Conforme relatou em seu “Diário” a presença do Presidente foi constante em todo o programa “das festas novembrinas”.

#### Missão Oficial

Curiosamente, se 1940 foi o ano “ilustrado” por Calmon, foi também aquele em que Getúlio Vargas veio em missão oficial à terra natal do artista. Aqui permaneceu por 15 dias, aproximadamente, em abril daquele ano. Durante esses dias estudou e despachou o expediente vindo do Rio, usufruiu das águas por meio de banhos, massagens e duchas, visitou cidades vizinhas, recebeu visitas vindas de outros locais do Estado e do Rio de Janeiro.

O dia 19 de abril, aniversário do Presidente, foi comemorado com uma visita à Cachoeira de Pai Joaquim, no rio Araguari, em companhia do então Governador Benedito Valadares, do Secretário de Agricultura, Israel Pinheiro e de um ajudante de ordens. Nesse mesmo ano “sob a coordenação do DIP, o aniversário de Getúlio Vargas foi considerado data nacional e solenizado com desfiles, manifestações públicas e programas de rádio”.

Ao final da estada na terra de Calmon, Getúlio partiu rumo a São Paulo, no dia 26 de abril de 1940.

#### Glaura Teixeira Nogueira Lima

RF. 22

Para a Fundação Cultural Calmon Barreto, a preservação do legado artístico do seu patrono sempre se constituiu em prioridade absoluta. Após a criação do Museu, prefeitos e presidentes que estiveram à frente da entidade, ao lado de técnicos e familiares de Calmon empenharam-se na conquista definitiva do acervo para a cidade.

Em 28 de março de 2008 a Fundação enviou ao Ministério da Cultura – via Mecenate – o projeto História na Arte, visando à aquisição de 90 obras, ou seja, metade das que compõem o acervo do Museu. O projeto foi aprovado e aguarda as tramitações legais para a sua execução. Araxá deverá comemorar, em breve, o direito de ampliar seu patrimônio histórico-artístico e cultural. Doravante, parte significativa do Museu será de propriedade pública.



“Adeus ao Peão”, última produção de Calmon Barreto na modalidade Escultura. Esta modalidade exigia-lhe um grande esforço físico. Década de 1980. Acervo Família Barreto.

# FONTE PARA A UNIVERSIDADE

## INSPIRANDO ESTUDOS ACADÊMICOS

A diversidade cultural e a riqueza artística da obra de Calmon Barreto atraem outros tantos artistas. Atraem, ainda, jornalistas, poetas, estudantes, turistas e, também, pesquisadores do mundo acadêmico-científico, oriundos de áreas afins, principalmente Artes, História, Letras e Pedagogia. Reafirma, pois, a indiscutível importância da interdisciplinaridade na construção do conhecimento.

Há muito que Calmon vem despertando o interesse da Educação, em especial, e da Universidade, em particular. Muitos estudos têm sido produzidos tendo o artista e sua obra como objetos, fontes de pesquisa ou inspiração para novas abordagens e aprendizagens.

Em 1998, quatro anos após o falecimento de Calmon, duas historiadoras, Glaura Teixeira Nogueira Lima e Maria Therezinha Nunes, ministraram um curso durante o XI Encontro de História, na Universidade Federal de Uberlândia. O curso se intitulou "O uso da imagem como fonte: Calmon Barreto e a epopeia da colonização de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX." Por quatro dias, a história de Araxá esteve mais próxima de um público formado por pesquisadores e professores de História nos níveis de ensino básico, médio, superior e de pós-graduação.

O curso mostrou a possibilidade do uso de "imagens" como fonte e recurso metodológico para a interpretação da História. O uso tradicional da imagem ocorre somente para ilustrar o texto. Naquele momento já imperava essa tendência na perspectiva da aprendizagem e o curso trabalhou o desenho e a pintura de Calmon, a partir de al-

gumas obras selecionadas entre tantas por ele produzidas.

A proposta desse curso fundamentou-se nas seguintes questões, conforme analisou a historiadora Glaura:

*Houve um tempo em que os livros de História mostravam apenas reis, rainhas, presidentes e generais. A maioria da população, indefinida e despersonalizada, atuava como coadjuvante. Nesse tempo, a noção de documento se restringia à oficialidade. O documento se revelava como prova material historicamente verificável tais como atas, tratados, leis, decretos.*

*A imagem, quando havia, aparecia como ilustração apenas. Mostrava-se descontextualizada, desprovida de referências. Quando, por quem e em que condições foi produzida? É nesse sentido que a historiografia contemporânea lança mão de inúmeras fontes de pesquisa. Dispõe de novos suportes, novas linguagens para a construção da História.*

*Percorreu-se um longo caminho para se chegar até aqui. Foi um imenso percurso na teoria e nos métodos de estudo da História por historiadores e pesquisadores das Ciências Humanas. Dentre várias transformações na concepção de História houve a ampliação da noção de documento e, portanto, da noção de fonte histórica.*

*Nossas fontes para a interpretação da História podem ser as textuais (as escritas, inclusive aquelas tradicionais), as orais (expressas verbalmente), as visuais (imagens como fotografia, artes plásticas, cinema e outras). Elas podem ser materiais (um objeto, por exemplo) ou imateriais, aquelas que nos chegam através dos*



Recorte do jornal "Correio de Araxá" datado de 08/08/1998, divulgando curso ministrado pelas historiadoras Glaura Teixeira Nogueira Lima e Maria Therezinha Nunes. Arquivo SAPP/FCCB.

sentidos (os sons, os cheiros, os paladares e os modos de fazer).

*O uso da imagem como fonte revela-se como uma linguagem visual. Muitos profissionais da pintura inspiram-se na história tanto passada quanto presente. A pintura de Calmon Barreto é um exemplo de linguagem visual que nos serve como fonte para o estudo da colonização do oeste de Minas Gerais.*

*O artista e professor araxaense produziu uma vasta obra inspirada em temas históricos, regionais e nacionais, especialmente sobre a história do amplo território do antigo Triângulo Mineiro. Sua produção pictórica abrange aspectos da colonização dessa extensa região nos séculos XVII e XVIII, alcança o século XIX com a formação das vilas e cidades até chegar ao século XX com suas concepções de desenvolvimento econômico.*

*Numa visão linear de História e de prática narrativa e analítica sobre as ideias de desbravamento do sertão, de regionalismo, de fé, de costumes, de progresso e civilização, suas*

*telas retratam colonizadores e colonizados — bandeirantes, índios, quilombolas; homens, mulheres e crianças — em meio às especificidades dos espaços rurais e urbanos que integram o amplo território das Gerais e seu contraponto com o das Minas.*

*Nessa reconstrução da memória histórica do Triângulo Mineiro, através da arte da pintura, Calmon Barreto chega ao século XX, representando as formas de assegurar o crescimento por meio da pecuária e do comércio, assim como fizera com a criação de gado e a troca de mercadorias praticadas nos séculos anteriores.*

Gisele Lourenzo Faleiros da Rocha, mestre em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem trabalhando, sistematicamente, o tema "Calmon Barreto". A seguir, mais um texto de sua autoria. Este texto, apresentado com o rigor científico exigido no meio acadêmico, foi produzido especialmente para esta edição de O Trem da História.

## CALMON BARRETO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

**Dra. Helenise Monteiro Guimarães<sup>1</sup>**  
**Ms. Gisele L. F. da Rocha<sup>2</sup>**

### A chegada do menino na capital carioca

Esta é a história de um menino que, em março de 1922, com apenas 12 anos, ingressou na Casa da Moeda como aprendiz. Os conhecimentos que Calmon Barreto conquistou nesta instituição fizeram com que a considerasse como um lar, onde recebeu tanto a base de suas práticas artísticas, quanto pessoais, como menciona: “para bem dizer, a formação de meu caráter”. Continuando no Rio de Janeiro outro grande passo em sua vida ocorreu em 18 de março de 1924 quando foi aprovado para no curso de Modelo-Vivo, na seção de gravura na Escola Nacional de Belas Artes.

O grande mestre que o ensinara foi o professor Augusto Fiorgio Girardet e, por causa dele, Calmon Barreto relata que teria escolhido cursar gravura e não pintura como pretendia inicialmente. Em suas declarações guardava boas lembranças do convívio com Girardet: “Entre para as aulas do mestre e dele aprendi tudo o que sei, e se mais não aprendera porque talento me faltara... Nele tive um segundo pai, não só aqui no Brasil como na Itália quando estivemos lá, pois encontrei tudo preparado por ele como se preparasse o futuro para um filho”. Tanto nesta como em diversas passagens de sua autobiografia evidenciamos uma relação de amizade entre Calmon Barreto e Girardet. No ano de 1929 quando conquistou o prêmio de viagem para a Europa o apoio que recebeu de seu mestre Girardet teve um significado afetivo para Calmon Barreto: “Em março de 1930, embarquei para a Itália. O prof. Girardet tal como um bom pai, lá se encontrava para guiar-me... Logo me fizera visitar museus e ateliês de artistas”.

Retornando desta viagem foi nomeado grava-

*dor mestre da Casa da Moeda e nos anos seguintes sua produção artística se ampliou em diversas linguagens: gravura, escultura, desenho, pintura, ilustração, entre outros. Ao discursar sobre Calmon Barreto, Jordão de Oliveira acentua a existência de uma dimensão criativa dinâmica em sua produção artística:*

*Na Casa da Moeda, onde estivera como aprendiz e, em seguida, como um dos seus melhores técnicos, executou considerável série de trabalhos, em moedas que ainda circulam por esse Brasil afora. Mas resolve abandoná-la, um dia para dedicar-se à ilustração, gênero em que se impôs por muito tempo. Ilustra para casas editoras, faz escultura, baixos-relevos, como aqueles de grandes proporções que realizou para o Banco de Crédito Real de Belo Horizonte. Pinta, lê, escreve, desdobra-se.*

*Desta atuação como ilustrador deriva-se a maior parte das obras de sua autoria deixadas para o patrimônio artístico brasileiro. Centenas de ilustrações estão em diversas revistas cariocas e em livros da literatura brasileira que constituem importantes imagens para a compreensão de imaginários, elementos históricos, culturais e estéticos.*

*No campo artístico na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1920, jornais e revistas necessitavam das mais variadas colaborações prestadas pelos artistas plásticos e gráficos. Segundo Miceli “desenhos, caricaturas, ilustrações, capas, capitulares, vinhetas, cercaduras, perfis e retratos em diferentes técnicas e suportes eram utilizados por quase todos os veículos de impacto cultural ou até mesmo políticos”.*

*Este campo favorável ofereceu oportunidades para Calmon Barreto que revelou suas habilidades artísticas. Uma outra peculiaridade do gênero ilustrativo, presente em suas obras,*



“Double Nelson”. Estatueta em gesso patinado. 53 cm (altura). 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

*refere-se à produção de uma arte sequencial com representações ilustrativas associadas ao texto, narrativas, contos literários e fatos históricos produzidos por revistas, jornais e livros da época. Esta característica se intensifica em suas obras, quando retorna para Araxá tanto em produções pictóricas como escultóricas com sequências temáticas e históricas referentes ao passado de sua terra natal.*

*A partir da década de 40, conjuntamente com atividades ilustrativas, Calmon Barreto se dedicou a carreira de docente na Escola Nacional de Belas Artes o que muito nos interessa descrever aqui.*

### Os traços de Calmon Barreto na Escola nacional de Belas Artes

*A série de conhecimentos adquiridos pelo artista amplia-lhe os meios de objetivar a sua produção, não no sentido prosaico da imitação fiel da natureza, objetivo inatingível, mas sim, no sentido da interpretação.*

*O contato com a Escola Nacional de Belas Artes e seus métodos de ensino foram constantes na vida de Calmon Barreto, desde sua chegada na capital carioca, na qual não só obtivera conhecimentos enquanto aluno como também deixara suas contribuições como professor e diretor.*

*Entre os anos de 1942-1947 dedicou-se à atividade docente como Assistente de Modelo-Vivo, cadeira que no momento pertencia ao prof. Rodolfo Chambelland. Por suas palavras entendemos que tanto os anos dedicados à ilustração quanto as atividades de Professor Assistente de Modelo-Vivo ofereceram-lhe “experiências”, ampliando sua prática dedicada à atividade docente que desenvolvera até seu retorno para Araxá.*

*Um acervo de desenhos pertencentes ao Museu D. João I da Escola de Belas Artes da UFRJ preserva os trabalhos realizados por Calmon Barreto para as provas nas cadeiras de Desenho de Modelo-Vivo e Anatomia e Fisiologia Artísticas, bem como arquivos que revelam imagens dos diferentes momentos vividos por Calmon Barreto nesta renomada instituição de arte.*

<sup>1</sup> Dra. em Artes Visuais, pesquisadora na área de cultura popular, professora da linha de Imagem e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Escola de Belas Artes/UFRJ.

<sup>2</sup> Mestre em Artes Visuais pela UFRJ. Desenvolve pesquisas na área de Imagem e Cultura e desde o ano de 2002 estuda as obras de Calmon Barreto e a cultura de Araxá.

Na visualidade de seus desenhos produzidos para a prova do Concurso de Modelo-Vivo, em 1950, resgatamos a tradição da formação acadêmica exigida para docência. Também por meio de suas palestras, teses para as provas de concursos e explicações publicadas nos arquivos da Escola Nacional de Belas Artes, compreendemos o sentido dado ao ensino que era oferecido aos alunos, como diz sobre a disciplina de Modelo-Vivo:

Sendo esta disciplina de ensino eminentemente prático não podendo ser ensinada teoricamente, convém que o professor, além de artista, conheça a profissão do desenhista [...] Na aula de Modelo-Vivo o mestre deve corrigir desenhando para o aluno. Não digo que faça todo o desenho, mas que resolva as partes não conseguidas por este. Vendo o mestre desenhar o discípulo aprende mais rapidamente. Este método foi usado por Zeferino da Costa. Além de estimular, facilita a compreensão do que se refere à técnica ou processos de execução. Mas para isso é necessário que o desenho do professor seja, vamos dizer do gênero realístico, aproximado ao máximo da verdade objetiva, pois, em caso contrário, se for interpretativo, poderá desviar a tendência pessoal do aluno, levando-o à imitação técnica.

Para Calmon Barreto o desenho deveria ser ensinado com maior aproximação do natural, com o propósito de disciplinar o aluno. O mestre é quem deveria direcionar a prática para o aluno e oferecer-lhe meios para o emprego de técnicas e elaboração plástica. Em sua tese para a Cadeira de Modelo-Vivo, em 1950, um conjunto de desenhos acompanha suas explicações indicando o minucioso emprego de suas técnicas.

Diferenciando-se do desenho figurativo, como reflete em suas análises, o Desenho de Modelo-Vivo requer um entendimento sobre os valores que deveriam ser iniciados após marcar a figura sobre o papel e inserindo “todos os seus detalhes e com claros e escuros bem definidos, depois as meias tintas correspondentes aos tons da pele”. Assim, meias tintas deveriam ser aplicadas de acordo com as tonalidades do modelo e obedecendo à perspectiva e por isso escurecendo-se à medida que se distanciava da fonte de luz.

Com relação ao emprego de valores no estudo de Modelo-Vivo esclarece que as partes iluminadas da figura humana escurecem à medida que se distanciam da luz, por isso no emprego dos valores utilizam-se tons mais escuros na sombra e mais claros na luz. Sobre este aspecto rememora: “o prof. Amoedo aconselhava o uso de um vidro escuro para através dele se ver o modelo. Anulando as cores, o citado vidro sintetiza o claro e o escuro”.

Aprimorando estes ensinamentos em sua tese intitulada: O desenho e sua atualização identificamos diferentes interpretações artísticas onde realiza comentários sob ponto de vista técnico e histórico do ensino do desenho.

Dentro desta perspectiva uma indicação fundamental, em seus conceitos, é que o aluno tenha um “conhecimento pormenorizado das formas da natureza, porque, somente desse conhecimento realístico poderia partir a interpretação e a estilização”. O conhecimento técnico e disciplinado permitiria ao aluno objetivar suas criações, como explicita:

O que não pode ser contestado é que com o conhecimento da figura humana nos seus elementos estruturais e funcionais, o artista plástico poderá usufruir de liberdade de expressões e de estilos, permitindo-se na emancipação da realidade objetiva aparente e poder tratar a forma com a máxima independência, dominando o modelo, ao invés de copiá-lo.

Salientamos que esta “liberdade de expressões e de estilos” é apontada como se referindo às diferentes interpretações da figura humana no decorrer da história da arte, ou seja, “nas suas respectivas épocas e no gosto vigente do meio artístico” não esquecendo ainda da presença do toque de personalidade de cada artista.

Para Calmon Barreto “estilizar é interpretar” de forma aperfeiçoada e, por meio destas palavras, toda a finalidade de sua palestra, na aula inaugural de 1959, vem sedimentar ao que tudo indica serem as “Bases Realísticas para a Interpretação da Figura Humana nas Artes Plásticas”.

Transitando por suas diferentes atuações como docente da Escola Nacional de Belas Artes, enfocamos também sobre o ensino de Anatomia e Fisiologia Artísticas. No ano de 1951 realizou a tese: Contribuição para breve estudo das bases históricas da anatomia artística, para provimento da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Artísticas, deixando diversas colaborações para a prática desta disciplina na instituição.

Imagens de seus desenhos para a prova prática deste concurso, preservadas no acervo do Museu D. João VI, indicam denominações e representações que aperfeiçoariam a representação do corpo humano e conhecimentos de fundamentação anatômica e fisiológica.

Calmon Barreto, em sua palestra realizada em 1959, designa forma humana ou animal como os temas de maior importância nas artes plásticas e por isso valoriza um conhecimento “real e pormenorizado dos seres e coisas da natureza” de onde se originam as interpretações.

Dentro desta visão ele acentua que é através do conhecimento anatômico e fisiológico que o artista compreenderá melhor a forma humana estática e dinâmica, dando mais segurança para a objetivação plástica prescindida do modelo, uma vez que este nem sempre sugere a forma, a expressão desejada pelo artista.

Nas análises de Calmon Barreto: “a simples observação das formas exteriores é insuficiente para os anseios de perfeição do artista”. Nesta direção representar a figura humana sem conhecer o esqueleto ou músculos seria como deixar o artista restrito às “poses”, sendo estas geralmente sugeridas pelo modelo.

Através do conhecimento da constituição óssea, articulações, inserções musculares e diferentes movimentos o artista poderia desprender-se da cópia direta do modelo. Entretanto, empregar a Anatomia não se trata de estabelecer limitações enfatizadas na objetivação miológica ou osteológica, como comenta sobre grandes mestres da arte, quando realizou uma palestra sobre anatomia:

Os grandes gênios das Artes Plásticas, muitos

especialmente Miguel Ângelo, não se limitaram à rigidez e realismo formal, pelo contrário, Buonarrotti, Rodin e muitos outros alteraram as formas musculares, às vezes formando contrações nos músculos que na realidade anatômica deveriam estar em extensão – licenças e derrogações às quais têm direitos os verdadeiros artistas. Portinari o mais célebre dos nossos tempos, em sua fase anatômica, interpelado por alguém que tinha noções dessa ciência, respondeu muito inteligentemente e com espírito: “que músculos ele os criava e os colocava onde muito bem entendia.

Na análise das obras destes artistas identificamos em sua tese estudos anatômicos feitos a partir de detalhes das obras La Pietá, David, Il Giorno e Schiavo, de Miguel Ângelo e descrições sobre os recursos técnicos que o artista aplicava em suas esculturas: “os primeiros desenhos feitos para Davi bem o provam segurança no traço, magnífica definição das massas musculares, as articulações dos braços que se salientam bem visíveis nas partes subcutâneas [...]”, sobre La Pietá, reproduz um detalhe do braço e descreve “no braço do redentor, embora tratado com reverente suavidade, distinguem-se embaixo da pele, as contrações das porções do tríceps branquial [...] Além das minúcias, preocupou-se o mestre em reproduzir com máxima realidade, as veias superficiais”.

Em seus diversos desenhos, recriados a partir das obras de Miguel Ângelo, Calmon Barreto desenvolve interpretações anatômicas amplamente analisadas. Seu estudo é finalizado com breves conclusões sobre as validades da anatomia para a arte: na capacidade de auxiliar a memória visual e interpretativa da forma, para possibilitar uma correta representação das massas humanas em estado dinâmico e com expressões fisionômicas, na aplicação da nomeação correta, entre outros.

Sobre o método didático da disciplina para Anatomia Artística propõe o desenvolvimento de três eixos: lições teórico-práticas com demonstrações de ossos, moldagens, esqueletos, modelos vivos, pranchas anatômicas, esquemas cânones de proporções; estudo das alterações da forma decorrente dos mo-

vimentos, variações do modelado, expressões e exercícios gráficos executados pelos professores e alunos.

Enfim, muito de seus ensinamentos e práticas formaram artistas na Escola Nacional de Belas Artes e suas obras e dizeres traduzem sua própria metodologia, bem como características didáticas empregadas em seus métodos de ensino. Não bastando sua atuação como docente, seguiremos nossa narrativa biográfica revelando uma nova função em suas atividades profissionais: o cargo de diretor de uma das maiores instituições brasileiras de arte dos anos 60.

#### Um capítulo na história da Escola Nacional de Belas Artes

Meu lema será servir a nobre causa do ensino nesta querida Escola, coordenando as atividades, os esforços de todos nesse sentido comum. Não pouparei energias para continuar merecendo de todos a confiança que em mim depositaram: nossos objetivos são idênticos, de modo que uma colaboração recíproca e amigável se impõe como meio mais adequado de trabalho.

No decorrer deste estudo contamos com um acervo de imagens que complementam nossas narrativas e passagens da história de vida de Calmon Barreto. No uso destas imagens, sequências instantâneas e fragmentos representam momentos da posse de Calmon Barreto para a direção da Escola Nacional de Belas Artes.

O ordenamento visual que estabelecemos, da esquerda para a direita, acompanha os discursos publicados nos arquivos da ENBA, onde mais um capítulo da história de uma das maiores instituições de arte do Brasil é preservado.

No ano de 1961, a ENBA era dirigida pelo professor Gerson Pompeu Pinheiro, empossado no ano de 1958, quando recebeu a direção de Alfredo Galvão. A ele coube a indicação do nome de Calmon Barreto para diretor, como declara: “uma lista de quatro nomes que me inspiravam confiança para o exercício desta função... Dentro dos quatro nomes que apontei incluía-se CALMON BARRETO e foi ele o que logrou merecer a preferência da maioria”.

No discurso de posse, feito por Jordão de Oliveira, palavras resgatam a dedicação de Calmon Barreto como docente da ENBA:

Havendo o prof. Alfredo Galvão conquistado a segunda cadeira de pintura, é chamado Calmon Barreto para substituí-lo na Cadeira de Anatomia e Fisiologia Artísticas. Nomeado interinamente, faz concurso, empós, efetiva-se e continua a ser professor à altura. Suas aulas são verdadeiros espetáculos de virtuosidade. É o mesmo desenho, em que a mão, já autônoma transcreve, com a mais absoluta clareza, as lições que ele vai ditando. A Cadeira de Modelo-Vivo, à qual ainda assiste, é, por tudo isto, uma das mais bem servidas na escola.

No final do discurso, Jordão de Oliveira recebe o novo diretor dizendo: “é com especial agrado que, em nome da ilustre Congregação desta casa e em nome de velha e nunca interrompida afeição, que nós lhe damos boas-vindas, augurando-lhe, na administração, êxitos positivos, totais, convincentes como os de sua vida de artista e professor”.

Estariam entre estes “êxitos positivos”, dos quais fala Jordão de Oliveira, o resultado da atuação de Calmon Barreto na diretoria: com a recuperação das três cúpulas e da sala de Rodolfo Amoedo que se encontravam abandonadas há muitos anos, os reparos na sala de Sebastião Vieira Fernandes com novas instalações transformando-se em um ateliê de restauração de quadros e papéis. Além destas modificações, em espaços que já existiam na instituição, duas novas salas de aula foram construídas: uma de pintura e outra de mosaico.

Em 1964, Calmon Barreto finalizou suas atividades como diretor, momento em que o prof. Gerson Pompeu Pinheiro assumiria o seu segundo mandato. No discurso de posse de transferência da direção, Alfredo Galvão pontua em suas explanações elementos biográficos de Calmon Barreto e descreve rapidamente sobre sua gestão na direção:

Calmon Barreto, gravador emérito, ilustrador de renome, anatomista e literato foi um diretor ponderado, num período melancólico da vida brasileira. Continuou com inteligência,

as obras iniciadas na gestão anterior. Soube ladear as grandes dificuldades do momento mantendo a Escola afastada do tumulto generalizado pelo país [...]. Sua benevolência, sua suavidade e sua desconfiança de legítimo mineiro de Araxá levaram-no a agir com prudência, paciência e habilidade, conseguindo exceder de 3 meses o prazo fatal do mandato.

Após 1964, quando deixa a direção, continua lecionando até se aposentar. Sobre esta decisão Alfredo Galvão apresenta sua insatisfação: “só uma queixa teria de formular a seu respeito e esta seria a de ter se aposentado por tempo de serviço, (pelo que vejo, começou a trabalhar nos braços da babá) e nos deixa em pleno vigor intelectual e na flor dos anos.

Traçando um olhar para as apresentações que reconstruímos podemos compreender, em certa medida, como ocorreu a participação de Calmon Barreto na Escola Nacional de Belas Artes e as bases sobre as quais edificou sua produção artística. Esperamos ter respondido ao menos previamente quem foi Calmon Barreto, suas contribuições para a arte brasileira e como se constituiu o seu acervo de obras. Em nossas descrições preservamos um ordenamento cronológico, mesmo sendo inevitável a ocorrência de descontinuidades, nas diferentes temporalidades e acontecimentos no decorrer de sua vida. Entretanto acreditamos que obtivemos muito mais evidências e aproximações do que distanciamentos. Um fato que muito contribuiu foi o uso de imagens, ou seja, o desenvolvimento de narrativas visuais conjuntamente com narrativas textuais derivadas de diferentes fontes e textos que encontramos em arquivos da família Barreto, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na própria Escola de Belas Artes da UFRJ.

Os cruzamentos de informações de diferentes documentos nos levaram a descobertas valiosas de uma história biográfica que relaciona arte, vida e cultura. Nestes acontecimentos biográficos: características plásticas, atuações profissionais e processos de criação são revelados em uma esfera individual, particulares a Calmon Barreto. Por outro lado, uma história da arte com referências artísticas e retratos da cultura brasileira compõe uma

vertente coletiva para a qual Calmon Barreto contribui ativamente. Finalizamos deixando palavras de Calmon Barreto (...)

O sol beija o horizonte com sua mais bela roupagem de cores, despedindo-se do dia e, ele também despede-se do paraíso que o ser humano não soube conservar. O mar, origem da vida animal, o envolve com a carícia das ondas. Não sente dor e nem agonia, apenas integra-se ao todo para a vida cósmica.



“Nu”. Conté e sanguínea sobre papel. 65x26 cm. 2010. Arquivo SAPP/FCCB.

## CATÁLOGO DE MUSEU

Artista plástica e designer gráfica, a araxaense Jordana de Lima Chaves<sup>1</sup> realizou um trabalho de conclusão do curso de pós-graduação, apresentado ao Centro Universitário SENAC, como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Design Gráfico. Concluído em meados de 2007, este trabalho teve como orientadora a Prof<sup>a</sup>. Ms. Isaura Seppi. Jordana define sua proposta acadêmica e o significado desse projeto para ela, enquanto profissional e cidadã araxaense:

*Este projeto foi muito importante para mim, pois me proporcionou o aprendizado necessário para atuar na área editorial, que era o meu principal objetivo quando iniciei o curso. Porém, quando o concluí percebi que eu havia conseguido muito mais do que eu buscava inicialmente. Pude conhecer e descobrir o grande artista que foi Calmon Barreto, conhecer detalhadamente as suas obras e passei a admirá-lo ainda mais. Eu não entrei no curso com a idéia do projeto de conclusão pré-definida, mas quando tive a idéia me senti muito feliz em poder homenagear Calmon, divulgar suas obras, o Museu e Araxá". Abaixo podemos conhecer o resumo e a introdução da monografia apresentada ao SENAC.*

## Resumo

*Este projeto propõe-se a apresentar as etapas de pesquisa e criação de um projeto gráfico de catálogo para o Museu Calmon Barreto de Araxá/MG. Calmon Barreto foi o mais importante artista de Araxá e contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento cultural da cidade. Deixou um acervo com milhares de obras e, aproximadamente, 170 estão expostas no museu que leva o seu nome, fazendo deste o maior museu brasileiro com acervo de um único artista.*

*O objetivo deste projeto é criar um catálogo que proporcione aos visitantes do museu encontrar informações sobre o artista, as obras e a cidade. Servirá também para que os visitantes possam levá-lo como lembrança e fonte de informação.*

<sup>1</sup> Jordana de Lima Chaves, artista, designer, graduada em Programação Visual pela UNESP, pós-graduada em Design Gráfico pelo SENAC/SP. Há 3 anos trabalha com criação de capas, projetos gráficos e diagramação de livros. Prestou serviços para as editoras Saraiva, Siciliano, Landascape, Melhoramentos, Pearson, Cengage, Summus, McGraw Hill, Lúmen, Nobel, Yendis e Girafa. Atualmente é Editora de Arte do Departamento de Livros Didáticos da Editora Moderna em São Paulo.

*Palavras-chave: Catálogo de museu; Arte; Design; Araxá; Calmon Barreto*

## Introdução

*Calmon Barreto foi gravador, pintor, escultor, ilustrador e escritor. Nascido em Araxá/MG, o artista passou a maior parte da sua vida no Rio de Janeiro, mas sempre levava sua cidade natal no coração. Ao aposentar-se no fim da década de 1960, retornou a Araxá, onde passou os últimos anos de sua vida trabalhando em prol do desenvolvimento cultural da cidade.*

*Criou uma série de obras de grande valor para a população araxaense. São quadros, ilustrações e esculturas que contam a história da cidade, retratam a vegetação e os animais típicos da região. Estas, juntamente com outras obras produzidas pelo artista ao longo de sua vida, estão expostas no Museu Calmon Barreto.*

*Este trabalho tem como proposta a criação de um projeto gráfico de catálogo para o Museu Calmon Barreto. O objetivo maior seria divulgar as obras do artista e a própria cidade de Araxá. Neste catálogo as obras seriam impressas em quatro cores, uma por página, para que pudessem ser propriamente contempladas, mas com cuidado para que o custo fosse o menor possível.*

*O trabalho teve início com uma extensa pesquisa, diversas visitas ao Museu, conversas com familiares e amigos do artista, visitas aos locais retratados nas obras e várias fotos tiradas. As informações coletadas foram analisadas e organizadas neste relatório, seguindo um sumário previamente definido. Catálogos e livros de arte foram adquiridos e analisados, com o intuito de conhecer as publicações que estão no mercado. A criação do projeto gráfico só foi concluída após vários estudos, experimentações e mais pesquisas. O processo de criação, desde os primeiros rascunhos até a escolha das cores, fontes, formato e acabamento, é descrito detalhadamente neste relatório.*

## NOVENTA ANOS DE NASCIMENTO

A história celebrativa se faz como forma de aproximar as pessoas dos seus valores mais significativos e de conscientizá-las da sua identidade. Em comemoração aos 90 anos de nascimento de Calmon Barreto, a FCCB e a Prefeitura Municipal de Araxá uniram-se à comunidade, mais uma vez, para divulgar a obra do artista.

A maneira de registrar a data, homenageando Calmon e a população da cidade, se deu através de uma exposição retrospectiva da sua coleção de pinturas em aquarelas. Como nas demais modalidades, toda a produção se conservou. Os trabalhos foram produzidos no Rio de Janeiro entre os anos 1940-1950.

Calmon completaria 90 anos no dia 20 de novembro de 1999. Em homenagem póstu-

ma, neste dia inaugurou-se a mostra "Noventa Anos de Nascimento", nas dependências do Museu Calmon Barreto. O novo museu cumpria a missão de abrigar e revelar a obra do professor, do artista incomum. Mais do que isso, reproduzia a condição de "templo da arte" antes firmada por sua residência e ateliê particulares. Semelhante ao que se passava tanto na antiga quanto na nova casa de Calmon, amigos, familiares e visitantes chegavam para reviver o mestre e sua obra.

Sofia Tannús Malki, professora e escritora, revive Calmon por meio das páginas do Correio de Araxá após visita à mostra comemorativa. Amigo de seu pai, Abrahão Abílio Tannús, dela tornou-se amigo também. Pai e filha ainda compartilharam o ambiente da Academia Araxaense de Letras com o escritor e contista de reconhecido talento.

## VISITA ÀS AQUARELAS DE CALMON

*Licença, meu Mestre! Piso outra vez de macio pra não acordar a quietude. O tempo não conseguiu desvanecer sua imagem e nem os anos apagaram seu nome. Há uma sensação estranha de perenidade. Um profundo sentido do sacralizado. Como num templo. Paire na sala do museu sua presença refeita na arte e vislumbro suas mãos executando o balé da criação... Ora em frenesi, ora pacificamente deslizando sobre a mestria da inspiração.*

*Licença, meu Mestre! A vida e as coisas são estranhas. É como se um laço as unisse numa só alma. A vida acaba no corpo perecível. A alma fica. As coisas são mais eternas que o homem. O homem parte. Finda. A arte fica nas coisas para falar do homem. Do espírito do homem. Das suas entranhas. Do fervilhar de sua cabeça. Das vísceras do seu ser. Do seu olhar sobre-humano. Das cores fulgurando em sua vida.*

*Licença, meu Mestre! Com todo respeito, piso de mansinho. E respiro sua arte. Sinto sua presença insuflada no ar, falando categórica: "A morte não me mata. Fico na arte. Marco minha travessia para sempre".*

*Vejo agora suas aquarelas. Uma a uma. Tento desvendar o que lhe ocorreu em pensamento. Pelas datas, vejo o artista jovem. E viajo pelos campos e montanhas, por Teresópolis, por ruelas, por igrejinhas antigas... a simplicidade do rural... viajo... viajo...*

*Lembranças meio apagadas me tomam de assalto: você e meu pai, velhos amigos, visitando-se quase diariamente. E quando as pernas já não lhes permitiam atravessar as ruas, telefonavam. E o vejo, Mestre, lento e trêmulo, apoiando-se em bengala, penetrar a Igreja do Rosário para uma última visita ao*

## A ETERNIZAÇÃO DO ARTISTA

As iniciativas para lembrar Calmon, especialmente por meio da sua arte, têm sido empreendidas por Fernando Barreto com competência e obstinação. O irmão mais novo de Calmon fez desse mais um objetivo da sua vida, também marcada por vitoriosa trajetória profissional que inclui arte e magistério superior.

A cada ano vivido após a morte do irmão, Fernando eterniza a memória de Calmon Barreto, com quem desfrutou relações de irmandade, amizade, respeito, admiração e, por que não dizer, de afinidade entre pai e filho, considerando a diferença de idade entre ambos, característica presente nas antigas e numerosas famílias.

Assim ocorreu com a primeira exposição “Retrospectiva — um ano sem Calmon” de 1995, com a criação do Museu Calmon Barreto, inaugurado em 1996, com a “Exposição do Calendário Vargas 1940”, aberta à população em 1997, com esta Mostra de Aquarelas de 1999 e com tantos outros projetos que ainda viriam.

O contato permanente com o acervo, o trabalho constante de organizá-lo, conservá-lo e restaurá-lo, aliados à luta incansável para preservá-lo na sua totalidade, ocupam integralmente o irmão caçula. A meta final é fazer desse imenso e valioso conjunto artístico um patrimônio público de Araxá. Da missão a que Fernando se propôs, consta, evidentemente, a eternização do talento de Calmon Barreto. Regularmente ele deixa Brasília, onde vive com a mulher, a artista plástica Sylvia Serra Barreto, e os filhos, para visitar Araxá, para rever a irmã, Cordeília; para visitar a memória do irmão.

Com a propriedade de quem estuda com afinco a trajetória do irmão, dominando o conhecimento da sua história pessoal e

profissional, Fernando percorre o longo caminho de Calmon, fazendo dele uma leitura consistente.

Vejamos:

### Breve Conceito

*Analisando, sumariamente, a rica trajetória artística de Calmon, trilhada com tanta tenacidade e coerência, constatamos, de imediato, três etapas distintas, cada qual marcada por características particulares, resultantes de conotações ambientais, pessoais e culturais. Em todas elas, entretanto, predomina com maior ou menor intensidade, a vontade criativa de produzir arte, com a propriedade que lhe é peculiar.*

*Na primeira etapa, transcorrida em sua terra natal, mais precisamente em Araxá, pequena cidade do Alto Paranaíba, Calmon, criança e adolescente, tem a sua formação imbuída de princípios e tradições tipicamente arraigadas em antigas famílias mineiras. No lar, entre sonhos primaveris e atividades lúdicas, dá os primeiros passos no caminho subjetivo da arte, rabiscando, com pincel e restos de tinta escura e com rara habilidade, grandes figuras humanas em tamanho natural nas superfícies brancas das paredes posteriores da casa, despertando de imediato a atenção da família. Eis aí o primeiro “grafiteiro” da região.*

*Obviamente é a tendência do caminho a ser seguido. Por instâncias de um mestre pintor, ora trabalhando na vizinhança, e intervenção do pai, recebe as primeiras orientações desta almejada profissão.*

*Aos doze anos de idade, Calmon começa a trabalhar e, simultaneamente, a estudar desenho no Rio de Janeiro para onde é conduzido. Transcorre então, a partir de 1921, o início da segunda etapa que se estende até*



Convite da exposição “Noventa Anos de Nascimento”. 1999. Arquivo SAPP/FCCB.

*amigo. A emoção foi tão perceptível que você retornou imediatamente com a bengala trêmula. O paredão da morte os separou.*

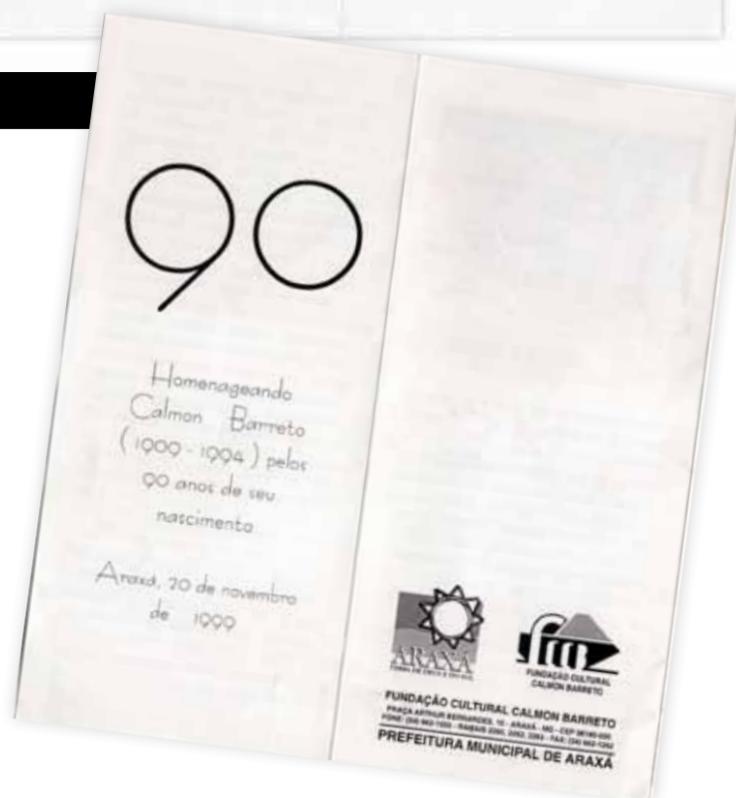
*Cinco anos depois, foi você. A morte não tem mesmo piedade nem daqueles que deveriam ser eternos!*

*Tomada pela emoção, procuro a porta, mas ainda me volto e lhe deixo, no relance do olhar, um abraço de paz no coração de Deus.*

*E me afundo no burburinho da rua.*

**Sofia Tannús Malki**

RF. 23



meados de 1966, quando regressa definitivamente para terminar o seu tempo de vida na terra natal. O período é marcado pela longa e árdua aprendizagem dos meios propiciatórios à criação artística, período pleno de acertos e desacertos, bastante produtivo e vital na sua formação cultural e profissional.

Didaticamente recebe o ensinamento tradicional da antiga Escola Nacional de Belas Artes, cujos fundamentos estéticos, filosóficos e técnicos têm como alicerce a escola clássica acadêmica, diretriz seguida, desde o século passado, pela maioria das escolas de ensino. Orienta-se, basicamente, no estudo das disciplinas que entende fundamentais: Desenho de Modelo-Vivo, Gravura, Escultura, História da Arte, Estética e Anatomia Artística.

Curiosamente, não se inclui o curso de pintura, área de especulação autodidata e de natureza individualista, na qual se expressa, inicialmente, influenciado pela ilustração de contos e crônicas, atividade esta de subsistência, que se efetua nos anos trinta e quarenta, em paralelo à prática da gravura e da escultura. Adquire, mais tarde, naturalidade e espontaneidade no modo de pintar ainda que a preponderância do desenho continue sendo uma constante em seus quadros. “A cor, se de início é convencional, ganha, posteriormente, harmonia e luminosidade. A temática abordada predominante é de preferência folclórica e histórica, como se observa na “Yara”, no “Cristo Crucificado Perante a Guerra” ou na “Batalha dos Araxás”.

Tanto na arte da gravura (cunhagem de medalhas e moedas) como na escultura encontra e adota, desde o princípio, em sua área de atuação profissional, padrões técnicos e estéticos concebidos universalmente no passado. Padrões que, em relação à moeda e à medalha, continuam praticamente inalterados, exceto na França e na Bélgica, influenciados pela Art Nouveau.

Nos anos 60, entretanto, nos intervalos, refugiava-se nas belas praias de Cabo Frio, onde descobre novos interesses: o mar, a duna. É quando inicia uma série notável de paisagens marinhas, de conotação nitidamente natura-

lista, bastante luminosa e formal, sem contudo serem, na técnica, impressionistas. É momento de amadurecimento e apuro técnico adequado no anseio de atingir seus objetivos de maior expressão estética e pictórica. Retomada significativa de rumo, quando ocorre o abandono definitivo da ilustração.

Tendo residência na Europa durante 2 anos, no usufruto do Prêmio de Viagem, conquistado em Concurso do Salão Nacional em 1929, Calmon presencia e convive, bem próximo dos movimentos avançados da arte moderna, tanto em Paris como na Itália. Visita com frequência os melhores museus de toda a Europa, inclusive a Bienal de Veneza. Viaja por diferentes países com a atenção dirigida especialmente para as grandes obras do passado e um pouco menos para a arte renascente.

Entretanto, os modismos e as novidades largamente difundidas pela mídia da época não são bastante fortes para justificar sua adesão, preferindo preservar suas convicções estéticas, as mesmas que embasaram sua formação artística. Neste rumo, mesmo em circunstâncias diversas, sofrendo pressões em sentido contrário, manteve-se, coerentemente, fiel aos seus princípios, até o fim dos seus dias.

Analisando os fatos e as circunstâncias que justifiquem a não adesão à nova escola que entusiasma muitos artistas de formação acadêmica, entre eles seu colega de escola, Cândido Portinari, pode-se presumir algumas causas que se entrecruzam e se manifestam de diferentes maneiras na personalidade de Calmon e na sua arte. Entre elas a origem familiar, cujos valores atávicos e tradições religiosas cerceiam quaisquer tentativas de mudanças inovadoras. Quando alcança a capital do país em 1922, não encontra ambiente aberto às várias correntes artísticas, mas, ao contrário, as academias tradicionais e conduzidas e controladas por mestres respeitáveis, brasileiros e italianos, de formação também acadêmica. Em Calmon, além do gosto pessoal, contabiliza-se o respeito e a gratidão pelos mestres de então do passado.

No âmbito da Escola Nacional de Belas Artes,

quando passa a integrar seu corpo docente, coube-lhe ministrar duas disciplinas cujo pressuposto conhecimento e prática é de Modelo Vivo e Anatomia Artística, área em que se encontra inteiramente à vontade.

A terceira e última etapa é marcada por duas ocorrências: o término das atividades docentes, quando se aposenta do magistério, e o retorno definitivo para Araxá. Já não suporta a turbulência urbana, agravada, ainda, pelas mudanças sociais e políticas da década de 60. Fechando o círculo, Calmon, uma vez instalado na velha casa onde nasceu, com a mãe e a pintora Cordélia, sua irmã, decide levar adiante com inteira liberdade, as novas idéias e experiências que lhe aprazem e, concomitantemente, melhores oportunidades para exercer a profissão de artista.

De início dedica-se à pintura de paisagens de grandes espaços que se descortinam no altiplano do sertão araxaense, as tradicionais fazendas povoadas de animais e as belas serras circundantes. Simultaneamente retorna à escultura lavrando, agora, a pedra bruta, na sombra de um velho e copado jenipapeiro, improvisado de ateliê.

A readaptação ao pequeno cotidiano da cidade não foi difícil, pois sua liberdade era completa, não competitiva e altamente gratificante. Nesse pequeno mundo, sua irmã Cordélia deu início a uma atividade até então inexistente na cidade, lecionando aulas de pintura, atividade artística que se expandiu e ainda perdura.

Estudioso e irrequieto, pesquisa na literatura direcionada à história e ao folclore regional, as origens da formação e desenvolvimento da cidade, a fim de subsidiar melhor na documentação das composições concebidas e articuladas em grandes telas que, aos poucos, iam ocupando as paredes brancas da sua recente nova casa e ateliê. A temática das bandeiras, dos desbravamentos, os conflitos pela posse da terra, os costumes passados recentes da vida rural, nos povoados e fazendas da região é a constante em suas obras.

Ao longo dos anos, adquire uma nova forma de expressão e de pintar tecnicamente bastante

peculiar e pessoal: a materialização das imagens se faz, sobretudo, pela força e energia dispensadas nos aspectos formais das composições não estáticas, da coloração viva, entretanto de fatura rala, porém equilibrada, de leveza contrastante, por vezes poética e irreverente, não caracterizando mais aquela de índole estritamente orientada em função do romantismo acadêmico, mas seguindo uma linha supostamente naturalista.

Nas esculturas, nas telas, como nos vários painéis que pinta, pode-se constatar o gradual desprendimento das leis canônicas antes observadas com rigor. Os efeitos convencionais da iluminação vão se diluindo como se vê na “Revolução de 1842”, “Extermínio do Tengo-tengo,” etc.

Esta nova linguagem identificada tanto na linguagem como na escultura, indica o seu verdadeiro estilo e é quando atinge a plena maturidade.

Nos seus últimos anos, a pintura adquire tonalidade mais dramática, inclusive na preferência temática de que são “exemplos” “A Cidade Destruída”, a “Evolução do Homem”, o “Enterro” etc.

A escultura em pedra e em outros tipos de pedra iria lhe proporcionar uma nova concepção estética, bem diferenciada das obras produzidas no Rio de Janeiro, caracterizada, sobretudo, pela simplificação e supressão de detalhes, antes, às vezes, conflitantes, obtendo assim equilíbrio e maior força de expressão formal e estética.

A ideia expressa de bloco individualista pode ser exemplificada no “Laçador”, no busto de “José Ananias de Aguiar”, a grande cabeça de “Leonilda”, etc.

Encontrando, entretanto, dificuldades na aquisição de material adequado, sobretudo mármore e de boa qualidade, e sofrendo já as limitações decorrentes da idade e da saúde, não pode ir mais além do que pretende. Quando indagado sobre novas esculturas, do porte das que antes produzira, alude, brincando, ao ponto de não ter mais um ateliê conveniente, pois desapare-

cera o que tinha à sombra do jenipapeiro. Um raio o havia abatido impiedosamente.

Finalmente gosta de citar uma declaração de Albert Einstein que encontrara nos estratos de Arte, publicados pela UNESCO: “O homem procura fazer, como melhor lhe convém, uma imagem simples e inteligível do mundo em que vive, logo tenta, de alguma maneira, substituir esse cosmo pessoal por um mundo de experiências que lhe permita superá-lo: é o que fazem o pintor, o poeta, o filósofo especulativo e o homem dedicado às ciências naturais. Cada homem transforma esse cosmo e sua criação no centro de sua vida afetiva, para encontrar a paz e a segurança impossíveis de alcançar na agitação limitada da experiência pessoal.”

Calmon, além das atividades direcionadas diretamente as artes plásticas, investe, também, na literatura informal.

## OS 100 ANOS

O ano de 2009 chegou para a Fundação Cultural Calmon Barreto com um duplo significado histórico. Há 25 anos criava-se a instituição que, mesmo tendo vivido momentos de rupturas e descontinuidades, manteve elementos da sua proposta inicial, consagrando-se como algo indispensável à vida da cidade. O patrono da qual ela tanto se orgulha e que acompanhou bem de perto sua primeira década, nasceu há cem anos.

No espaço de um século, Araxá viu Calmon Barreto nascer e viver a infância. Viu-o partir para estudar e trabalhar, produzir arte e formar novos artistas. Viu-o ser premiado. De longe, seguiu sua trilha, noticiando suas conquistas. Celebrou seu retorno depois de se aposentar e assistiu à grande produtividade artística a que se dedicou.

O mestre tornou-se referência e atrativo da terra. Instalaram-se obras de arte de sua autoria nos espaços públicos. Após inaugurar a Fundação Cultural, instalou-se o Museu de nome e de acervo inteiro referentes a Calmon. Em

Quando residente no Rio de Janeiro, escreve em segredo anotação diária, ensaia os primeiros contos e tenta escrever singelas poesias, além de ler muito sobre vários assuntos, com particular interesse pela civilização pré-colombiana e anatomia humana em suas várias modalidades. Agora em Araxá, dá continuidade às anotações do dia a dia e transforma em contos, não só as estórias transmitidas oralmente por gente do meio urbano e rural, como também da própria imaginação.

Muitos desses contos são publicados pela imprensa local. Em 1989 publica o livro “ARATICUM”, pela Fundação Djalma Guimarães.

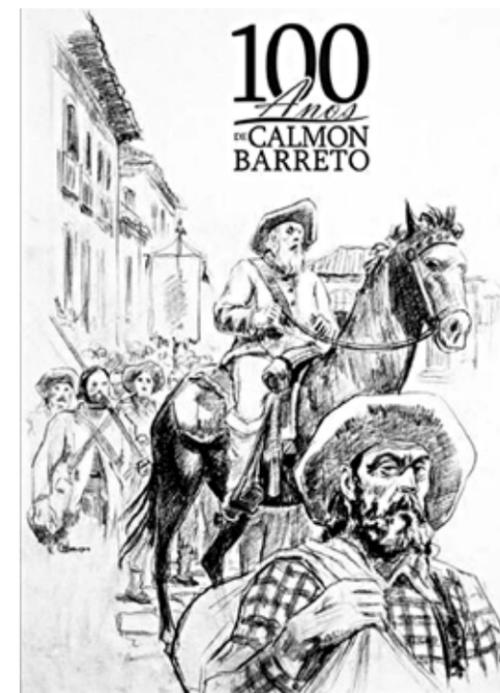
**Fernando Barreto**  
Brasília, 2000.

2008, a FCCB, tendo à frente Magaly Cunha Porfírio, enviou ao Ministério da Cultura um projeto que, aprovado, visava à aquisição de metade das obras que compõem o Museu e que serão patrimônio público.

Vive-se um novo ciclo neste centenário de nascimento de Calmon Barreto. Como tradição instituída e praticada regularmente por ocasião do dia 20 de novembro, data de seu aniversário, a Fundação e o Museu, juntos, celebraram a vida e a arte do patrono.

Fazem parte dessas comemorações o lançamento do segundo livro de contos de sua autoria — “Banco de Ripas” — e uma mostra de desenhos inéditos. Sobre o livro, dedicamos um espaço à parte nesta publicação, quando tratamos do escritor e cronista admiráveis. (ver à página 74).

Quanto à exposição em foco, esta retratou rascunhos produzidos para telas, ilustrações de livros e de revistas de relevância e apreço popular, bem como rascunhos para outros trabalhos. Estes desenhos passarão



Convite “100 Anos de Calmon”. Lançamento do livro de contos “Banco de Ripas” e abertura da exposição de desenhos. 2009. Arquivo SAPP/FCCB.

a integrar o acervo do Museu, conforme decisão da família.

Prosseguindo as comemorações do Centenário de Nascimento de Calmon Barreto, a FCCB realizou o 9º Salão de Artes Plásticas “Cordélia Barreto”. A abertura aconteceu no dia 19 de dezembro, aniversário da cidade, no espaço do Centro de Cultura, uma das vertentes que hoje compõem a Fundação.

A tradição dos Salões de Artes Plásticas, em Araxá, teve início em 1988, quando a artista plástica Maria José de Paiva Teixeira presidia a entidade. Instituído por sugestão de Calmon, que elaborou de próprio punho o regulamento original, o Salão inaugural ocorreu com grande sucesso. Naquela ocasião, o primeiro prêmio coube à artista plástica Marísia P. C. Ribeiro.

Na sua nona versão, o Salão mantém a estrutura projetada pelo patrono da Fundação, inspirada na extensa experiência por ele vivida em Salões de Arte nos quais recebeu os mais disputados prêmios nacionais.

No dia 19 de dezembro de 2009, um grupo de artistas expôs seus trabalhos de pintura em tela, seguindo estilos bem característicos de cada um deles: Armando Marchiori, Cecília Spínola Montandon, Cordélia Barreto, Cynthia Rocha Verçosa, José Dagualberto Borges – Dalguito, Lygia Cardoso Maneira, Mara Bacelar, Márcia Scarpellini, Maria José de Paiva Teixeira, Marília Mara Marques Honorato, Marísia Pereira Carneiro Ribeiro, Sandra Lúcia Borges, Sônia Suzana Dib Botelho, Tancredo Borges Guimarães (Quedo) e Vânia Maria Borges de Mesquita.

As obras dos participantes foram julgadas por Cordélia Barreto, Marísia Pereira Carneiro Ribeiro, Henrique Natal Vieira e Lygia Cardoso Maneira. Ao final foram premiados em primeiro, segundo e terceiro lugares, os artistas Maria José Donato, Daniel D’Cruz e Elton Brandão com as respectivas obras: Paineiras, Parati e Rancho da Antinha na categoria Pintura e Cristian D’Carvalho com o Desenho Ruínas do templo de Erecton.



Acima, “Paineiras”, tela de Maria José Donato. Abaixo, “Rancho da Antinha”, tela de Daniel D’Cruz.

Fotos: Quedo

## ANIVERSÁRIO DE CALMON E DA CIDADE

Tradicionalmente, ao celebrar seu aniversário, data comemorativa dos quase século e meio de elevação da antiga Vila à condição de Cidade, ocorrida em 1865, Araxá revive Calmon Barreto. Todos os anos, no dia 19 de dezembro, a Câmara Municipal de Araxá reúne-se em sessão solene para homenagear cidadãos e cidadãs que, por meio de suas ações cotidianas, buscam fazer dessa uma cidade melhor.

Aqueles que aqui não nasceram são agraciados com a cidadania honorária. Outra honraria concedida, na mesma data, pelo Conselho de Honrarias daquela Casa Legislativa é a Medalha Dom José Gaspar, uma iniciativa do então vereador Orédís Pereira dos Santos e instituída em 1980. Sua materialização remete à arte de Calmon. A convite da Presidente da Câmara àquela época, Elisa Maria Alves da Costa, o artista esculpiu originalmente o rosto de Dom José Gaspar. O modelo autêntico ainda

hoje é reproduzido, anualmente, pela Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, onde Calmon iniciou-se na carreira de gravador.

O mês de aniversário de Araxá é também aquele em que o governo de Minas Gerais passou a conceder a Medalha Calmon Barreto. A homenagem dirigida ao artista de Araxá foi instituída pela Assembleia Legislativa, em 1999, por iniciativa do então deputado araxaense, Dr. César de Mesquita, e regulamentada, em 2001, por meio de decreto.

Desde então, no dia desta cerimônia, profissionais da cultura e do turismo atuantes em todo o Estado, eleitos por lideranças das suas cidades, recebem a distinção sob a inspiração de Calmon Barreto. Afora a simbologia da medalha, todos os agraciados passam a contar nos seus acervos pessoais com um objeto que traz consigo o rosto gravado do mestre Calmon.



Entrega da Medalha Calmon Barreto, no "Grande Hotel do Barreiro", onde se veem os agraciados e as autoridades municipais e estaduais. 2008. Acervo Márcio Antônio Farid.

## CALMON NA MAIOR FESTA DA CULTURA BRASILEIRA

As lembranças de Calmon ultrapassaram o ano do seu centenário de nascimento, alcançando 2010. O Carnaval de rua de Araxá homenageou o mestre que, embora avesso às festas como forma de lazer para si mesmo, valorizava a tradição carnavalesca como aspecto cultural inerente à "formação do povo brasileiro".

No Carnaval de 2010, a Escola de Samba Unidos do Santo Antônio homenageou o artista Calmon, apresentando, na avenida João Paulo II, o samba-enredo "Calmon Barreto". A performance da Escola, tão tradicional quanto o seu bairro de origem

— um dos mais antigos da cidade — rendeu-lhe o segundo lugar dentre as concorrentes.

Mais uma vez, arte e cultura uniram-se para trazer à memória um nome da terra extremamente associado às diversas formas de expressões culturais. Sua marca se fez pelo talento individual que possuiu e pelas ações empreendidas para, através da arte, transformar positivamente as sociedades e os ambientes em que viveu. Por isso é que se tornou também objeto de reverência de sambistas da terra, cantado por centenas de populares numa grande festa de rua.

### Colorindo o mundo, eu vou esculpindo história 100 anos de Calmon

Autores: Alexandre Augusto Ribeiro (O Grande) e Pedro Elói Teixeira  
Samba Enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Santo Antônio

*Hoje nas asas do tempo  
Minha escola vem mostrar e cantar  
As histórias e vitórias vida e obra de um artista  
Centenário de Calmon  
Foi na Casa da Moeda que o multi facetado despontou  
Nas Belas Artes do Rio ele estudou.*

*Dos desenhos aos pincéis, dos relevos aos cinzéis  
Seu talento se aflorou  
Foi pra Europa onde se especializou  
Já foi aluno, professor e diretor se tornou polivalente  
Nessa arte por amor.*

*Foi consagrado com medalhas de ouro e prata,  
Ganhou troféus, seu povo representou, com as marinhas*

*Em Cabo Frio, Batalha de Guararapes, o Garimpeiro, o  
Laçador, aí está  
Criou medalhas dos ilustres de Araxá.*

*Escreveu contos e o Araticum  
Também lançou tão grande  
Apreço pela arte demonstrou Calmon Barreto  
Já faz 100 anos, vem cantar!  
Se colorir por mil motivos e dançar, extravasar  
Seu coração bate com a Mão, bate com a Mão.*

*Vou pintar de Aquarela o sol  
E esculpir com amor o que você gostava  
Na leveza dos passos de sua dança vi nascerem  
Amor e sonhos que eu nunca imaginei.*

## BODAS DE PRATA QUE VALE OURO

Os 25 anos da Fundação Cultural Calmon Barreto, como toda data instituída a partir do critério cronológico, foram completados em 27 de junho de 1984. Este foi o marco em que se registrou juridicamente a instituição. O início das primeiras atividades — o funcionamento do Centro de Artesanato e do Centro de Preservação do Patrimônio Histórico — aconteceu em 17 de dezembro daquele ano, nas dependências do Museu Dona Beja, mais precisamente em apenas duas salas cedidas por empréstimo. Este mais antigo museu de Araxá que, diferente de hoje quando é subordinado à FCCB, à época vinculava-se à Secretaria Municipal de Educação.

No ano seguinte, em abril de 1985, a Fundação transferiu-se para o antigo prédio da Estação Ferroviária cuja permanência, ali, viabilizou-se por um documento em que a Rede Ferroviária Federal, então proprietária daquele espaço, permitia o seu uso público para fins culturais através da Secretaria de Estado da Cultura.

Pouco a pouco, a Fundação cresceu, enfrentando inúmeros obstáculos e conquistando credibilidade. Expandiu seus domínios para além daquela propriedade que, posteriormente, por iniciativa do então prefei-

to, hoje deputado federal Aracely de Paula, foi incorporada ao patrimônio do município. Atualmente dela fazem parte museus, escola de música, centro de cultura, sala de apresentações (Cine-teatro Brasil), todos eles instalados em diferentes pontos centrais da cidade. Sua atuação tornou-se um símbolo da cultura aqui produzida. Sua sede firmou-se como ponto onde se encontram produtores de cultura, profissionais e consumidores de cultura.

Para reviver essa história nascida em 1984, instalada definitivamente em 1985 e construída ano a ano, até os dias de hoje, marcos de memória vêm se firmando para registrar esta data celebrativa. Nas dependências do histórico prédio, a população pôde assistir recentemente à apresentação da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais.

A Fundação Cultural Calmon Barreto tem seu trabalho na esfera cultural — estendido às ações sociais dele decorrentes — praticado, já há mais de 25 anos. Sob as luzes emanadas de um patrono que, por sua vez, esteve iluminado por talentos reluzentes em ouro, a instituição conquista a sua medalha de prata, firmando-se, ela própria, como patrimônio da cidade.



Apresentação da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais durante as comemorações das Bodas de Prata da FCCB. 15/05/2010. Acervo PMA.

## REFERÊNCIAS E FONTES

- RF. 01 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 1-6.
- RF. 02 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 80.
- RF. 03 - Texto de Calmon Barreto publicado pela primeira vez.
- RF. 04 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 6-8.
- RF. 05 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 10.
- RF. 06 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 15-16.
- RF. 07 - ANOTAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DE CALMON BARRETO – 1909/1994 – Transcrição Ângelo D'Ávila. Brasília, 1999, p. 10.
- RF. 08 - LETRAS. Jornal Informativo e Literário da Academia Araxaense de Letras. Araxá/MG, nº 2, julho de 2009, p. 11.
- RF. 09 - Recorte sem data, de reportagem de Heitor Gentil Montandon publicada no "Correio de Araxá".
- RF. 10 - Reportagem de Atanagildo Côrtes publicada no Suplemento do jornal Correio de Araxá. Ano XXX, 12/07/1986, nº 1743.
- RF. 11 - Reportagem de Elaine Denise Oliveira publicada no Jornal das Geraes, Ano IV, 05/09/1987, nº 175, p. 6.
- RF. 12 - Reportagem de Heleno Álvares publicada no jornal Correio de Araxá, Ano XXXV, 25/04/1992, nº 2227, Coluna Mina das Artes, p. 11.
- RF. 13 - Revista Reflexos. Ano III, nº 14, out/nov. 1987. Uberaba. p. 14 e 15.
- RF. 14 - Artigo da Revista Clube da Medalha do Brasil, sem assinatura. Ano II, nº 4, ago/1993. p. 11-13.
- RF. 15 - LETRAS. Jornal Informativo e Literário da Academia Araxaense de Letras. Araxá/MG: julho de 2009, Ano 2, nº 2, p. 5.
- RF. 16 - BARRETO, Calmon. Banco de Ripas. Uberaba: Gráfica e Editora Publi, 2009. 186 p.
- RF. 17 - Livro de Atas. Arquivos da Academia Araxaense de Letras.
- RF. 18 - TEIXEIRA, Maria Santos. Retalhos que o tempo deixou. Belo Horizonte: Editora Vega S.A., p. 1.
- RF. 19 - DRUMMOND, Olavo. Ensaio Geral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 90-91.
- RF. 20 - LETRAS. Jornal Informativo e Literário da Academia Araxaense de Letras. Araxá/MG: julho de 2009, Ano 2, nº 2, p. 5-11.
- RF. 21 - Revista Casa da Moeda, maio/jun/1949, ano III, nº 15.
- RF. 22 - O Trem da História. Fundação Cultural Calmon Barreto. Araxá, nº 24, out/dez, 1997, p. 3.
- RF. 23 - Correio de Araxá. Araxá: 05 de fevereiro de 2000, ed. 2747, p. 7.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

- BARATA, Mário. Séc. XIX. Transição e início do séc. XX. In: ZANINI, Walter (Org.) História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Sales, 1983.
- BARRETO, Calmon. O desenho e sua atualização. Rio de Janeiro, 1950.
- BARRETO, Fernando. Estrada da Vida e uma História Familiar. Correio de Araxá. 08/mai. a 19/jun. de 2010, Caderno 3.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MICELI, Sérgio. Imagens negociadas: retratos da elite brasileira -1920-1940. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- ROCHA, Gisele Lourenzato Faleiros da. Memória do Brasil Mineiro: imagens da cidade de Araxá no século XVIII. Correio de Araxá. 30 de agosto de 2008, p. 11.
- VELHO, Gilberto. Ciências sociais e a biografia individual. Estudos históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, nº 36, 2006, p.1-7.



Autorretrato em exposição no Museu Calmon Barreto. Desenho em giz pastel dedicado à Cordélia. 60x45 cm. 1944.

# CALMON

(WILLIAM BRUNO)

Voz

F Em A7

Tchu ru tchu tchu... Tchu ru tchu tchu

Dm Dm/C B $\flat$  C7

tchu ru tchu tchu tchu ru tchu tchu

F Em A7 Dm Dm/C

1. Ah, quem me de...ra pin...tar Ah! quem me de...ra de...se..  
 2. Ah, quem me de...ra mol...dar Ah! quem me de...ra es...cul..  
 3. Ah, quem me de...ra vo...ar Ah! quem me de...ra repou...

B $\flat$  C7 F F/E Dm G7

nhar as...sim Den...tro de mim  
 pir as...sim E ser do bem  
 sar as...sim Em um museu... his...

B $\flat$  F Em A7 Dm B $\flat$

ver a...lém Vai... Faz... Junte as nu...vens e  
 ser Cal.mon tó...rias.

Gm C7 F Em A7

fa...ça seus be...los mu...rais Vai... Faz...

Dm B $\flat$  Gm C7 F

Pin.te esse céu com as co...res de Mi...nas Ge...rais.

Durante as comemorações do centenário de Calmon Barreto, em maio de 2010, a Secretaria Municipal de Educação, através do Projeto TIM ArtEducação, apresentou o espetáculo "Uma noite no Museu: 100 anos de Calmon Barreto", com 200 crianças e adolescentes. Na ocasião o Coral Infantil "Dó-Mi-Sol", da Escola Municipal de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo, interpretou "Calmon", música e letra de William Bruno, professor-arranjador da referida Escola.



# CALMON

(WILLIAM BRUNO)

Ah! Quem me dera pintar  
Ah! Quem me dera desenhar assim  
Dentro de mim, ver além

Ah! Quem me dera moldar  
Ah! Quem me dera esculpir assim  
E ser do bem, ser Calmon

Vai, faz...  
Junte as nuvens e faça seus belos murais  
Vai, faz...  
Pinte esse céu com as cores de Minas Gerais

Ah! Quem me dera voar  
Ah! Quem me dera repousar assim  
Em um museu, histórias

Vai, faz...  
Junte as nuvens e faça seus belos murais  
Vai, faz...  
Pinte esse céu com as cores de Minas Gerais

